

*Discurso pronunciado em sessão solenne da Sociedade Philanthropico-Academica pelo Procurador da mesma Sociedade, Alexandre Meyrelles do Canto e Castro, no primeiro de Maio de 1852.*¹

Meus Senhores:

A Direcção da Sociedade Philanthropico-Academica vem hoje collocar uma pequena pedra no grandioso edificio, em que trabalham tantos obreiros illustres. Não é porém uma flor que ella vem trazer ao templo; é o ramo d'um cardo ignoto e pobre, mas que foi colhido com devoção; é um anhelar ardente pelo bem da nossa terra, umas gottas de suor da fronte de mancebos.

Conta já a nossa sociedade dous annos de vida, e no meio deste seculo transitorio e ligeiro, que por nós vae correndo, largo viver é este. Carece todavia mal sazonado fructo de arvore moça, de quem lhe ampare os ramos, lhe regue o tronco, lhe dirija a nutrição.

Que seria da sociedade que sustentaes com tanto disvelo, se á caridade, que inspirou seus nobres fundadores, vós substituisseis o frio e gelado indifferentismo?

Morta em breve, dir-se-hia della o que de tantas outras se tem dicto no nosso mal-fadado paiz; assim como nasceu, assim morreu. O arbusto da montanha quando o vento o sacode, se o cedro gigante lhe não estende sua mão poderosa, inclina a cabeça para o chão, e despedaça suas raizes na terra. Vós, senhores, sois o cedro que abriga com sua sombra o pequeno arbusto. Retirae vossas vistas d'esta sociedade nascente, e tereis anniquilado o futuro de muitas familias, e talvez, as esperanças da patria; pois quem sabe quantos genios que ó sopro da desgraça ha amortecido, poderão ainda um dia abrigar-se debaixo do vosso tecto hospitaleiro? Quem vós disse, que a Providencia não destinou a algum nobre mancebo protegido por vós, arrancado por vós á miseria, á fome e á prostituição do corpo e do espirito, o salvar a nossa cara patria da ruina que

¹ A pedido d'alguns amigos, e por querer conservar de um modo mais duradouro as recordações da minha vida Academica, resolvi-me a publicar este pequeno discurso que pronunciei por occasião do anniversario da instalação da Sociedade Philanthropica, e que me não consta ter sido ainda publicado.

lhe está imminente? Quem ha ahi d'entre os filhos d'esta terra, por mais pequeno que seja, de quem se possa dizer: este tem uma voz cujos sons se perdem nos ares, um braço cujos golpes não tem força para defender o que ha de mais caro no mundo, um peito aonde o ferro do inimigo não ha de encontrar resistencia? Nenhum, senhores, porque na hora do perigo, velhos, mulheres e crianças só tem um coração unisono para offerecer em holocausto á terra da patria; nenhum, porque todos nos lembramos, que este ar que respiramos, é o ar que nos soprou nas faces nos dias da infancia, este sol que nos allumia é o sol que guiou nossos navios pelos mares do Oriente, este céu que se estende sobre nossas cabeças é o céu Portuguez, tão bello, como nenhum outro no mundo, e aonde nossos pensamentos se retratam com amor, aonde procuramos os oceanos do infinito, e os immensos horizontes que o braço da Providencia lançou no espaço.

Que felicidade, senhores, ter nascido n'esta terra, aonde as recordações são tantas, que hoje, que parece ter tombado para sempre o astro da nossa gloria, ainda nos podemos sentar ao sol das nações e dizer-lhes: como vós, nós tambem já fomos, mas em troco de nossas passadas grandezas deixounos Deus um ar tão livre, que não ha tyrannia que dure muito tempo nas nossas montanhas e terras e rios e mares, onde repousamos a vista adormecidos ao som de suas vagas.

Sabeis, o que deu a Portugal riqueza, independencia e liberdade no passado? Foi a união de todos os seus filhos, a associação livre e generosa de quantos braços então lavravam a terra, e sulcavam os mares.

Abraçados como irmãos fomos desenrolando pelo mundo as Quinas Portuguezas, e nem Moiros nem Christãos poderam derribar a terrivel muralha de peitos d'aço que nós lhe oppozemos. Diga-o Ourique, Aljubarrota e essa nunca interrompida cadeia de combates que fez restituir ao Evangelho esta boa terra de Portugal, terra mais que nenhuma de martyres.

Digam-no' as nossas façanhas no Oriente, e veja-se sobre as ruinas d'Ormuz o astro da guerra, Albuquerque, dilatando com seu sangue o imperio Portuguez.

Mas o que nós fomos, ainda podemos sê-lo. Vêde a Suissa, povo pequeno, respirando a liberdade nos seus rochedos brancos

de neve, encravada no coração da Alemanha, mas forte pela união de seus filhos, terrível no dia da peleja.

Somos pequenos na extensão, é verdade, mas na Europa, na Asia, na Africa, nos Açores, a nossa lingua ainda é falada por corações Portuguezes. Não são os vastos

¹ Hoje, que os partidarios da união Iberica manifestam tão abertamente o intento de fazer de Portugal e Hespanha uma vasta monarchia ou confederação republicana sob o titulo d'Iberia, estas idéas parecerão demasiadamente talvez retrogradadas. Com tudo os três annos que se seguiram á epocha, em que este discurso foi pronunciado, não me fizeram mudar de proposito, antes perseverar n'esta idéa, consagrada pela historia, que um povo pequeno, mas unido, ainda que a politica das nações não assente sobre o equilibrio constitucional, tem em si poderosos recursos para manter a sua independencia e industria.

Estes laços feitos á viva força entre nações que durante seculos tiveram sempre a lança em punho uma contra a outra, e cuja historia está assignalada por longas e cruentas batalhas, correm, por via de regra, o risco de serem annullados e dissolvidos, senão pela geração que os contrahiu, pelo menos pelas que se lhe succedem. Para não ir mais longe basta lançar os olhos para essa mesma Hespanha, que os Iberos Portuguezes chamam o jardim da Europa. Quantas provincias não estavam annexas á corôa de CARLOS V. e de PHILIPPE II? Unidas pela espada, ou por allianças de familia, mais tarde sacudiram o jugo, e esmagaram os seus oppressores. Nós mesmos depois d'esse ignominioso captiveiro principiado em 1580, arrancamos, sessenta annos depois, a librê d'escravos, e desfraldamos outra vez ao vento as cores da independencia. Todavia não eram nem montanhas nem rios que nos separavam de Hespanha, nem a differença do idioma, que é quasi irmão do nosso; as circumstancias que hoje fornecem tão largo assumpto aos pomposos discursos dos evangelisadores do Iberismo, eram as mesmas que então se davam, salvas as differenças que a civilização traz sempre consigo, mas differenças que nunca alteram a organização regular e peculiar de cada povo, a ponto de lhe fazer esquecer suas tradições, seus rancores e rivalidades. O character Castelhana era n'esse tempo, e é ainda hoje, orgulhoso e vingativo. O character Portuguez é altivo e generoso. Desculpem-nos a franqueza com que aqui, n'estas poucas linhas, expendemos a nossa opinião.

Não conhecemos o povo Hespanhol, senão pela historia; e por isso podemos enganar-nos; mas a historia confirma este nosso juizo.

Repugna com o nosso senso politico e moral uma assimilação ou feita a golpes d'espada, ou por tramas a *Christovam de Moura*, ou por pactos de familia, porque intendemos que a herança dos povos não deve ser nem patrimonio dos reis, nem brinco d'ambiciosos.

Á vista do que deixamos dicto, dirá alguém. « Vós quereis então que este povo viva eterna-

dominios quem tornam um povo feliz; vive-se mais contente na choça do pastor do que no palacio do rico.

A natureza foi prodiga connosco, deunos o pão que alimenta, o vinho que alegra o espirito, e os fructos deliciosos da America; todo esse manancial de prosperidade

mente na miseria, que a divida externa e interna lhe devore as suas ultimas migalhas, que venha depois a bancarrota lançal-o no abysmo da dissolução, vós quereis a escravidão em lugar da liberdade, a tyrannia em lugar da justiça, o privilegio em lugar da egualdade, a monarchia em lugar da republica. Não! nós não queremos nem a escravidão nem o privilegio, nem a tyrannia nem a monarchia, e logo que nos provardes que esses quatro flagellos das nações podem desaparecer com o vosso systema de monarchia ou confederação Iberica, iremos pedir-vos um lugar nas vossas fileiras, e a honra de combatter pelo triumpho da vossa causa.

Por em quanto permaneceremos no nosso posto, e se um dia ouvirmos o clarim das batalhas chamando as armas pela independencia, ali aonde essa bandeira tremular sem nos importar se são legitimistas ou republicanos os que querem defender a liberdade da patria contra o jugo do estrangeiro, havemos nós correr por vontade e coração.

É, que primeiro que as nossas aspirações está a consciencia e o dever; é, que primeiro que as nossas crenças politicas está o symbolo de todas as liberdades e de todas as crenças — a patria! É, que finalmente para dizer tudo em poucas palavras, não temos a louca vaidade de querer impôr aos nossos compatriotas o credo que professamos. Somos pela Republica, e seríamos contradictorios com o nosso systema, se para obter o pomposo título de reformadores, desprezassemos os maximos interesses do povo.

No meio d'essa lucta implacavel que arma os partidos e os povos uns contra os outros, uns, e é um grande numero, tem a liberdade nos labios e o despotismo no coração, outros porém defendem a liberdade do pensamento e a causa da justiça e da verdade.

Os ultimos são sempre os perseguidos e calumniados. São os martyres do seculo.

Quando os ferros se cruzam no chão da patria, não distinguem bandeiras; para elles todos são irmãos; mas quando o estrangeiro quer desapossal-os da herança honrada de seus avós, julgar-se-hiam réos d'infamia e covardia se com o ferro lhe não disputassem a posse.

Estes são os homens da cousa publica. Não recebem o santo de nenhum partido, não vendem a liberdade de seu pensamento por todos os interesses da terra. Se um dia uma d'essas idéas que passam rapidas no espirito como a centelha, que ora fulgem no espaço, coroadas de luz, ora se precipitam nas trevas, pôde, sem perigo para a patria, sem offensa para a liberdade ser defendida e apregoadada por elles, fazem-no com enthusiasmo e com fé, e abençoam a hora em que essa idéa se arreigou no solo, e se transplantou nas instituições.

seria porém uma rapida chimera, se nos deitassemos no chão, como o Turco indolente, ou como o Arabe do deserto, e se o não augmentassemos pelo trabalho, pela industria e pela associação de todos os esforços.

Se desunidos e disseminados continuar-

Mas, esses homens, d'antes quebrar que torcer, odeiam e abominam o papel d'esses energúmenos traidores, que se estorcem em vãs declamações, promettendo a todos liberdade, egualdade e fraternidade, tres irmãs gêmeas, que nunca viveram junctas a não ser no cerebro escandecido de Platão, de Saint-Simon, Pierre Leroux e Robert Owen.

Terminaremos igualmente esta nota, que já vae demasiado longa, com uma confissão que quizeramos guardar no silencio do nosso coração, se a verdade não nos exigisse este sacrificio, e vem a ser que homens d'esta tempera, desassombrados de influencias, de partidos ou facções, escravos do dever e inimigos de todo e qualquer despotismo, conhecemos bem poucos no nosso paiz, e infelizmente não são os que governam essa nau do estado, batida de tantos ventos.

Palinuros perdidos no oceano das guerras fraccedidas, o vento das paixões arrojou-os sobre a praia do exilio, e o ostracismo politico, essa pena das republicas ainda na infancia, foi a recompensa de seus longos trabalhos, de seus serviços pela liberdade.

Não nos referimos aqui a nenhum bando politico em especial, que filhos da mesma patria são tanto os que combatem pela legitimidade, como os que combatem pela democracia.

Ha porém n'aquelles dois grandes partidos, e chamo-lhes grandes, não pelo numero de seus partidarios, mas pelas idéas que encerram, homens de coração, dos quaes, uns são votados a uma idéa consagrada por trinta ou quarenta seculos, outros a uma outra idéa, mas nova ainda, e com tudo já robustecida por um seculo de combates e triumphos.

Todos porém commungam no mesmo altar, e por isso, um dia, quando pela marcha incessante das idéas, e pelo progresso da civilização, esses veteranos da antiga monarchia, olhando em roda de si, virem suas phalanges rareadas ou dispersas, ou que o solo da patria lhes treme debaixo dos pés, ameaçando tragal-os e a essa mesma patria que juraram defender, então hão de sepultar a sua velha e gloriosa bandeira tomando a Deus por testemunha de que o fizeram não por medo ou covardia, mas por julgarem um crime o lutar contra a lei providencial assignalada por Deus a cada povo na estrada do progresso, e só desde esse momento, que não será talvez em nossa vida, Portugal tornará a reconquistar o seu lugar entre as nações.

Que todos os que sentem bater-lhe no peito um coração Portuguez, meditem este pensamento de fusão, e nossos filhos poderão ainda ter uma patria, a liberdade um templo, e a justiça um altar em que todos hão de vir immolar seus interesses e paixões.

mos a rasgar as entranhas da patria, ella succumbirá depressa, e seus filhos nem sequer poderão prestar-lhe as derradeiras honras funebres, porque alguém virá depois lançar ao vento suas cinzas.

Então n'esta terra por onde passaram Romanos, Godos, Alanos e Suevos, se cruzariam novas raças, e a Europa teria de ver uma nova Polonia no occidente.

A vós, senhores, a quem serão um dia confiados os destinos d'este povo, incumbe o desviar para sempre tão medonho porvir. Continuae pois no vosso benefico empenho de derramar no paiz este salutar principio da associação, o unico, que nos pôde salvar, e que se diga por toda a parte que a Mocidade Academica é sempre a primeira nos nobres exemplos de dedicação e de gloria.

THEATRO ACADEMICO.

O Theatro, indubitavelmente, é o prazer predilecto de Coimbra. Em abrindo as suas portas, eis ahi o publico conimbricense a afluir á porfia, e a povoar profuzamente o salão; a platêa fica sem um lugar deserto, a galeria dos camarotes completamente, vistosamente, guarnecida. E, depois, tambem é o unico prazer n'esta terra o theatro: tudo folga, e se julga feliz de o gosar. Aqui os prazeres officiaes, e de cartaz são raros, e commemoraveis; são como a apparição meticolosa d'um cometa, ou como as formosas innundações do Nilo portuguez. Os bailes, concertos, *soirées*, qualquer festa emfim, são excepções da vida pautada e regrada da cidade. Um baile aqui, torna-se um acontecimento do dia, tem a sua historia, e merece os elogios do arrojado. Os obrigados circos-equestres, com os seus eternos e monotonos exercicios, pomposamente annunciados em cartazes hyperbolicos, em balde tentam attrair, e desfastiar, mesmo por algumas poucas horas. Algumas vezes, o fero combate de touros, tão gabado, e decantado de *divertimento nacional*, e essencialmente brutal e sanguento, vem levantar a poeira do circo, e encantar os amadores; mas estes combates são raros, e os amadores tambem não são muitos. Os prazeres reduzem-se, por fim, ás simplicis reuniões familiares, aos passeios bucolicos, e ás impreteriveis e classicas practicas de amigos, e a pouco mais.

Eis a vida de gozos d'esta terra; eis as festas que a alegam, e lhe quebram a monotonia. Por isso, o theatro aqui é duplicadamente necessario, e triplicadamente apreciado. O Theatro Academico, portanto, deve ser querido n'esta terra, como o unico prazer possivel, como um antidoto do fastio e do *spleen*, — de que sempre se ha-de sentir roída uma sociedade ociosa, e erma de distracções. As suas recitas são sempre uma boa nova, não só para os que amam, e comprehendem a arte, senão para todos os que vão procurar na scena um recreio e uma diversão; pois n'este theatro tem sempre realçado o talento, e o gosto da mocidade academica, que lhe dá vida.

As ultimas recitas bem mostraram quanto é querido e desejado sempre um espectáculo: n'ellas a enchente foi real: a sala estava inteiramente apinhada. Ora, tambem é um motivo para apreciar o theatro o ser elle a exposição, o *rendez-vous* do mundo elegante de Coimbra:—lá vai mundo elegante em Coimbra, em que pese aos pessimistas d'esta terra. Mas aqui ha elegancia, ha *bom tom*. Isso ha. Veja-se. Entre-se no theatro,—já que n'outra parte não ha ver, nem admirar a elegancia e bom gosto conimbricense. Está tudo plenamente desdobrado, passe tudo em revista a porfiosa luneta, e o ponderoso oculo de punho. Quantos bustos elegantes se não debruçam por esses camarotes, quantas variadas formosuras não bordam aquella galeria! Alli as fórmas graciosas, e a mobilidade viva de palidas donzellas. Além um rosto oval e expressivo, typo singello de graça e poesia. Acolá uns gestos e ademanos distinctos, um *lunetar coquette* a cruzar-se incessantemente. Aqui a figura mais candida e *réveuse*, d'uma distracção e immobilidade adoraveis, a quem o dito mais provocante da scena não vale a abrir um sorriso na bôcca melancolica... Lá está uma virgem, joven, e suave, como um botão de rosa... e uma rosa, já aberta, e luxuriante, de gallas e perfumes, seductores... Vê-se um typo animado, moreno, bello das graças peninsulares. Descubrem-se typos gregos, romanos, britanicos, — bellos, artisticos, graciosos.

Na scena—o espectáculo no espectáculo—, na 1.^a das tres recitas, deu-se o Camões do Rocio. Esta comedia é do, fallecido, Sr. *Ignacio M. Feijó*; auctor de outra peça intitulada — *Carlos, ou a familia do avarento*, e habil traductor de varias peças do repertório do theatro da rua dos Condes, quando este

theatro mais floresceu, e possuia os nossos principaes talentos artisticos. As producções do Sr. *Feijó*, teem todas o sello do talento, e uma linguagem castiça, e appropriada. O Camões é uma engraçada comedia de costumes, e tambem de character; com um bello e terso estylo, fallada em portuguez, e com esses typos tão portuguezes, e tão da epoca, é digna de ser contada como uma das melhores comedias nacionaes, e, realmente, merece os triunfos da scena e da imprensa com que foi saudada no tempo da sua criação. Com tanta originalidade, tanta côr local, tantas feições characteristics, poucas comedias tem o theatro portuguez: n'elle, em grande parte, é quasi tudo imitação; as mais das vezes mescla contrafeita e repugnante de costumes estrangeiros, em que são os nacionaes amaneirados.

No Theatro Academico foi esta composição superiormente executada. Os actores, já conhecidos e estimados, deram novas provas de quanto podem, e quanto são apreciaveis seus dotes artisticos.

Os que fizeram as suas estreias revelaram os seus variados e proficuos talentos.

N'essa noite tambem, em obsequio, o Sr. Gasparini tocou, com o costumado gosto e mimo, algumas variações no seu *accordeon*.

Nas duas ultimas representações repetiu-se o Camões, e a Viuva, alternadamente, com duas comedias novas: — *Por causa de um algarismo*, e *O Juiz eleito*. Esta ultima, no seu genero, tem algum merito; aggrada ás platêas; faz rir, com esse sabor salgado de sal grosso.

São composições que deixam quasi tudo ao actor; mas este, embora encontre na platêa certos applausos, e estrepitosa hilaridade, prestando primeiro a arte, não se deve seduzir dos *claqueurs*, que estalam inoportunamente, e que quanto mais estão gosando parece que mais nada querem ouvir, affogando tudo com o impertinente entusiasmo, de que estão possuidos, com sensiveis interrupções para a scena. Os que mais teem o condão de fazer rir devem com cuidado livrar-se d'essa exaggeração que provoca, que tem perdido mais de um verdadeiro engenho comico, e que os despenha n'esse genero hoje do dominio das engenhosas livrarias ambulantes. E, depois, n'um theatro onde o actor só tem a temer os applausos, em nada deve sacrificar a arte, e a natureza, ao gosto e explosão de uma parte da platêa, que não deve ser a platêa da actualidade.

Os *couplets* e a musica eram proprios, e lo-
caes.

A outra peça foi a *Viuva*, do Sr. Gomes d'Amorim. Esta composição já foi devidamente avaliada por juiz competente: entra no numero das producções do talentoso poeta, auctor do *Ghigi*, e do *Odio de raça*, e outras mais. Egualmente, o seu desempenho agradeu, e foi applaudido.

Em quanto ao *Algarismo*, é uma *farça* de pouco merecimento, atada n'uns equivocos pueris, sem espirito, nem verosimilhança. Graças ao desempenho, pôde-se tornar supportavel.

A mocidade academica, que forma a actual companhia, não desmerece de quantas teem dado lustre, e verdadeiro renome á Academia Dramatica: cultiva uma arte, d'onde saem frutos com bellas flores.

Que o theatro não adoça de preguiça; e continue a alegrar os serões de Coimbra com os unicos prazeres de Coimbra.

A INFANCIA E MOCIDADE DOS GRANDES HOMENS.

Benjamin Franklin.

I.

Por variadas que sejam as formas com que se pretende multiplicar este livro eternamente instructivo da vida dos grandes homens, nunca serão demasiadas para tão util e elevado proposito.

Mas ha uma cousa a que nem sempre se tem attendido: é mostrar aos leitores d'este livro d'oiro da humanidade, como, desde os mais tenros annos, os homens, que conquistaram pela sua gloria a immortalidade n'este mundo, haviam preparado pela sua conducta e character, pelas tendencias de seu coração, e pela direcção de sua educação, o papel que depois vieram a representar. É o que hoje me fiz cargo provar, narrando a infancia e mocidade de Franklin, cujo nome é não só uma gloria para o paiz que o viu nascer, como para a humanidade inteira.

E na verdade, desde a mais tenra idade até ao momento em que depois de muitas luctas e privações a fortuna lhe sorriu, elle seguiu constantemente a carreira que se havia traçado, sem nunca se desviar d'ella uma

só linha. O spectaculo d'esta existencia é um dos mais excellentes livros que se podem offerecer aos olhos dos homens.

A applicação ao trabalho, o respeito pela familia, o ardor do estudo, a paciencia nos revezes da fortuna, o amor do bem, a caridade, a economia, todos os elementos em fim das grandes virtudes, e dos grandes talentos que mais tarde fizeram de Benjamin Franklin um homem illustre e util a seus semelhantes, um homem de bem e de sciencia, encontra-se nas menores circumstancias da sua vida de creança e de mancebo.

II.

Benjamin Franklin nasceu aos 17 de Janeiro de 1706, em Boston, capital da provincia de Massachussetts, então uma das colonias da America do norte sujeitas ao dominio inglez. Seu pae viera de Inglaterra estabelecer-se na America, aonde exercia a profissão de fabricante de sabão e de sebo. Estava mui longe de ser rico, e tinha sete filhos.

A familia de Benjamin, destinando-o, por ser o mais moço de todos, ao ministerio do Evangelho, collocou-o n'um estabelecimento aonde elle devia receber uma educação superior, que podesse um dia elevá-lo á altura d'um prégador instruido e distincto.

Franklin tinha então oito annos. Infelizmente seu pae, como já disse, não era rico, e bem depressa achando-se impossibilitado d'acudir ás despesas que necessitava tão brilhante educação, com grande pezar do pobre menino, que mostrava uma extrema assiduidade no trabalho, e notavel intelligencia, viu-se obrigado a retirá-lo do collegio.

Franklin foi então enviado para a escola gratuita de Boston, aonde apprendia tudo quanto era possivel ensinar-se n'um estabelecimento, em que a instrucção era sómente elementar.

Não tardou porém muito que seu pae o não chamasse para o ajudar na sua pequena fabrica de sabão e de sebo; mas Franklin mostrava uma invencivel repugnancia para semelhante mestér.

Então empregaram-no em casa d'um couteleiro. Aconteceu-lhe o mesmo que no collegio; os recursos da familia não foram ainda sufficientes para satisfazer o elevado preço que exigiam para a sua aprendizagem.

Franklin, filho obediente e respeitoso, soffria com paciencia estas continuas varia-

ções, conformando-se sempre com as ordens de seu pae, que não sabia a direcção que lhe havia dar.

Franklin, como se tivesse um occulto sentimento de seu futuro destino, não se tinha descuidado, durante este tempo, em continuar a instruir-se.

Falto de mestres, sem outros soccorros que os da sua firme vontade, trabalhava com assiduidade exemplar, lia bons livros, livros serios, e cultivava seu espirito em quanto seus braços estavam ociosos. Era precisamente n'algum d'esses livros que lhe tinham caído nas mãos, que elle havia bebido essa sabia resignação e prematura razão, de que nos offerece innumeradas provas a historia da sua mocidade.

Um de seus irmãos, operario typographo n'uma imprensa de Boston, obteve de o poder ter em sua companhia, e iniciou-o n'essa profissão que pareceu sorrir a Franklin, por demandar applicação da intelligencia, e por ser de feito a primeira das profissões manuaes. O tempo que seus camaradas consagravam aos prazeres e ás distracções proprias da sua idade, gastava-o elle em comprar livros. Todas as vezes que em algum livro achava algum preceito de moral, algum conselho sobre o modo de viver, de se alimentar, e de conservar a saude, fazia logo a experiencia, e em despeito do seu temperamento e da sua razão, adaptava-o a si, como regra de conducta ou de hygiene.

Era assim que desde a sua mocidade, elle se compuzera uma especie de código de que nunca se desviou, modificando-o sómente segundo as exigencias e condições da sua idade.

Por exemplo, tinha lido que o regimen dos vegetaes era mais sã para certas constituições, que não o das viandas; fez logo a experiencia, e foi sempre bem succedido; porque até morrer nunca tomou outro alimento. A grande vantagem que immediatamente lhe resultou, foi realisar uma economia notavel sobre o preço da sua alimentação, e applicou essas economias no augmento da sua bibliotheca. Tinha assim dous proventos ao mesmo tempo.

Franklin conservou-se cinco ou seis annos com seu irmão; mas este ultimo não foi sempre para elle o que devia ser. Resultou d'aqui uma desavença entre elles. Benjamin deixou a officina. Tinha podido aprender só e sem mestre duas sciencias mui difficeis, as mathematicas e a astronomia; o

que lhe inspirou não orgulho, porque nunca houve homem mais modesto, mas uma certa confiança mui legitima nas suas forças. O conhecimento que tinha das mathematicas e da astronomia inspirou-lhe a idéa de se fazer marinheiro. Seu pae não annuiu a este seu desejo. Franklin sujeitou a sua vontade á de seu pae, sem replicar; mas como se tractava d'achar em que se empregar, e n'essa epoca não existia em Boston senão uma só imprensa, a de que elle acabava de sair, viu-se obrigado a deixar a sua terra natal para ir procurar n'outra parte emprego para os seus braços e intelligencia.

Franklin tinha então quinze annos.

Embarcou para New-York; a viagem tirou-lhe a vontade que tinha d'abraçar a vida maritima. Não tendo achado emprego nas impressas de New-York, poz-se a caminho para Philadelphia, e concluiu a jornada de uma a outra cidade quasi toda a pé. Só no fim, quando extenuado de cansaço, é que embarcou em um navio, e obteve a sua passagem por preço mui modico, com a condição de ajudar a tripulação nas manobras.

(*Continúa, e acaba no proximo numero.*)

Maximas e pensamentos.

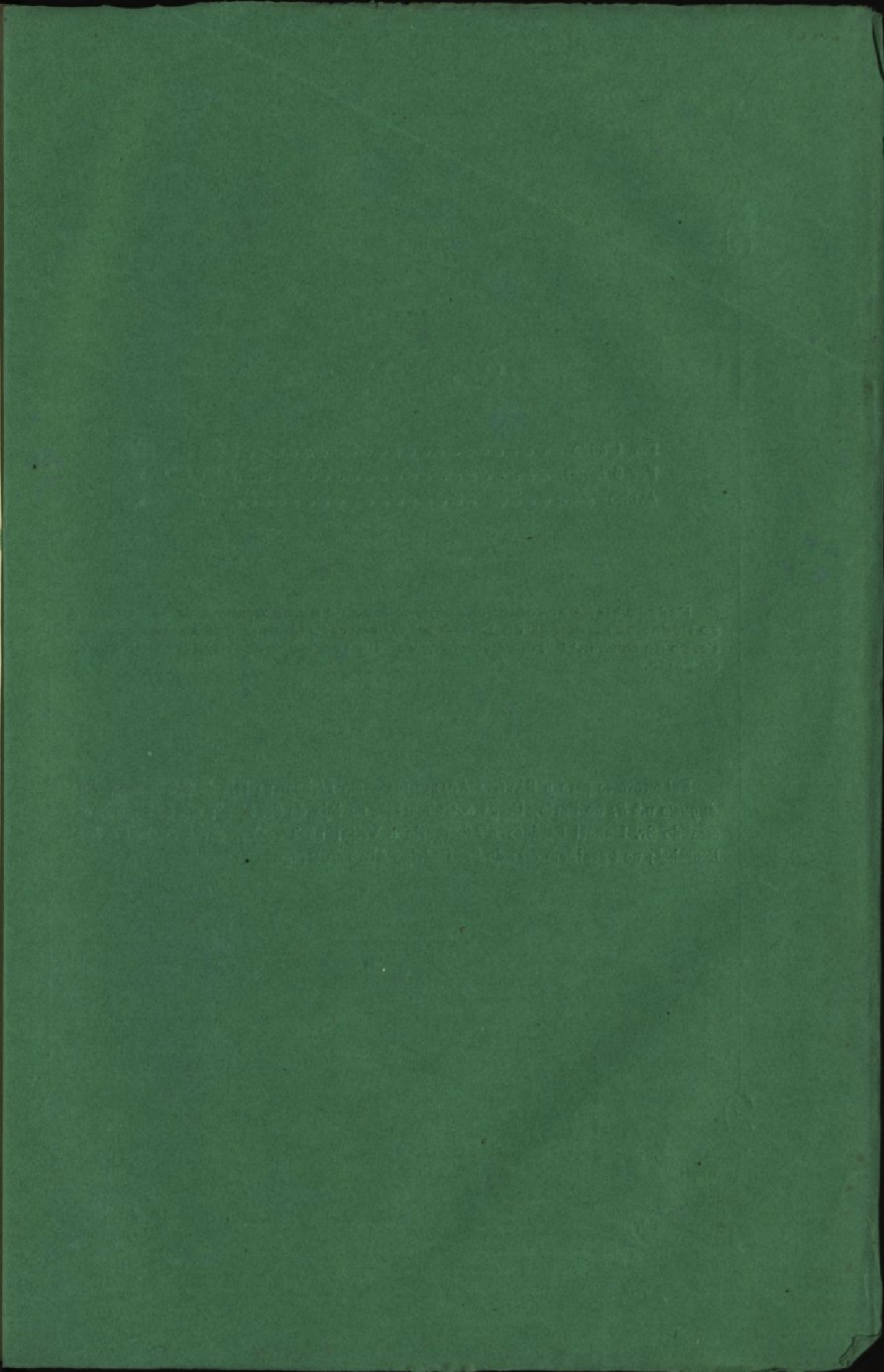
A pedra de toque serve para reconhecer o oiro; e o oiro é tambem a pedra de toque das consciencias e dos corações.



O principio de todas as más tentações é a inconstancia e a pouca confiança em Deos, porque do mesmo modo que um navio sem leme é arrojado aqui e alli pelas vagas, assim o homem covarde, e que abandona as suas boas resoluções, é agitado por differentes tentações.

Imitação de JESUS CHRISTO.

ERRATA. — No 3.º numero a pag. 50 linha 32, aonde se lê — torre de S. Julião — lê-se — torre de Belem.

No ultimo numero da 2.ª serie irão as erratas dos doze numeros.






Preço da assignatura.

Por 1 anno	1:200 réis
Por 6 mezes.	600 »
Avulso	160 »

Pode-se assignar remettendo directamente a importancia da assignatura ao Redactor principal da REVISTA ACADEMICA, Alexandre Meyrelles, Rua do Corpo de Deos n.º 31, em Coimbra. Toda a correspondencia deve ser franca de porte.



Subscreve-se para a REVISTA ACADEMICA—em Lisboa, na loja do Sr. Lavado, *Rua Augusta* n.º 8; no Porto, Braga e Guimarães, na loja do Sr. Moré; em S. Miguel, em casa do Sr. Manoel Cardoso d'Albergaria e Valle; na Terceira, em casa do Sr. José Bensabat; no Fayal, em casa do Sr. Rodrigo Alves Guerra.



REVISTA ACADEMICA

JORNAL MENSAL.

N.º 7—JUNHO DE 1854.

INDICE DOS ARTIGOS.

Srs.		Pag.
Alexandre Meyrelles . . .	Vias de communicação.....	121
José Joaquim d'Azevedo . . .	Correspondencia.....	123
	Testamento politico.....	127
	Reflexões sobre o theatro Allemão.....	128
Nicolau Xavier de Brito . . .	Portugal (<i>poesia</i>).....	130
H. Ferreira de Seabra . . .	Almira e Felizco.....	132
Hanoel Maria Barbas . . .	Dissertação physiologica.....	134
Alexandre Meyrelles . . .	A infancia e mocidade dos grandes homens.....	136
	Collegios de educação.....	138
Hanoel Alves Guerra . . .	Correspondencia.....	140

Coimbra

IMPRESSA DA UNIVERSIDADE

1855.

Sala 10
Gab. 7
Est. 7
Tab. 14
N.º 14

VIAS DE COMMUNICAÇÃO.

A Revista discutirá sempre pacifica e lealmente, e o seu verbo será o da sua antiga irmã, justiça para todos, e amor e compaixão para esta terra que hoje, mais do que nunca, ha mistér de todos os esforços da intelligencia, de todos os recursos do coração para um dia tomar o logar que lhe compete no grande banquete das nações que marcham na vanguarda da civilisação.

Introdução ao 2.º volume da Revista Academica.

A questão, que hoje agita profundamente o mundo civilizado, e que todos os dias, pelas proporções gigantescas, que vai tomando, descobre novos horizontes para a civilisação e liberdade das nações, a questão que pela gravidade dos problemas, que tem a resolver, tanto politicos como moraes, preoccupa vivamente o sabio no seu gabinete, o ministro e o representante do povo no parlamento, o nobre e o plebeu, o rico e o pobre, é inquestionavelmente a questão das vias de communicação, cujo fim é approximar as nações umas das outras, já por mar, por meio da navegação a vapor, já por terra, por meio dos carris de ferro.

Sentindo todo o alcance e importancia d'esta materia, não pretendiamos occuparnos tão cedo d'ella, aguardando do tempo, da leitura e da experiencia os subsidios de de que hemos mistér. Forçou-nos porém a romper este silencio o artigo que abaixo publicamos do nosso estimavel amigo e compatriota *José Joaquim d'Azevedo*, não querendo que se attribua a indifferentismo ou a pouco cuidado pelas cousas patrias, o que não era senão effeito de bem cabida prudencia.

É por isso que vimos tambem hoje soltar um brado em favor dos interesses ainda esquecidos e ludibriados dos habitantes dos Açores.

Nem nos accussem d'extremo arrojo o vir enristar a lança contra adversarios tão poderosos, que a verdade lucra sempre com estas discussões; lucram com ella vencidos e vencedores, uns porque acharão mais um motivo para se conservarem firmes no seu posto, outros para se desviarem do que até alli haviam occupado.

De resto, quando não é um falso patrio-

tismo, quem guia o entendimento do escriptor, não ha, não deve haver para elle nem vencidos, nem vencedores; os crimes ou os erros por ventura commettidos, não lhe fazem assomar aos labios um sorriso ironico, nem proferir contra elles pungentes sarcasmos; antes seu coração lamenta esses erros e esses crimes, porque vão ferir o coração da patria; não tripudia sobre as ruinas que deixam após si os homens e os partidos, porque essas ruinas convertem-se depois em lagrimas de sangue. Eis aqui pois, porque fortes da nossa consciencia e boa vontade, vimos hoje repetir o que diziamos ha tres annos n'uma folha politica o *Observador* n.º 483.

« A situação financeira é por extremo delicada, porque ou havemos de soffrer uma banca-rotta, ou então tornam-se precisas grandes e importantes reformas. Mas a banca-rotta é a miseria de milhares de familias, é a mortalha lançada sobre o cadaver da patria; a banca-rotta é a oppressão e tyrannia, a ruina da industria e do commercio, o descredito da administração. Que os agiotas pronunciem esse nome maldicto; nós rejeitamos-o com horror! A banca-rotta, não, a reforma, sim. Mas a reforma conscienciosa e justa, reforma na lista civil, principian-do pelo throno; reforma na distribuição da propriedade, a abolição dos vinculos.

Se a arvore está secca, é porque algumas raizes estão podres; cortae-as, se quereis que da arvore nasçam ramos verdes. A accumulção da propriedade n'um paiz agricola, como o nosso, é uma calamidade.

Intendam-nos pois bem; a questão é suprema, é immensa. E aqui vos propomos o seguinte dilemma. Ou o credito ha de restaurar-se pela associação de todas as vontades, de todos os esforços, pela ruina de todos os elementos de corrupção; ou a sociedade Portugueza de queda em queda ha de ser victima d'uma grande catastrophe, a catastrophe da sua dissolução. Mette-vos dó a prophacia, sabios e profundos economistas, que inventaes todos os dias novos systemas d'amortisação, que nos atordoaes a todas as horas os ouvidos com os vossos elixires milagrosos, que dizeis hão de salvar o paiz da fome e da miseria. Ride, ride muito embora, que as nossas palavras não são para vós, que as não quereis entender, mas para o povo; a esse dizemos que esteja em pé, que preste o ouvido ao que se passa nas altas regiões do poder.

O paiz precisa sem duvida d'uma administração economica e severa.

Acabem-se por uma vez esses salvaterios mentirosos, que, longe de restabelecer o credito, lhe vão cada vez mais cavando a sepultura. O povo paga todos os dias um tributo de sangue; e quer saber o destino, que lhe dão. Se achaes que a despeza excede a receita, diminui a despeza. O thesouro está exausto, o credito abatido. Reformae; economicisae.

Mas não é a creação de tres mil contos de réis em notas, nem o novo decreto de 3 de Dezembro, que hão de restabelecer as finanças.

Homens do poder! Vede que não se tracta só d'equilibrar a receita com a despeza; tendes na vossa mão todos os interesses moraes e materiaes do paiz, precisaes d'atender á instrução publica, cujo estado é deploravel, e cujos defeitos mais salientes e de mais prompto remedio são obvios e palpaveis; precisaes d'estabelecer vias de comunicação, melhorar os nossos portos, e auxiliar a creação de novos ramos d'industria no continente, e nas provincias do ultramar.

A joia mais brilhante da corôa Portugueza, o Archipelago Açoriano, jaz escondida nas vagas do Atlantico, esperando que a mão industriosa do lapidario lhe accrescente um novo brilho; parte d'aquelle solo abençoado por Deus, e que produz o tabaco, o café, todas as producções d'Africa e da America, jaz inculto e entregue ao furor dos ventos. Quando deixaremos pois, nós Açorianos (vanglorio-me de ter nascido n'uma ilha, que os homens do continente appellidaram com justa razão baluarte da liberdade), de ser considerados parias da sociedade Portugueza? Lance o governo os olhos para aquelle formoso territorio, se quer entrar no caminho seguro e glorioso das reformas. »

De feito, quando então levantavamos nossa debil voz em favor d'esta bella porção de territorio Portuguez, o Archipelago Açoriano, esperavamos que o futuro viesse depois desmentir nossos receios, e realisar nossas esperanças. Transpunhamos com o pensamento as braças de mar que separam o continente das ilhas dos Açores, e viamos cortados por milhares de quilhas esses mares até alli tão pouco navegados.

Perdiam-se nossas vistas por ahi além a contemplar as infumeras velas que o vento entumecia, e conduzia a todos os portos do

mundo, e penetrando no interior das terras deslumbravam-se ao ver os prodigios que as artes e a industria haviam multiplicado no solo Açoriano.

Mentira tudo isso! Cruel illusão dos sentidos e do coração! O oceano está ainda deserto de navios n'aquellas paragens; o vapor não cobre de nuvens de fumo a atmosphera; a população não se apinha em roda das praças, recebendo e transportando os productos de todas as nações. O silencio reina alli aonde a imaginação julgára ouvir o ruido do commercio; a tristeza está pintada sobre o rosto pallido do operario Açoriano, silencio interrompido apenas pelo bater compassado dos remos dos escaleres dos navios da escravatura branca, e pelo grito d'angustia arrancado, a espaços, do coração das victimas da miseria, ao dizer o talvez ultimo adeus á terra, em que nasceram, adeus tão melancholico, e tão repassado d'amargura, que não ha pintal-o.

Triste cousa na verdade o spectaculo d'um povo debatendo-se com a fome, ou fugindo da sua terra natal, para ir vender-se em corpo e alma aos que se não pejam de fazer da carne humana, commercio illicito e infame! Sim, illicito e infame, exploradores sem coração, nem piedade, porque sobre as espadas servis dos escravos brancos dos Açores se patentêa o stygma ainda fresco dos golpes do açoite, porque nos seios alvos das donzellas Açorianas imprimiu a luxuria dos satrapas da America Portugueza beijo impuro e venal!

Miseria, vergonha, deshonra, eis o legado que teremos de transmittir a nossos filhos, se Deus se não apiedar de nós, se nos não levantarmos do profundo lethargo em que jazemos, se não extendermos os braços áquelles braços myrrhados, que das praias do novo mundo se voltam para nós; se arredarmos a vista d'outro spectaculo não menos cruel, que se representa todos os dias debaixo de nossos olhos em terra de Portuguezes, na Madeira, e que já se váe desdobrando sobre este continente avaro, que principia a fechar o seio á cubiça dos homens, como para lhes reprehender a dureza, e castigar o impio abandono em que tem tido seus irmãos d'além mar.

Quando pois, para desviar ou attenuar os perigos que o excesso da população acarreta comsigo, todas as nações dedicam á navegação e ás vias de comunicação seus mais serios cuidados, não era muito, que Portu-

gal, potencia creada pela natureza para a vida laboriosa e productiva do mar, as acompanhasse n'essa magnifica ascensão para o progresso e civilisação, por meio das vias de communicação, quer terrestres, quer maritimas.

Paiz dotado de mais proporções para tão grande e elevado destino, relativamente falando, não conhecemos nenhum outro na Europa, que além de ser banhado por mares e rios, que sendo todos navegaveis lhe facilitariam o commercio interior, é rico dos mais variados productos, e possui todos os elementos necessarios para se tornar não um pequeno povo, escravo da influencia estrangeira, definhando-se por falta de braços, de capitães, e de industria, mas uma nação independente e livre, abundante de capitães e de poderosos centros de população activa e laboriosa.

Quem quizer saber a influencia que tem a facilidade dos transportes sobre a reproducção da riqueza, não tem mais do que abrir as paginas da historia, que ha de ver, que em todas as epochas a industria e a população fazem progressos incomparavelmente mais consideraveis nos paizes situados á beira mar, ou perto dos grandes rios, que nas terras do interior. A historia do Egypto, da Grecia, da Phenicia, de Carthago, de Marselha, e das provincias orientaes da China nol-o attestam a cada passo. D'ahi vem o dizer-se que as sciencias e as artes chegam sempre pelo mar. Pelo contrario, os paizes da Africa central, não obstante recolherem os mais apreciados productos, têm vivido sempre sepultados n'uma pobreza e barbarie as mais abjectas, por não possuirem facilidade para o transporte dos productos da sua industria. É por tanto, antes á sua posição geographica, do que a outras causas, que se deve attribuir o estado miseravel em que se acham estes povos.

É uma verdade economica, que o transporte das mercadorias por máus caminhos, exige não só mais tempo, mas mais capital e trabalho. Quando ha grandes distancias a percorrer, o transporte é sempre mais custoso por terra, do que por mar. Se os productos da industria não podessem ser transportados senão por terra, que relações commerciaes podiam existir entre Lisboa e Rio de Janeiro? Que artigos de riqueza poderiam cobrir as despesas do transporte, se as mercadorias, que se trecam entre estas duas grandes cidades, não podessem chegar senão por

terra? Todavía pela facilidade que lhes proporciona o mar de communicarem uma com a outra, principalmente por meio da navegação a vapor, estas duas cidades fazem um commercio extenso, com que alimentam a sua industria.

Sem esta vantagem natural, como é que a Inglaterra, sem os seus caminhos de ferro, e o grande numero de seus canaes, sem a sua posição insular, poderia tornar-se a nação mais industriosa do mundo? Como é que uma povoação tão consideravel, como a de Londres, poderia subsistir? Mas a Inglaterra que ainda assim caminha para o abysmo por um plano inclinado, teria de ha muito, se não fossem as suas vias de communicação, dado ao mundo moderno o espectáculo que deu Carthago ao mundo antigo; teria caído com horrivel fragor no meio das maldicções e das iras de todos os povos.

Mas vêde como ella se sustenta ainda de pé no meio dos abysmos que a cercam! Quando a fome bate ás suas portas, como seus navios abrem suas azas ao vento e correm a demandar os cereaes estrangeiros para apaziguar o cancro que lhe róe as entranhas! E depois, admiraes, como ao terrivel cataclysmo que estava prestes a rebentar, succedeu um dia de quietação e repouso! Mas é um repouso sepulcral, esse, da fome saciada n'um dia; lá se levanta entre nuvens outro dia para o operario inglez; e notae que digo operario e não proletario, porque em Inglaterra estas duas palavras são quasi synonymas.

Eil-o que corre desvairado as ruas de Londres, pedindo trabalho, ou pão. — «Trabalho com o suor do meu rosto, e ainda que seja molhado com as minhas lagrimas» exclama a cada momento o infeliz habitante da soberba Inglaterra.

É por isso, que quando a este brado da fome contra a superabundancia succeder o silencio implacavel da indifferença, o solo inglez ha de tremer e esboroar-se debaixo dos pés da populaça desenfreada. Só então terá soado a hora fatal da quéda da Inglaterra.

No entretanto ella vive ainda, porque tem por si o mar, e milhares de navios para transportar a todos os portos do mundo os productos da sua industria.

Mas não é necessario ir tão longe para mostrar a influencia das vias de communicação sobre a industria e o commercio. Vêde o que agora se passa a sete legoas de

Coimbra, na Figueira. Eis ahí um porto de mar, que, estando em communição com Lisboa e outros portos do reino e ilhas, offerecia aos habitantes de Coimbra a preciosa vantagem de lhes trazer os productos de Lisboa ou do Porto por um preço muito mais modico do que se viessem por terra. Todavia não acontece assim; desde certo tempo, com grande prejuizo e quebra do commercio e commodidade d'estas duas povoações, a barra da Figueira está bordada de precipicios, inabordable; e é por isso que os negociantes de Lisboa, por elevado preço que lhe offereçam, não querem, ainda assim, arriscar suas fazendas e embarcações.

Aqui temos pois como o commercio da Figueira e de Coimbra se estagna completamente, arrastando após si a ruina de muitas familias. Então os generos que d'antes eram transportados por mar, são-no por terra, e se elevam a um preço quasi fabuloso, o que é um pesadissimo tributo imposto sobre a povoação. E não é só nos generos de primeira necessidade, como são o arroz, o café, o chá e o assucar: o mal sobe a todos os estabelecimentos de industria.

É assim que ha dias viamos o digno Administrador da Imprensa da Universidade, vivamente preoccupado d'esta falta de communições, já porque as fabricas de papel lhe não remettiam a tempo os seus productos, já porque tendo de os receber por terra, tinha de elevar o preço do papel segundo as despesas do transporte.

E já que tocámos n'este assumpto diremos de passagem, que são mui dignos de louvor o Governo e a illustrada Commissão que lhe representou a necessidade de reformar este velho estabelecimento, pela acertada escolha que se fez de tão benemerito empregado. Certamente, em tão pouco tempo, poucos homens teriam transformado um estabelecimento, em que dominava completamente a velha rotina, no estado em que hoje se acha. Mas quando os elementos se pronunciam contra todos os seus esforços, que ha de elle fazer? Mandar fechar as officinas, e despedir os empregados que n'ella trabalhavam.

D'esta arte o commercio paralysa-se, a industria fenece á mingua d'alimento, os salarios descem, e o pauperismo lavra por toda a parte. Terrivel responsabilidade a que pesa sobre os governos que desprezam este importantissimo ramo do serviço publico!

Posto isto, em forma de preambulo ás

nossas idéas em especial sobre a navegação a vapor entre Lisboa e os Açores, passaremos a examinar mui succinctamente as razões em que se funda o nosso collega *José Joaquim d'Azevedo*, para combater os argumentos que appareceram n'uma folha politica da capital, o *Progresso*, em opposição a este projecto de navegação, antes que se construa uma doca na ilha de S. Miguel. É sómente debaixo d'este ponto de vista que analysaremos o artigo, porque nos levaria mui longe, o descer a outras considerações á cerca d'outros pontos relativos a estê projecto, como é por exemplo o de não circumscrever esta empresa sómente aos Açores, mas extendel-a ás nossas possessões d'Africa.

De resto esta questão tem sido sabiamente discutida nos periódicos da capital, e a opinião publica já formou o seu juizo sobre a sua conveniencia e utilidade. Restringindo-nos por tanto sómente ao outro ponto, parecem-nos de mui valiosa ponderação as razões apresentadas pelo Sr. *José Joaquim d'Azevedo*; quando insta para que se dê prompto começo aos trabalhos da empresa, antes da construcção da doca; já porque esta construcção demanda grandes capitaes, e tem a luctar com grandes difficuldades e demoras, já porque não bastaria sómente uma doca, mas tres, uma em Ponta-Delgada, outra em Angra, e outra na Horta; empresas todas essas gigantes e que só se poderão realizar, quando a industria e o commercio houverem elevado aquellas ilhas ao grau de prosperidade que se lhes antolha, se o governo, como lhe cumpre, attender ás suas legitimas e justas reclamações.

A facilidade que tem os vapores na ilha do Fayal de se abrigarem contra os ventos oppostos, merece ser tida em muita consideração. E nós accrescentaremos que a mesma facilidade se encontra na Ilha Terceira, porque, em soprando o vento *carpinteiro* ou sueste, os vapores poderiam ir abrigar-se no porto das pipas.

Aqui temos pois como o principal inconveniente que se adduz contra a empresa, antes da construcção da doca, se não desaparece de todo em relação á ilha de S. Miguel, que não possui um ancoradouro, é innegavel que se não dá em relação ás outras ilhas. Quando porém manifestamos o desejo de que se progrida na execução de tão louvavel projecto, não queremos que se perca de vista a idéa de construir uma doca em S.

Miguel e nas outras ilhas, quando isso for possível. Pelo contrario intendemos que para ahi devem convergir todos os nossos esforços. A prosperidade da ilha de S. Miguel ha de reflectir necessariamente sobre as outras ilhas, e *vice versa*.

E já que abordámos esta questão, em que pese aos que não comprehendem qual o laço de solidariedade que deve prender todos os membros d'uma nação, não podemos deixar de lamentar que não estejam ainda de todo apagadas as sementes d'uma mal entendida rivalidade entre os habitantes das diversas ilhas do Archipelago Açoriano.

Desenganjem-se os que, longe de apagar essas faiscas de discordia, as atêam de continuo, porque assim como não deve haver privilegios odiosos de cidadão para cidadão, assim tambem os não deve haver de cidade para cidade, de provincia para provincia. Todos são membros d'um mesmo corpo. A ruina d'um ha de necessariamente arrastar a ruina dos outros.

Deixemos pois os vapores navegar, para essas regiões abençoadas, e em breve o impulso que elles hão de dar ao commercio Açoriano, ha de fazer com que as docas se construam, sem ser preciso fazer violencia aos capitaes, porque elles hão de apparecer, como por instincto, para se empregar n'esta e n'outras empresas uteis.

Alexandre Meyrelles.

CORRESPONDENCIA.

Sr. redactor. — Vieram-nos agora á mão os n.ºs 146 e 150 do jornal o *Progresso*, contendo dois extensos e, aliás bem elaborados artigos sobre a *Navegação entre Lisboa e Açores*, a que o nosso coração d'Açoriano, e o desejo da verdade em materias do bem publico, nos impõe o sagrado dever d'evidenciar-lhe as menos exactas razões que adduzem em seu prol. Na pena que os traçou, vê-se, além de inquestionada habilidade de exposição, sinceros desejos de concorrer solidamente para a prosperidade nacional, embora seja menos verdadeiro, o seu modo de vêr. Não seremos longo, nem nos fazemos cabedal de responder a um e um dos seus dizeres, senão que sómente buscaremos responder aos pontos principaes, que são o que mais importa.

O auctor no 1.º artigo, pareceu-nos encerrar como temerarios os empresarios da navegação a vapor Luso-Açoriana, bem como extranhar que respeitaveis negociantes da praça de Lisboa subscrevessem ao empenho ministerial; isto porque intende que primeiro que tudo deve garantir-se abrigo á navegação para que seja regular e segura, isto é, que deve começar por emprehender-se uma doca nos Açores, e não pela empresa de navegação, em virtude da pouca ou nenhuma segurança que offerecem os portos dos Açores.

Deve advertir-se, que a empresa de navegação precedeu a das docas: e em muitos portos se teem reconhecido desde ha muito as vantagens, que poderiam resultar para o commercio e agricultura da existencia de portos artificiaes, e, todavia, não tendo sido possível até ao presente realisar uma tal empresa, não tem por isso deixado de haver navegação. Entre nós por exemplo, ha muito que os inglezes pretenderam ser empresarios d'uma doca no Fayal, ilha que possui, naturalmente, duas semidocas, uma de fórma semielliptica, outra de fórma quasi parabolica, e foi esta disposição natural que os incitou á empresa, bem como a sua posição geographica, ponto intermedio e meridiano das navegações entre o velho e novo mundo pelo Atlantico, e por sua grande importancia em commercio; — não foi, pois, ávante tal empresa, porque o governo não assentiu ás garantias exigidas pelos empresarios, no que sentimos nos prejudicou, porque a doca no Fayal não estaria hoje na massa dos possíveis, mas seria para nós uma realidade. Mas á falta de porto artificial nos Açores, não tem descontinuado a navegação. De mais temos um facto, que prova a nosso favor, uma empresa ingleza de navegação a vapor funcionando actualmente, teve por porto de escala o Fayal até 49 ou 50, se bem nos recordamos; recebiamos mala de Londres todos os mezes, tanto de inverno como de verão, o vapor nunca deixou de communcar com a terra, e muitas vezes de receber carvão; desde 50, alterando a sua escala de contacto, só aborda no Fayal, por incidente a receber carvão, e isto de verão e inverno, e até ao presente não nos consta ter soffrido alli algum damno. Ora a doca necessariamente seria construida n'uma das ilhas, e supponhamos que era no Fayal, onde ha mais disposição natural e maiores dimensões; — quando o vapor abordasse a S. Miguel ou

Terceira, e fosse acommetido por uma tormenta, onde havia acolher-se, qual o abrigo possível? Não sei que outro fosse a não ser o mar alto o unico abrigo possível para as velas que se necessitam soccorridas; e por consequencia o vapor, tendo de seguir escala pelas tres ilhas principaes, e existindo uma doca n'uma dellas, corria o mesmo risco em duas dellas, como se a não houvesse, e para sua escala ser segura, era mistér que houvessem tres docas; mas como uma é para nós um problema indeterminado, quanto mais tres? Mas poder-me-hiam objectar: havendo uma doca nas ilhas, o vapor quando atormentado póde abrigar-se alli, para continuar sua derrota na bonança; é verdade isso: porém partindo da hypothese, que a doca é construida no Fayal, supponhamos que o vapor demanda primeiro S. Miguel, que o Fayal, o que muitas vezes acontecerá, e que a tormenta ahi se conspire contra elle?

Continua o auctor—*emprehender mesmo simultaneamente as duas obras, póde até certo ponto desculpar-se e prevenir futuros desapontamentos.*—Ora é aqui que o auctor nos ha de permittir, que tomemos demasiada liberdade para dizer, que esta idêa é que é extensivamente indesculpavel, e não é senão um completo desapontamento.

Como emprehender conjunctamente ambas as empresas, se sua realisação é tão facil n'uma, quanto difficil na outra? Se uma se acha quasi realisada, em quanto que a outra nem existe em projecto? Se uma, dependendo de contos, tem luctado com tanta difficuldade, sendo a maior a pecuniaria, em quanto que a outra depende de milhões? Se uma se realisa em mezes, em quanto que a outra só em annos?

—*E prevenir futuros desapontados.*—Confessamos, que não intendemos senão do modo seguinte. Supponhamos, que se emprehendem simultaneamente ambas as empresas, e se obtem o numero de acções necessarias. Para tudo ser simultaneo, destina-se o dia de inauguração, este em quanto á empresa de navegação, será aquelle em que o vapor navegar, e por isso neste dia ára o vapor o Tejo, com derrota para os Açores, e neste mesmo dia deita-se ao alicerce da doca o primeiro sacco de protoxido de calcio. Por um incidente qualquer, soffre o vapor algum damno neste ensaio em algum dos portos dos Açores; segundo o auctor, o desastre não foi por falta de doca,

porque a empresa, para prevenir esse desapontamento, tinha lançado o alicerce á doca, no mesmo dia em que despedia a navegação.

Parece-nos, pois, poder concluir que deve começar-se isoladamente pela empresa de navegação, e realisada esta emprehender a outra, é que é impossivel emprehender ambas simultaneamente, já pelo tempo que uma ha mistér construir, já pelo lado financeiro. E intendemos por consequencia, que os empresarios em vez de temerarios, teem sido em demasia prudentes, e são dignos de todo o elogio e de todo o nosso reconhecimento, e que o não são menos os negociantes da praça de Lisboa, a quem pedimos a continuação da sua cooperação para novas empresas.

No segundo artigo diz o auctor—*o governo garantindo o juro de 6 por cento traz á nação mais um encargo sem possível compensação.*

O governo, auxiliando a empresa com o juro de 6 por cento, obra dentro da esphera dos seus deveres, e não faz mais, que prestar um capital para receber juros mediatos. O thesouro publico é a nossa caixa economica, e por consequencia é ella que deve satisfazer as nossas necessidades, e uma das maiores é a facilitação de vias de communicação tanto por mar como por terra, porque nós prosperamos com o desinvolvimento do commercio, e progresso da agricultura, e sendo fazeis os nossos contactos reciprocos, em maior numero nos reunimos: as nossas trocas são tambem em maior grau, porque novas necessidades nos occorrem: augmentando o numero das trocas, a nossa vida torna-se mais activa e laboriosa e por consequencia avulta o commercio; e a agricultura, que é donde provém quasi todos os objectos de troca, marcha a passos gigantes. Na Europa, de todas as nações a que se acha com menos vias communicativas somos nós: felizmente para lá caminhamos, prouvera ao céu que não tropeçassemos!

Ora as nossas vias de contacto interno vão-se aperfeiçoando, e para isso emprega o governo certo capital de que não olha a juros directos, e póde dizer-se que este capital morre: porque qual a renda annual para o governo da somma esgottada nas estradas?

Parece á primeira vista que assim é, mas não é senão um capital vivissimo, de que resultam grandes juros, porque como já dissemos, das boas vias de communicação re-

sulta a prosperidade do commercio e agricultura, as duas principaes columnas que quanto mais fortes mais vergam debaixo da pressão na nossa caixa economica. Ora como o commercio e agricultura nos Açores deverá prosperar, como muito bem o disse o nosso *Progressista*, com a nossa empresa, o governo, auxiliando-a com o juro de 6 por cento, não prevê nem deve prever interesses immediatos, mas simplesmente facilitar a comunicação entre Lisboa e Açores, porque mesmo quando não colher juros da empresa, o que não opinamos, recebê-los-ha do seu fim, qual é—a prosperidade do commercio e agricultura dos Açores.

Por tanto parece-nos que o nosso progressista não fez senão censurar o governo n'um acto essencialmente progressista, contradizendo-se assim na sua convicção.

Continua o auctor—*acompanhemos em espirito uma viagem dos vapores em perspectiva.*—D'accordo; acompanhemol-a, dando-se o mesmo concurso de circumstancias mencionadas pelo auctor. Safu do Tejo o barco. Bom ou mau que o tempo esteja, o poderoso motor venceu os elementos, e no tempo prefixo houve vista da terra desejada. Entretanto o tempo está toldado, o sul ou o sudoeste não deixam acolher a embarcação em Ponta-Delgada, o leste ou o sueste em Angra, ou na bahia da Horta, mas a bahia de porto Pim d'esta ultima cidade a acolherá, e quando o sudoeste torne incommunicavel porto Pim, a bahia da cidade estará bonançosa, porque o monte da Guia estagna a bahia de portó Pim, reinando os ventos leste e sueste; os montes Guia, Queimado, e parte da cidade tornam pacifica a bahia d'esta soprando o sudoeste. E por consequencia o vapor carregaria e descarregaria na Horta com qualquer vento, e não seria condemnado ao supplicio de Tantaló em vista da terra. E como isto assim acontece, como se vê do facto acima mencionado do paquete inglez communicar e receber carvão na Horta quando d'elle necessita, segue-se que a Horta póde supprir o porto artificial. Mas dir-se-ha: e nas outras duas ilhas? E diremos nós; e havendo a doca n'uma dellas, as outras duas!? É necessario notar-se que por ser a navegação em questão a vapor, é que somos conduzidos a substituir o porto artificial pela Horta.

Diz mais o auctor—*a empresa não póde contar com 48 viagens annuaes.*—Quando assim aconteça, o que é de crer, a empresa

não poderá, porque, sendo os vapores os paquetes entre Lisboa e Açores, quando por qualquer incidente um vapor faça só uma viagem n'um mez, não deixará de ser compensada essa perda nas viagens seguintes, e o resultado da irregularidade se reduzirá a conduzirem mais passageiros, irem mais carregados n'uma, que n'outras viagens.

Em quanto á desanimação da companhia e á indifferença dos capitaes a outros convites para empresas insulanas, como estamos convencidos que a empresa não só terá ensaios felizes; mas ha de prosperar, as suas esperanças erradiar-se-hão n'uma periferia cada vez maior, e os capitaes não serão assim indifferentes a outras empresas por menos auspiciosas que pareçam.

Concluimos dizendo que, mesmo havendo nos Açores o grande porto artificial, as viagens não terão a regularidade desejada, e para a terem, seria necessario construir-se uma doca em cada ilha.

Coimbra, 19 de Novembro de 1854.

José Joaquim d'Azevedo.

TESTAMENTO POLITICO

De *D. Luiz da Cunha*, nosso Embaixador em França, onde morreu, e thio do Secretario d'Estado do mesmo nome, que falleceu no anno de 1775.

Continuado de pag. 104.

É verdade que S. Majestade nomeou aquelles tres Ministros para Secretarios d'Estado; mas nunca lhes quiz dar, nem conceder a prerogativa de Conselheiros, ou Ministros de Estado, como o Cardeal Fleury promoveu, para que os Embaixadores de França lhe dessem o tractamento de Excellencia, como se quizesse reservar aquelle eminente titulo, como um *non plus ultra*, para as pessoas de maior nobreza, e recommendaveis pelo seu merecimento, e reconhecidos serviços.

V. A. acha as Secretarias divididas; mais porém é no nome, do que em effeito, segundo oiço: porque os papeis estão na mesma confusão, sabe Deus aonde, porque eu o não sei, sem se repartirem entre os officiaes da Secretaria, para que cada um sendo entregue dos que lhe pertencem, com mais facilidade se acharem quando se lhe procuram.

Ao que V. A. deve dar providencia, no-

meando um Ministro bem intelligente, para que com os mesmos officiaes faça aquella necessaria repartição, e reformem os que lhe faltarem.

Dos tres Secretarios nomeados vejo não sem grande perda, que a S. Majestade falta o da Marinha, que foi *Antonio Guedes Pereira*; e oíço que tambem lhe poderá vir a faltar o do Reino, *Pedro da Motta Silva*, que muitas vezes têm pedido licença para demittir-se daquelle emprego, que o punha na subjeição de não poder gozar do seu descanso; de maneira que se V. A. se accomodar com o seu desejo, será preciso prover uma e outra Secretaria, para as quaes tomarei o atrevimento de lhe indicar dois Ministros, pelo conhecimento que tenho dos seus talentos; a saber para a do Reino, *Sebastião José de Carvalho e Mello*, cujo genio impaciente e especulativo, ainda que sem vicio, um pouco diffuso, se accorda com o da Nação; e para a da Marinha, *Gonçalo Manoel Galvão de Lacerda*, porque tem um juizo practico expeditivo, e que serviu muitos annos no Conselho ultramarino, onde adquiriu um grande conhecimento do governo do commercio, e forças das conquistas; e d'esta sorte gratificaria V. A. com muita vantagem, os serviços destes dois Ministros; os quaes viveriam em boa intelligencia com o Secretario d'Estado dos Negocios Extrangeiros, *Marco Antonio d'Azevedo Coutinho*, porque o primeiro é seu parente, e o segundo sempre foi seu amigo intimo. Mas não decidirei se esta grande, e esperada união destes tres Secretarios é a que mais convém ao serviço do Amo e do Estado. Mas em quanto supponho uma boa intelligencia e probidade, e que não se amaranão para favorecerem os interesses dos seus parentes e amigos; porque costumamos dizer— que uma mão lava a outra, e ambas o rosto, que talvez fica mais sujo, se a agua não é tão pura e tão clara, como deve ser; isto é, sem ter o vicio da paixão ou da propria conveniencia.

Não digo que o Principe seja suspeitoso, mas precatado, e que nenhum mal lhe fará que os seus Ministros assim o concebam, para que não abusem da auctoridade que se lhes dá; pois da mesma sorte que a somma confiança do Principe degenera em fraqueza, da nimia desconfiança procede a perplexidade, que agita o animo do Principe, e o não deixa tomar a resolução que conyem.

O Senhor Rei D. João V, heroico Avô

de V. A. e nosso sempre memoravel libertador, que quizera fosse este o espelho em que V. A. se visse, para em tudo o retratar, fazia tanta estimação de *Gaspar de Faria Severim*, seu Secretario das Mercês e expediente, que saído do despacho disse diante de meu Pae, e dos mais que lhe faziam Côrte, que se podia ser Rei de Portugal só por se servir de um tal Ministro. Com tudo logo que tinha alguma noção de que elle queria favorecer alguma das partes, cujos papeis devia despachar, os expedia por mão do Secretario de Estado; e ainda fazia mais, pois nas consultas de provimentos, que subiam dos Tribunaes, nunca se ateve a dar os empregos aos que vinham nomeados em primeiro logar, ou segundo; antes succedia, que *bem informado do merecimento dos subjeitos* voltava a consulta debaixo para cima, e dava o logar ao que estava no ultimo, costumando dizer, que desta forma se conformava com a mesma consulta, e outras muitas maximas dignas de serem imitadas.

Bem podia referir outras muitas precauções que este Principe tomava para não ser enganado pelos seus Ministros; e com tudo conhecendo elle em certo modo a innocencia de *Francisco Lucena*, seu Secretario de Estado, o deixou condemnar á morte, porque os fidalgos o fizeram passar por traidor, não podendo soffrer que elle lhe aconselhasse, que lhes não devia obrigação alguma, em lhe pôrem a corôa na cabeça, pois lhe era devida, a fim de que se não folgassem credores de grandes recompensas.

Os descendentes deste Ministro justificaram muitos annos depois a sua innocencia, e S. Majestade lhes veiu a restituir as honras e os bens, em que eu tive alguma parte estando em Madrid.

(Continúa.)

REFLEXÕES SOBRE O THEATRO ALLEMÃO.

Continuado de pag. 113.

Os auctores Allemães pôdem empregar, na desinvolução dos characteres, um numero de circumstancias accessorias, que, transportadas para o nosso theatro, perdiam a devida dignidade; e todavia estas pequenas circumstancias dão muita vida e luz ao quadro

assim apresentado. No *Goetz de Berlichingen* de Goethe, este guerreiro, cercado no seu castello por um exercito imperial, dá aos seus soldados, para os animar, um ultimo banquete. Ao acabar do banquete, pede vinho a sua mulher, que, pelos costumes d'aquella epocha, é ao mesmo tempo a senhora e a serva do castello. Ella responde-lhe a meia voz que apenas ha um cangirão, e que esse conserva-o para elle só. Nenhum rodeio poetico, transportado para o nosso theatro, podia significar uma similhante particularidade; a emphase, empregada nas palavras destruiria a naturalidade da situação, e o que em allemão é expressivo, em francez seria ridiculo. Apesar de serem contrarios os nossos costumes, parece-nos todavia facil de conceber, que esta feição, tirada da vida commum, tem um cunho tal de propriedade, que se não acha na descripção a mais pathetica, para fazer sobresaír a situação do protagonista, — um velho guerreiro coberto de gloria, altivo dos seus direitos hereditarios e da sua antiga opulencia, chefe, ainda ha pouco, de numerosos vassallos, agora encerrado n'um ultimo asylo, e luctando juntamente com alguns amigos fieis e intrepidos contra os horrores da miseria e vingança do imperador. No *Gustavo Vasa* de Kotzebue, vê-se Christierno o tyranno da Suecia, tremendo dentro no seu palacio, porque estava cercado d'uma multidão que o odiava.

Desconfia dos seus proprios guardas, dos que mais lhe eram dedicados, e obriga até um creado velho, que ainda lhe resta, a provar, primeiro, que elle, qualquer iguaria que lhe traz. Este traço, expresso no mais simples dialogo, sem pompa nenhuma tragica, pinta, em meu vêr, melhor que todos os esforços do poeta o poderiam fazer, a pusillanimidade, a desconfiança e abjecção do tyranno meio vencido. Schiller apresenta-nos *Joanna d'Arc* denunciada por seu pae como feiticeira, mesmo no meio da festa dedicada á coroação de Carlos VII, que ella restituiu ao throno de França. É obrigada a fugir; procura um asylo longe do povo que a ameaça e da côrte que a abandona. Após uma longa e terrivel jornada, chega a uma cabana; a fadiga opprime-a, a sede devora-a; um camponez, movido de compaixão, offerece-lhe uma taça de leite, e no momento em que o chega aos beiços, uma criança, que a tem observado alguns instantes com attenção, lança-lhe as mãos á taça e exclama: É a feiticeira d'Orleans. Este quadro, que seria

impossivel transportar para a scena franceza, causa sempre nos expectadores um estremecimento universal; chama-lhes a attenção, não só o desterro que persegue a libertadora d'um grande imperio, mesmo nos logares os mais longinquos, mas tambem a disposição dos espiritos que torna mais inevitavel e cruel este desterro. Assim, as duas cousas importantes, a epocha e a situação, retratam-se na imaginação por uma só palavra, por uma circumstancia puramente accidental.

Os Allemães usam muitas vezes d'estes meios. Os encontros casuaes, a chegada de personagens subalternos, e que não tem relação com o assumpto, fornecem-lhes um genero d'effeitos que não conhecemos no nosso theatro. Nas nossas tragedias, tudo se passa immediatamente entre os heroes e o publico; os confidentes são sempre cuidadosamente sacrificados. Estão alli para ouvir, algumas vezes para responder, e, de tempos a tempos, para contar a morte do heroe, que, n'este caso, não póde, por si mesmo, dar-nos noticia d'ella. Nada ha porém de moral em toda a sua existencia; toda a reflexão, todo o juizo, todo o dialogo entre elles lhes é severamente prohibido; seria uma insubordinação theatral o elles excitarem o menor interesse.

Nas tragedias allemãs, além dos heroes e de seus confidentes, que, como se acaba de vêr, são apenas maquinas, cuja necessidade nos faz perdoar a inverosimilhança, ha tambem, n'um segundo plano, uma segunda especie d'actores, d'algunha maneira expectadores da acção principal, e que só exerce sobre elles uma influencia muito indirecta.

A impressão que exerce sobre esta classe de personagens, a situação dos personagens principaes, muitas vezes me pareceu influir na que recebem os expectadores propriamente ditos. A opinião d'estes, é, por assim dizer, prevenida e dirigida por um publico intermediario, mais proximo do que se está passando, e não menos imparcial.

Tal devia ser, pouco mais ou menos, se me não engano, o effeito dos côros nas tragedias gregas. Estes côros significavam um juizo sobre os sentimentos e acções dos reis e dos heroes, de cujos crimes e miserias eram testemunhas. Por meio d'este juizo estabelecia-se uma correspondencia moral entre a scena e a platêa, e esta ultima comprazia-se de certo, em vêr descriptas e defi-

nidas, n'uma linguagem harmoniosa, as sentidas emoções.

Só uma vez vi uma peça em que se tinha tentado introduzir os côros dos antigos. Era ainda uma obra de Schiller, — a Esposada de Messina. Contra esta imitação do antigo fa eu tomado d'apprehensões. Todavia essas maximas geraes, manifestadas pelo povo, e que assumiam um maior grau de verdade e de calor, porque lhe pareciam suggeridas pelo comportamento de seus chefes e pelas desgraças que sobre si mesmo reflectiam; essa opinião publica, d'algum modo personificada, e que me fa buscar ao fundo do coração os meus proprios pensamentos, para m'os apresentar com mais precisão, elegancia e força; essa penetração do poeta, que advinhava o que eu devia sentir, e dava corpo ao que em mim era apenas um sonho vago e indeterminado, fizeram-me experimentar um genero de gozo de que ainda não formára idéa alguma.

A introdução dos côros na tragedia não teve com tudo successo na Allemanha. É de crêr que os embaraços na execução fossem o motivo porque se renunciou a elles. Seriam necessários actores bem amestrados, para que falando e gesticulando um certo numero simultaneamente, não produzissem uma confusão vizinha do ridiculo. E depois Schiller, com a sua tentativa tinha degenerado o côro dos antigos. Não se atrevera a deixal-o tão estranho á acção como se acha nas melhores tragedias da antiguidade, as de Sophocles: que não fallo aqui dos côros d'Euripides, d'esse poeta, aliás admiravel pelo seu talento na sensibilidade e na ironia, mas pretencioso, declamador, ambicioso d'effeitos, e que, por causa dos seus defeitos e mesmo das suas bellezas, foi o primeiro que tirou á tragedia grega a nobre simplicidade que a distinguia. Schiller, para se conformar com o gosto do seu seculo, entendeu que devia dividir o côro em duas partes, sendo cada uma composta dos parceiros dos dois heroes, que na sua peça, disputavam a mão d'uma dama. Por este mal entendido artificio, foi tirar ao côro a imparcialidade, que dá pezo e solemnidade ás suas palavras.

O côro deve sempre ser o organo, o representante do povo inteiro, tudo o que exprime deve ser uma especie de ecco sombrio e reflexivo do sentimento geral. Nada que seja apaixonado lhe pôde convir, e logo que se lhe queira fazer representar um papel e tomar um partido na propria peça, tira-se-

lhe o que tem de naturalidade, e o seu effeito é nullo.

(Continúa.)

PORTUGAL.

POESIA

Offerecida ao meu amigo

ALEXANDRE MEYRELLES.

I.

Quem será! apanhadas tem as faces
Rugosas, a cabeça côr de gelo,
Sem arte, sobre o peito três pendentes
Do que a neve mais brancas, longas barbas,
Mostrando a côr tsnada, o peito á vista,
Pisados tem os olhos, ao chão presos,
Dir-se-hia espectro d'homem resurgido
Da campa funeral, soffrendo ainda,
Dir-se-hia homem á guerra, á dôr affeito,
Que á desgraça sosebrou vindo-a ao longe,
E agora despertando quasi a toca.

Quem será? os olhares n'elle presos

Em segredo uns aos outros s'interrogam;

Lábios mudos — bem parece que tementes

Qu'incerteza á incerteza lhes responda,

Mais mudos talvez pr'a que os não digam

Nas eras fabulosas quasi crentes.

II.

E o velho passou — calado,

Passo firme e compassado,

O pranto enxuto, embuçado,

Que as faces não resvalou;

E a turba com passo incerto

Deixa atrás tudo deserto,

Seguindo o velho de perto

Mas o velho não fallou.

Sob as longas barbas finas

Da cruz as brancas cortinas

Traz as insignias divinas

Ao peito pendente a cruz;

Caminha o velho, calado,

Passo firme e compassado,

O olhar sempre pregado

Na bandeira de Jesus.

III.

Eis que de contido pranto
Com mais força rebentou,
Quiz retel'o — era já tanto,
Mais contêl-o não tentou.
— Do mysterio rasgo o manto;
Vós q'rereis saber quem sou?
E do poyo mais de quanto
Nem um só, um só fallou.

IV.

O velho que aqui passava
Tem throno e sceptro real,
Já da terra teve meia,
O meu nome é — Portugal.

V.

Do oriente a occidente
Mil climas d'ignota gente,
Terra e mar tudo foi meu.
Do meu rosto a um aceno
Do Portugal tão pequeno
Terra e mar tudo tremeu.

Contra estranhos patria sanha
Teve sempre, a gente estranha
Em longes terras deu Lei,
Teve os soldados d'Henrique,
Teve a batalha d'Ourique
D'um soldado contra cem.

Ousassem vís Messalinas
Vós nações, cuspir as quinas
As dobras do meu pendão;
Ousasse o mundo ligado
Vir desdenhar do soldado,
Do Portuguez, do christão.

VI.

klêas muitas tem, mas abafadas
São por tempo p'lo choro que borbulha
E ás faces vem cahir-lhe ardendo em lume.
Depois como expellindo um pensamento
Com que a alma se confrange ergueu o rosto
E á multidão apinhada em torno d'elle
Fallou com voz mais firme e mais segura.

VII.

— Os nomes d'heroes, o povo, qu' eu tive
Escuso eu dizel-os, que os sabês melhor;
Ha nomes dos nossos tão gratos, tão q'ridos
Que quasi no berço se apprendem de cor.

Quem pôde laes nomes de gloria tão grande
No somno olvidados deixal'os morrer?
Se em Tanger, Arzilla, os echos repetem
Um nome que em balde se tente 'squecer.

Lá fóra do mouro — mesquitas, costumes
Por terra abatidos, que falle Azamor?!
Cá dentro os castellos tão velhos — que narrem
Facanhas que mostram de sobra valor.

Dos nossos o nome soletra-o a 'spada
Além na batalha por mais de uma vez;
Castella, a soberba, altiva, orgulhosa,
De dona em 'scrava sabeis que se fez.

As aguias viessem na per'la escolhida
De Deus o seu vôo aqui desprender;
E tu Inglaterra, meu povo algemado,
Um povo de livres que livre quer ser.

Das glorias, mens filhos, das glorias passadas,
Dos velhos soldados sois vós o padrão;
Teu pae, este velho mirrado, que querem
Cuspindo-lhe affrontas, rojal-o no chão,

Vendel-o! vender, insultar, quem tão caro
Com sangue o ser livre outr'ora comprou,
Roubar-lhe essa flor, *liberdade* tão q'rida
Que vidas, mil vidas de filhos custou.

Surgi — despertei d'um lethargo profundo,
Do somno, meus filhos, como eu, accordae;
A voz *liberdade* segui-me vós todos,
Que morram, que é honra, morrer por seu pae;

Nicolau Xavier de Brito.

A poesia, que abaixo vem publicada é uma mimosa produção de um poeta Portuguez, que vivia ainda em 1808, por nome *Manoel Ferreira de Seabra*, e que não sei tenha sido ainda publicada, porque a encontrei este anno entre os velhos manuscritos de meu Pae, religioso guardador d'estas preciosas reliquias da nossa litteratura, e a quem esta tinha sido offerecida em Paris pelo general Dantas.

A lenda que deu logar a esta bella composição, não se apagou ainda de todo da memoria dos pacificos habitantes do Mondego. A fonte do Castanheiro é apreciável pela pureza e bondade das suas agoas. Nasce na fralda de uma pequena collina, proxima ao Mondego, e quasi defronte do Penedo da Saudade. Uma tarde lá fui repousar a cabeça dos

ardores do sol, e refrescar-me na corrente pura e crystallina de suas agoas. Branda aragem soprava das bandas em que o *Penedo da Saudade* ergue a fronte melancolica e domina toda a extensão do valle; o susurro da folhagem, o cantico moribundo dos passarinhos resoando em torno de mim com fremito harmonioso, o balido dos rebanhos na planicie; mais longe sobre a minha direita o Mondego rompendo com passo lento e magestoso pelo interior das terras; o reflexo dos derradeiros raios do sol alumando os velhos edificios de Coimbra, e tingindo de mil côres as hervas dos campos, que magnifico assumpto para um poema! E quem me assegura que muitos genios não entoaram n'este mesmo logar um hymno ao creador? Quantas vezes não terão essas varzeas solitarias, essas veigas e esses prados ouvido o cantico do bardo, a horas mortas, perturbando o silencio do valle?

Lá descubro, escondida entre mil frondosos ramos d'hera, de madre-silva e manjerona, a nympha d'estes logares, a Fonte do Castanheiro. Seus dias, dizem os poetas, desde que um crime horrendo, de nympha a convertêra em fonte, correm tão puros e serenos como as agoas que do seio lhe rebentam.

Mas que é feito do velho castanheiro que devia defendel-a do furor das tempestades? Por onde estende agora suas raizes esse feio seductor convertido em castanheiro? perguntei eu a uma pobre mulher que vinha alli encher um pucaro d'agoa. Será tudo isto uma ficção dos poetas ou uma historia verdadeira com as côres de fabulosa? pensava comigo mesmo.

—Ai! senhor, o pobre castanheiro secou; e suas raizes levou-as o vento; dizem que em castigo d'um crime commettido n'este logar. Por mim, lembra-me que muitas vezes, quando era criança, dansei á sua sombra nas noites de S. João; mas os meus dias são passados, e em breve, como elle, terei d'alastrar pela terra meu corpo curvado pelos annos; assim fallou a velha, e depois de ter enchido o cantaro retirou-se deixando-me absorto em religiosa contemplação.

O modo singelo mas solemne com que a velha pintára o fim tragico do castanheiro commoveu-me profundamente. Como ella lamentei que elle já não estivesse alli, para me cubrir também com sua sombra, e recordando o ultimo adeus da velha aos dias já fanados da sua mocidade, fiz a mim me-

smo esta pergunta: se em breve não viria também alguém perguntar pelo mancebo morto na flor dos annos? Assim é a vida. Tenda posta n'um dia e levantada no outro. Pó disperso nos ares pelo sopro do furacão. Mais um grão d'arêa lançado no cylindro da existencia e acabam todas as glorias e vaidades humanas. Não importa! É bello ainda assim o viver. Vive-se para amar esse Deus d'onde saem essas torrentes de vida que inundam o universo. Vive-se para o glorificar na vastidão dos mares, na immensidade dos ceus, e na admiravel variedade dos campos; para estreitar contra o peito uma e mil vezes o peito da donzella que se ama d'um amor sem limites; para defender a patria opprimida e aviltada; para ouvir no derradeiro quartel da vida os filhos de nossos filhos chamarem-nos duas vezes pae. E depois, quando tudo é silencio e repouzo na natureza, vive-se ainda das recordações do passado.

Vós, que um acaso igual ao meu conduzir aqui a estes sitios, não vos deixeis apossar das idéas lugubres que elles despertam, a ponto de perderdes a crença e a fé, porque assim como Deus fez nascer a flor á beira da torrente, e a abrigou do furor dos ventos, assim também quiz que o homem virtuoso achasse sempre em seu coração um seguro asylo.

Mas estas e outras considerações fãome fazendo esquecer que é tempo de deixar falar o vate do Mondego.

Alexandre Meyrelles.

ALMIRA E FELIZEO

ou

A FONTE DO CASTANHEIRO

METAMORPHOSE.

Fôra a belleza o bem mais precioso
Com que Jove brindára a humana gente:
Porém mil vezes a terriveis crimes
Ampla carreira abriu. Meu verso, ó bellas,
Com fervor applaudi, que vai meu verso,
Votado á doce patria, apresentar-vos
Em mesto quadro envenenadas ancias
A que a belleza vezes mil arrasta.
Homens do crime a par terrivel, pinto
A pena que seguir o crime deve.

Era o tempo em que Maio dadivoso
 Se apraz de matizar de lindas flores
 Da terra a sobre-face; e Delio fulvo
 Lá do meio dos céus dourava os orbes.
 Quando Almira, das nymphas do Mondego
 A mais gentil, e a mais infortunada,
 Surgiu das agoas ás floridas margens,
 E manso e manso, e descuidada e leda
 Para logo da placida corrente
 Se afastava na varzea, que o *Penedo*
 Da Saudade contempla sobranceiro,
 E se entretinha a procurar boninas
 Com que adornasse a grenha gotejando
 De seu amado pae, do grão Mondego,
 Em vez do junco, em vez das espadanas;
 Já que amava o dia natalício
 Da mais nova das filhas delicadas,
 Que tão queridas tinha, e tão mimosas.
 « Estas, dizia a nympha, que óra colho,
 Flores viçosas ornarão a frente
 Daquelle, que me deu o ser divino,
 É dia de prazer, de gala é dia;
 Aglaura hoje nasceu, irmã presada;
 Aglaura hoje nasceu tão bella, e meiga,
 Quanto a Mãe de Cupido é meiga e bella.
 Honrando o pae exalto a cara filha;
 Devo-lhe galas, devo-lhe tributos.
 Filha não fóra Almira, irmã não fóra
 Nestes dias negando ingenuos brindes.»
 E nisto pressurosa a loura Nymphá
 Colhia o goivo, a verde mangerona,
 O malmequer, a humilde violeta,
 Colhia a madre-silva, a linda rosa,
 Tecendo alegre mil canções singellas
 Co'a voz divina com que o ar serena.

Defronte do Penedo da Saudade
 Verde collina, que não é muy alta,
 Nas fraldas apresenta debeis canas,
 O vim de dobediço, o louro, o mirto;
 Ornam-lhe o cimo verdes castanheiros,
 Proficuas oliveiras, e altos choupous.
 Lanigeros rebanhos apascenta;
 Por ella descem os pastores ledos
 Á varzea onde nasceste, ó meiga Lilia,
 Onde tambem co'a morte se eclipsaram
 Teus olhos mais brilhantes que as estrellas.

De lá, por entre as sarças espinhosas
 Felizêo, guardador de pobre gado,
 De feia catadura, olhar ferino,
 Robusto, agigantado, e a côr trigueira,
 Almira descobriu na fresca varzea
 Colhendo airosa as flores que avienta;
 Mais bella que Diana entre as estrellas
 Argentando o calado firmamento;
 Tão bella como a Deusa dos amores,
 Ao Troiano mostrando seus encantos
 Nos bosques d'Ida sacros, espaçozos.

Ao ver da Nymphá o porte peregrino,
 As madeixas subtis desenrançadas
 Nas espadoas caíndo em aureas ondas,
 Que o Zefiro varia abrindo as azas;
 Ao ver-lhe os niveos pomos, que mal tremem
 Sobre um seio, que Venus invejára;
 Pasmado Felizêo nas veias sente

Accender-se d'Amor o voraz fogo.
 Mil sófregos desejos, vôam d'alma
 Nos crespos fios d'ouro a enrolar-se;
 Mil sófregos desejos correm leves
 A lhe libar na bocca o doce nectar,
 Entre o carmin, e as perolas mimosas.
 Quer á Nymphá correr, quer declarar-lhe
 A força da paixão, que n'alma sente;
 Votar-lhe um coração, que ella já tinha,
 E onde cem golpes, mal que a vira, juntos
 Os trefegos Amores profundaram;
 Mas contemplando a propria fealdade,
 A côr adusta, os membros descarnados;
 Oppondo o ser humano ao ser divino,
 Convulso pára; anima-se; esmorece;
 E entre os combates, que a alma lhe espedaçam,
 E a voz entrecortando mal sonora,
 Dest'arte exclama: « Em vão, em vão pretendo
 No peito suffocar de amor os fogos.
 Não tenho um coração a amar propenso?
 Á condição de pobre pegureiro
 Attende Amor as setas dardejando?
 Exclue a fealdade o ser humano?
 Se gentil me não fez a Natureza,
 Outros dotes me deu de igual apreço.
 Quaes a força, e coragem, que me anima.
 E acanhado de um panico receio
 Morrerei do silencio entre os rigores? »
 Calou-se Felizêo, e á Nymphá corre
 Mais ligeiro, que atraz da lebre o galgo,
 Mais rapido, que a frecha os ares corta,
 Ou raio de alta nuvem despedido.

Almira, mal que o vê, na accessa face
 Pintado o horrivel, o afrontoso crime,
 Um grito solta, e foge pressurosa.
 Oh! ventos, ajudai-me a prompta fuga!
 Sob teus passos te amacia, ó terra,
 Tua distancia encurta, se é possível!

Felizêo nas carreiras adestrado,
 Correndo atraz da Nymphá esbaforida,
 Em breve a alcança, e diz-lhe, segurando-a:
 « Não fujas, que fugindo mais me accendes.
 Já que attender não queres meus amores,
 Consiga a força o que não podem preces »
 Mais gritos inda solta lastimosos
 A triste Almira; e fria . . . e desmaiada . . .
 Em terra cae! Então o fero amante
 Com brutal avidéz . . . Suspende, ó Muza!
 Deve o resto envolver-se no silencio;
 E nem consente a minha ingenua pluma
 Que tão negros horrores a enxovalhem.
 Flora de pejo se embrenhou nas selvas.
 Os ais da triste os echos repetiram;
 E os plumosos cantores longo tempo,
 Vendo o crime espantoso, emmudeceram.
 Os zefiros fugiram pressurozos,
 E a desgraça d'Almira, suspirando,
 Ao Mondego contaram descuidado.

Subito o Deus ouvindo o mesto caso
 Enfiado se encosta ás urnas d'oiro,
 Por largo tempo não descendo aos mares;
 E em seus reinos Neptuno irado estranha
 A falta do tributo. Mas apenas
 A si tornou do rapido desmaio,

Só cura da vingança o pae mofino,
E ao sitio corre, ao sitio malfadado.

Inda em seus braços apertava a Nympha
Instando Felizêo por novos crimes;
Mas na presença do afrontado Nume
Das mãos a preza larga, e estatua fica.
Livre das garras deste açor cruento
Almira, pomba terna, a rozea face
Co'as mãos de neve occulta envergonhada,
E nos olhos o pranto lhe rebenta.
A mais horrivel e espantosa morte
Não fóra punição bastante ao crime...
Que não possás, traidor, morrer mil vezes!
Has de ver de continuo teus desejos
Nas azas do impossivel definhar-se.
Monstro! perderás a humana forma.
Em pena ao crime, que horrorisa o mundo
Em rude castanheiro te converte. »
D'est'arte as iras desprendera o Nume,
Eis o fero pastor se arreiga á terra.
Em tronco se lhe muda o corpo adusto,
E nelle se lhe esconde o rude gesto;
Mudam-se em ramos os forçozos braços,
Os dedos em raminhos; em cortiça
A tez se lhe transforma aspera e tosea,
E os hirsutos cabellos em folhagem.
Almira que farás no triste ensejo?
Irás nas agoas esconder a face,
Junto ás irmãs chorar teu fado horrivel?
« Vingada estás, ó filha, assim castigam
Os Numes quem se atreve contra os Numes:
Volve comigo, ó triste! ás agoas volte!
Minha ternura enxugará teu pranto;
No seio das irmãs terão teus males
O doce allivio, que á desgraça é dado. »
Afagando-a o Mondego isto dizia;
Mas Almira a quem rala o tenro peito
Ó pertinaz veneno da vergonha;
« Ó pae, ó pae, lhe diz se perdi tanto,
Deves tambem perder esta mesquinha:
Se é possivel mudar meu ser divino,
Em fonte me transforma, que eu não posso
Amar uma existencia envenenada. »

Dissera, e condoído o triste velho,
De Almira atende os rogos. D'improvizo,
Dos olhos, donde o pranto já corria,
Em borbotões rebentam claras agoas,
Os cabellos, que as almas enredavam,
De freseo humor em fios se convertem.
Manam dos dedos limpidas fontinhas;
E dos mimosos pés, escorregando,
Dois chorros christalinos se deslisam.
Do pé da nova planta o pae magoado
Foi por entre as hervinhas conduzindo
A transformada filha, foi com ella
Nas agoas, onde impéra, mergulhar-se.

A fonte se chamou do Castanheiro;
Caras memorias ás pastoras deve
A Bella, que perdida a prisca forma,
Inda chora seu fado, e murmurando
Aos braços paternaes saudosa corre.
As Nymphas do teu Graça, caro Alcino,

¹ Alcino Gracioso, ou António Pereira Zagalo,

Conta de Almira a malfadada sorte;
E ao som da lyra ingenua, que não mancham
Os gabos da lizonja, ao som da lyra
Á belleza votada, e á sã virtude,
Em teus versos lhe ensina como podem
Achar um Felizêo nessas campinas.

A Dissertação, que abaixo publicamos foi nos dirigida pelo Sr. D.^o Jeronimo José de Mello, querendo S. Ex.^o por este modo dar cumprimento á promessa que nos fez o anno passado de ornar as columnas da Revista com algumas produções scientificas de seus mais distinctos alumnos.

Completamente leigos na materia de que se occupa a Dissertação Physiologica do Sr. Manoel Maria Barbas, para nos decidirmos a publical-a e a tel-a em subido apreço, bastava-nos a recommendação do digno Professor de Physiologia.

Para conhecimento porém de nossos leitores accrescentaremos uma breve noticia que podémos colher á cerca d'este illustre Academico, cuja perda lamentam já a sciencia e a humanidade.

Era natural da Covilhã, Frequentava com summa distincção o quinto anno Medico em 1845. Os prévios estudos que antes havia feito em Cirurgia, e a practica que havia adquirido, grangearam-lhe grande fama em Coimbra, aonde era tido em conta de mui habil operador. Falleceu ainda não ha muito tempo. Honramo-nos de poder prestar á sua memoria este tributo de respeito e veneração.

Alexandre Meyrelles

DISSERTAÇÃO PHYSIOLOGICA.

An physe, vel chemyse hoematosi opus explicari potest?

A palavra hoematose vem do substantivo grego *aima*, *aimatos*, que significa sangue, e cuja synonymia é *sanguificação*, ou *respiração propriamente dicta*; é pois a hematose em Physiologia a conversão em sangue d'alguuma cousa que o não é; por consequencia é ella o resultado d'uma funcção, e um pro-
estudante da Universidade do Coimbra, e particular amigo do A...

ducto cujos factores cumpre conhecer: ora em todos os phenomenos da natureza não deparamos nós senão materia trabalhada por estímulos; as funcções da economia viva, que são comprehendidas na cathgoria de phenomenos naturaes, não podiam prescindir da condição material e dos estímulos, regulado tudo pelo principio vital; logo a obra da hematose, que é o producto d'uma funcção da economia, não poderá ser comprehendida, nem sua analyse e exame poderá levar-nos a concluir se pôde, ou não ser formulada n'uma explicação physica ou chymica, sem que conheçamos; 1.º sua condição material, isto é, o organo, apparelho, ou ponto d'elle onde ella se faça exclusivamente; 2.º os agentes ou estímulos, que provocam sua acção; 3.º o mechanismo porque esta se verifica, e por consequencia se pela Physica, ou chymica se pôde ella explicar.

Ponto da economia, onde exclusivamente se faz a obra da hematose.

Longo tempo se dividiu a hematose em geral e particular, comprehendendo a primeira, a conversão da lympha, e chylo em sangue; entendendo-se pela segunda a mesma conversão do sangue venoso em arterial; mas esta distincção é inadmissivel por isso mesmo que reunindo-se os tres fluidos antes de chegar ao pulmão sem deixarem de ser cada um o que é, ao sair do parenchyma deste organo todos elles se mudam n'um mesmo liquido; por consequencia a hematose não pôde applicar-se senão á mudança do chylo, lympha, e sangue venoso em arterial.

Mas não se pense que desde sempre se assignou á funcção da respiração o officio importante da hematose; porque os antigos sustentavam, que ella não servia senão de refrescar o corpo; e nos tempos modernos renovou Helvetius a mesma opinião, attribuindo á respiração o officio de refrescar o corpo pelo contacto do ar fresco, que ella introduz constantemente no pulmão, refrigerando o sangue, que os attritos tinham aquecido nas derrotas longas, e por ventura estreitas da circulação: invocava elle como argumentos; 1.º que são quente o ar; 2.º que as veias pulmonares têm menor volume, que as arterias do mesmo nome, de que concluiu que o sangue em quanto atravessa o pulmão perde um pouco do seu volume condensando-se por arrefecimento; todavia o

primeiro nada colhe, porque em quanto se demorar dentro do pulmão o ar, necessariamente deve elle equilibrar-se em temperatura com elle; o segundo é falso, porque as veias pulmonares longe de terem menor volume, que as arterias do mesmo nome, devem excedel-as, pois que manifestando o sangue que as percorre um grau a grau e meio de mais elevada temperatura, sua maior dilatação deve reclamar maior calibre no vaso; além disso se a respiração refresca o sangue, devera de ser mais quente o venoso que o arterial, e é o contrario o que tem lugar; tambem não poderiamos viver n'uma temperatura superior á nossa, e o sangue arterial não differiria do venoso, senão porque continha um pouco menos de calorico livre.

Quizeram ainda outros, que a respiração de nada mais servisse do que facilitar a passagem do sangue de umas para outras cavidades do coração, desenrolando os vasos do pulmão; por isso que na expiração se julgava isso impossivel, pela grande flexuosidade em que se acham então os vasos: nasceu esta hypothese com a descoberta da circulação do sangue, e por tal forma se insinuára ella nos espiritos, que até Haller com quanto considerasse a respiração como a funcção que faz o sangue, grande importancia ligou elle ao desenrolamento dos vasos do pulmão no acto da respiração; socorriam-se em seu apoio a uma experiencia de Versale, e Hocke com que muito ruido se fez, e na qual pertendiam elles ver suspender, ou restabelecer a circulação segundo que o ar dilatava ou não o pulmão; consistia ella no seguinte: adoptava-se á trahea d'um animal vivo uma bomba para que podesse á vontade insufflar o ar para dentro do pulmão; e depois tirava-se todo o thorax, e punha-se por este modo descoberto todo o pulmão; seguia-se a esta grande desordem o abatimento deste organo, e por consequencia o empecimento de toda a respiração e circulação; mas tornava ella a começar insufflando-se o ar pela bomba, por forma, que parecia ser sufficiente dilatar o pulmão para ver tornar a começar a circulação.

(Continúa.)

Manoel Maria Barbas.

A INFANCIA E MOVIDADE DOS GRANDES HOMENS.

Benjamin Franklin.

III.

Continuado de pag. 120, e fim.

Sua entrada em Philadelphia é narrada pelo proprio Franklin, nas suas memorias, com tal candura, que me não posso furtar ao prazer de a copiar textualmente.

« Na minha chegada a Philadelphia, diz elle, trazia apenas minhas vestes de trabalho, o meu fato mais aceado devendo-me chegar por mar. Eu estava coberto de pó; minhas algibeiras forradas de camizas e de meias; não conhecia alma viva na cidade, e não sabia aonde hospedar-me. Cançado da jornada, do meu trabalho das manobras, e de ter passado toda a noite sem dormir, tinha uma fome extrema; e todo o meu dinheiro consistia n'um dollard e n'uma moeda de cobre no valor pouco mais ou menos d'um schilling, que dei aos homens do navio, em pagamento da minha passagem. Como eu os tinha ajudado nas manobras, recusaram ao principio, mas eu insisti, até que aceitaram. Caminhei até á entrada d'uma rua, olhando com inquietação para um e outro lado e cheguei assim á rua do Mercado, aonde encontrei um menino com um pão. Tinha-me já muitas vezes acontecido jantar só pão secco. Indaguei da creança aonde comprára aquelle pão, e fui com elle até á tenda do padeiro que elle me indicou. Pedi primeiramente biscoito, esperando encontrar como o que havia em Boston; mas não o havia d'essa qualidade em Philadelphia. Pedi então um pão de tres penny (trinta réis.) Não o havia d'esse preço. Como eu ignorava os preços, bem como as diversas especies de pão, pedi então ao padeiro de me dar tres penny de pão de uma especie qualquer. Forneceu-me tres grandes pedaços. Fiquei admirado de obter uma tão grande quantidade. Todavia peguei n'elles, e não tendo já logar nas algibeiras, puz-me a caminho, com os dois pedaços de pão debaixo d'ambos os braços, e comendo o terceiro bocado.

Cheguei assim da rua do Mercado á quarta rua, e passei deante da casa de M. Read, o pae da minha futura esposa. A donzella que estava em pé deante da porta olhou para

mim com espanto, e pensou, não sem razão, que eu tinha uma figura singular e grotesca.

Voltei o angulo e entrei na rua Chestnut, comendo o meu pão ao longo da estrada; e tendo voltado sobre meus passos, tornei a achar-me no cães da rua do Mercado, em frente do navio d'onde havia desembarcado. Subi a bordo para beber uma pouca d'agoa; e achando-me perfeitamente satisfeito com o pedaço de pão que tinha devorado, dei os dous outros a uma mulher e ao seu filho que tinham feito a derrota comnosco no navio, e esperavam que elle partisse para continuar sua viagem.

Assim refrescado, galguei a rua, que estava cheia de pessoas bem vestidas, todas seguindo a mesma direcção. Fiz como ellas, e cheguei a uma casa aonde se reuniram os quakers, perto da praça do mercado. Assentei-me como fez toda a assembléa. Depois de ter olhado em roda de mim, e não ouvindo pronunciar uma só palavra, caí n'um profundo somno que durou até se dispersar a assembléa; então um dos membros da congregação teve a bondade de me acordar. Foi alli, por consequencia a primeira casa de Philadelphia aonde eu entrei, e aonde pelo menos dormi.»

Esta situação e a descripção que Franklin faz de si, indicam assás o estado de penuria em que elle se achava na sua chegada a Philadelphia. Desde logo, diligenciou trabalho, e achou-o n'uma imprensa. Não se passou muito tempo, que a sua boa conducta, seu zelo no trabalho e habilidade, lhe não grangeassem a affeição do seu employeur.

Publicou então, debaixo da forma d'uma carta dirigida a um amigo, a narração da sua viagem de Boston a Philadelphia. Este pequeno opusculo attrahiu a attenção e produziu uma certa sensação, por causa da finura do estylo e das observações, e especialmente por causa do maravilhoso bom senso que n'elle transluzia, e que foi sempre o lado saliente do genio de Franklin em todas as suas obras.

IV.
A carta de Franklin fez tanta bulha, que a mostraram a sir William Keith, governador da colonia; que ao lê-la ficou tão encantado pelo seu auctor que desejou vê-lo e o teve em grande conta d'amizade, não obstante a differença da sua posição social. Esta amizade, que honrou Franklin, devia porém causar-lhe serios embaraços,

Sir Villiam Keith sabendo que elle era tão bom operario e auctor espirituoso, e mui capaz de se pôr á frente d'uma empreza, metteu-lhe em cabeça de fundar em Philadelphia um estabelecimento por sua conta. Franklin quiz a este respeito consultar seu pae, que o dissuadiu d'isso. Pouco tempo depois o governador propoz de novo a Franklin o realizar seu projecto, e convidou-o a partir para Londres, para ahi fazer uma escolha de typos e material, superiores a tudo quanto então existia nas colonias da America.

Franklin embarcou pois para Inglaterra, munido de cartas de recommendação que lhe havia dado sir William Keith. Em Londres o nosso heroe viu bem depressa que o seu protector não tinha nenhuma especie de credito juncto ás pessoas a quem elle viera recommendado. Eil-o no meio d'uma grande cidade, estrangeiro, sem amigos, e peor ainda sem recursos.

Nossos leitores sabem agora que Franklin não era homem de se deixar descorçoar. Procurou logo occupação e entrou como operario n'uma imprensa de Londres, depois de se ter deixado embalar, confiado no seu jactancioso protector por illusões e sonhos, que uma triste realidade lhe veio desvanecer. Os homens da especie de sir William Keith são numerosos n'este mundo; illudem com certas apparencias de grandeza e generosidade, e é por isso *que é sempre bom desconfiar das promessas pomposas.*

Em Londres, bem como em Philadelphia, Franklin manifestou-se aos seus superiores sob o esplendor de todas as suas qualidades. Foi bem depressa apreciado, amado e até respeitado dos seus camaradas, apezar de ter apenas dezoito annos. Sua conducta regrada, seu zelo pelo estudo que mais se desinvolveu no meio das riquezas intellectuaes que lhe offerencia uma grande cidade como Londres, deram-lhe azo para fazer economias sobre o seu salario.

Estas economias formáram uma pequena somma assás forte, com que Franklin se propunha emprehender uma viagem pelas principaes cidades da Europa, sempre com o fim de se instruir; mas no momento de partir, soube que um dos seus compatriotas, um pobre diabo de poeta, se achava em Londres, falto de todos os recursos, a braços com a fome e inferno. Adeus viagem através da Europa! Adeus prazeres e alegrias que Franklin se prometia gosar. Sua viagem limitou-

se a transportar-se do seu domicilio ao do seu infeliz compatriota; e sua alegria e prazer reduziram-se em consagrar tudo quanto sua bolsa continha em arrancar o pobre discipulo d'Apollo á miséria em que vivia, a pagar-lhe as suas dividas, e a comprar-lhe a roupa de que carecia; depois fez transportar o inferno para sua casa, deu-lhe um lugar no seu quarto, ao seu lar, á sua meza, e poz-se a trabalhar com mais ardor ainda; e em quanto aquelle desgraçado se não curou e não ficou em estado de partir para a America, sustentou-o não com o fructo das suas economias, que haviam desaparecido, mas com o producto do seu trabalho de todos os dias, como um irmão faz a um irmão!

Eis aqui, na verdade, um dos episodios mais tocantes da vida de Franklin; e não nos podemos eximir de uma viva emoção vendo-o na vespera de gozar o primeiro prazer, a primeira alegria que uma infancia e mocidade tão estudiosas e economicas lhe permitiam, sacrificar-los generosamente para consummar uma boa acção! Similhanes rasgos na existencia d'um mancebo devem trazer-lhe felicidade! Não se póde duvidar que taes sentimentos, cedo ou tarde tem a sua recompensa.

Por maiores esforços que empregou Franklin para dissimular sua generosa conducta para com o seu compatriota, bem depressa foi ella conhecida de todos os que o cercavam, e duplicou a estima e afeição que já lhe consagravam.

V.
Por este tempo, um negociante que se dispunha a partir para a America com fardos de fazendas, propoz a Franklin de o acompanhar a Philadelphia aonde contava estabelecer-se, e offerecendo-lhe mui bons ordenados para elle ser seu caixeiro, fez-lhe entrever a possibilidade d'uma associação no futuro.

Franklin acceitou, e eil-o de volta para Philadelphia; tinha então vinte annos.

Apenas o negociante chegou, que falleceu; e o pobre Franklin acha-se ainda uma vez desempregado; mas entra de novo n'uma imprensa aonde havia deixado toda a sorte de excellentes recordações. Ahi trabalhou durante alguns mezes, e tendo encontrado entre os numerosos amigos que possuia, amigos serios e que sabiam apreciar-o, credito e um concurso franco, fundou em fim, por sua

conta um estabelecimento typographico que não tardou a prosperar, graças á actividade, moralidade e zelo de que elle tinha dado tantas provas.

Desde esse momento sua fortuna ficou estabelecida; e elle começou, descansado em quanto ao futuro, e gozando um repouso que tinha bem merecido, a utilizar em proveito do publico os thesouros de sciencia, de moral, e de bom senso que tinha accumulado no fundo do seu coração e de seu espirito.

Até alli Franklin tinha sido um excellente rapaz, um corajoso mancebo, um honrado operario; fa porém bem depressa ser um homem de genio, e uma das glorias as mais puras e as mais completas do seu paiz.

Aqui poderíamos parar, e a nossa missão poder-se-hia dizer acabada; porque temos conduzido através das duas provas da sua infancia, e através das luctas da sua mocidade, esse homem de bem até á hora em que começa sua vida publica, em que elle vai ser responsavel perante o mundo, das suas acções, e recolher-lhe os benefícios e a recompensa. Mas resta-nos ainda o tornar bem saliente, que tudo quanto Franklin apprehendeu e realisou, desde esse momento se resen- tiu das impressões da sua infancia e da sua mocidade, da direcção que elle lhe deu, do cuidado que teve em cultivar seu coração, em alumiá-lo seu espirito com bons exemplos, e em os elevar um e outro á altura dos maiores modelos, que elle tinha encontrado nas suas excursões através da historia dos povos e dos annaes da humanidade. Oxalá que elle se torne, um exemplo que a mocidade deve ter debaixo dos olhos e esforçar-se por imitar.

Franklin fez numerosas descobertas na sciencia, entre outras a *para-raio*; escreveu obras de moral e de philosophia, em que todos sem distincção de classes e de idade podem instruir-se e apprender o bem; fundou em Philadelphia varios estabelecimentos de beneficencia, bibliothecas, escholas publicas, e hospitaes.

Passou uma vida interior cheia de felicidade, em virtude do seu casamento com Madame Read; essa joven que o observára com tanto espanto no dia em que elle entrava em Philadelphia no extravagante traje com que o pintámos.

Depois de ter occupado os mais altos empregos no seu paiz, Franklin morreu em Philadelphia a 17 d'Abri! de 1790, tendo vivido oitenta e quatro annos. Seu nome trans-

mittido com veneração até nós, ha de passar á posteridade coroado d'uma aureola de gloria.

(Extrahido da sua vida.)

Alexandre Meyrelles.

COLLEGIOS DE EDUCAÇÃO.

Continuado de pag. 106.

A especulação, suggerida pelo egoismo, não é para lamentar como filha só da sociedade actual; é antes um d'esses vermes devoradores, que ha sempre empecido a marcha do genero humano no seu progressivo caminhar, mas que este seculo parece ter adoptado com singular tendencia. Especula-se com tudo o que ha de mais sagrado; especula-se com — a educação da mocidade. Nem se appelle de leve uma tal asserção, que os factos ahi se passam bem patentes aos olhos de todos; e os homens que mais estudaram e meditaram a importante questão do ensino não cessam de nos repetir: « que o magisterio por especulação, collegial, escholar ou domiciliario é (as excepções são raras) peor que mau. » Temos pois que a intervenção nos collegios, d'uma auctoridade policial, é objecto de reconhecida utilidade. Todo o collegio deve ter uma lei, uns estatutos que o regulem, e sirvam de garantia ás psssoas que lhe confiam a educação de seus filhos; creio mesmo que nenhum ha, digno d'esse nome, que os não tenha. Muitos d'esses Estatutos estão profundamente elaborados, cheios de sensatez; traduzem-se em cada um d'elles principios justos e razoáveis. Quem nos assegura porém que semelhante Lei ha de ser, como deve, religiosamente cumprida? Quem nos afirma que ella não será transgredida e ludibriada; se terá uma realidade practica, ou se é apenas um programa pomposo e illusorio? O chefe ou director do collegio não é de certo a pessoa mais competente, para affiançar a exacta applicação dos seus Estatutos. D'aqui a conveniencia palpavel de que seja uma pessoa desinteressada, e de reconhecido mérito, a escolhida para indagar se a Lei é rigorosamente observada, ou se, pelo contrario, é sophismada com manifesto prejuizo das familias.

Se a nossa legislação, em muitos casos, não acompanha ainda, como devera, os pro-

gressos da civilização moderna, não merece todavia o desprezo a que desgraçadamente tem sido votada. Entendemos que o defeito radical d'uma grande parte das nossas Leis, está em se omitir a practica das suas disposições. Recáia pois toda a censura e responsabilidade sobre os que, possuindo os meios de promover a sua execução, o não fizeram por incuria ou por calculo. A estes cabelles o remorso de ter causado, não a perda d'um só individuo, mas a ruina d'uma nação inteira.

Temos á vista um Decreto de 20 de Setembro de 1844, cujo fim é organizar toda a Instrução Publica, nos tres diversos ramos, em que se acha dividida: *Primaria, secundaria e superior*, pelo que respeita não só ás materias de que se compõe cada um d'estes ramos, mas tambem aos Professores, que as ensinam. N'este Decreto, ha um titulo especialmente dedicado aos Collegios e Escolas particulares, do theor seguinte:

Art. 1.º É livre o estabelecimento de Collegios e Escolas, para o ensino de quaesquer objectos d'instrucção litteraria.

Art. 2.º Antes da abertura dos Collegios, os seus Directores entregarão ao Administrador do Concelho, e ao Commissario dos Estudos, e na sua falta ao Reitor do Lyceu do Districto, uma declaração do objecto e local do seu estabelecimento, acompanhada dos documentos, que justifiquem, que elles, pela sua *boa morigeração, pela de todos os Empregados na empresa, e pelas habilitações litterarias dos Professores*, são dignos de dirigir a educação dos alumnos, que concorrerem a esses estabelecimentos.

Art. 3.º A igual declaração serão obrigadas as pessoas, que pretenderem abrir cursos particulares sobre um ou muitos ramos de instrucção.

Art. 4.º As auctoridades Inspectoras das Escolas publicas poderão visitar os Collegios e Escolas particulares, e examinar a educação e aproveitamento moral e litterario dos alumnos; e os respectivos Directores e Professores serão obrigados a prestar os esclarecimentos, que pelas mesmas Auctoridades lhes forem exigidos.

Art. 5.º Os Directores dos Collegios e Professores, que faltarem ás condições exigidas nos artigos 2.º e 3.º, ou se recusarem ao cumprimento do que lhes fôr exigido, em virtude do artigo antecedente, ou por qualquer modo que forem indignos de se lhes confiar a educação da mocidade, poderão ser

temporariamente suspensos, ou inteiramente inhibidos de suas funcções, guardadas as solemnidades prescriptas nos artigos 179 e 181¹ para os Professores d'ensino publico.

§. unico. Os Directores e Professores, que abusarem de seu ministerio, ensinando doutrinas subversivas da ordem estabelecida, immoraes ou irreligiosas, serão punidos e perseguidos judicialmente.

Preencherão as disposições, que acabamos de referir, o fim que se pretende alcançar? Ter-se-ha attendido ás vantagens d'uma inspecção rigorosa; submettidos áquellas disposições, offerecerão os Directores e Professores dos Collegios particulares uma garantia segura das suas habilitações, para bem educar e instruir aquelles, de cuja educação e instrucção, está dependente toda a sua felicidade? Cremos que não. Pedimos venia aos que sobre isto decretaram, se temos o arrojado de os considerar menos cautelosos em tão delicado assumpto. Entendemos que se o Titulo 3.º do Decreto de 20 de Setembro de 1844, por um lado, contém medidas que a prudencia forçosamente aconselhava, por outro lado, é demasiadamente indulgente, exigindo apenas, no artigo segundo, que «antes da abertura dos collegios, os seus Directores entreguem ao Administrador do Concelho, e ao Commissario dos Estudos, e na sua falta, ao Reitor do Lyceu do districto, uma declaração do objecto e local do seu estabelecimento, acompanhada dos documentos que atestem as suas habilitações moraes e litterarias e as dos Professores a quem compete dirigir a educação dos alumnos.»

¹ Não podem ser demittidos os Professores de Instrucção Superior, sem preceder Consulta affirmativa do Conselho d'Estado; nem terá lugar a demissão dos Professores de Instrucção Primaria e Secundaria, sem préviamente ser ouvido o Conselho Superior d'Instrucção Publica. (*Decreto do 1.º d'Agosto de 1844*).

As penas disciplinares são: — as advertencias — a censura — a reprehensão particular, ou em congregação — as multas — a suspensão com a perda total ou parcial dos vencimentos, — a demissão.

§. 1.º A applicação das penas será graduada pela gravidade dos factos.

§. 2.º Para ter lugar a suspensão com perda de vencimento, cumpre, que seja imposta pelo Conselho Superior de Instrucção Publica, ou por elle confirmada, precedendo audiencia dos interessados.

§. 3.º A demissão terá sempre lugar quando os Professores derem grande escandalo á mocidade pro seu mau procedimento moral ou civil.

É esta de certo uma medida judicious, mas de limitado alcance, ainda na hypothese de serem, o que por vezes não são, escrupulosamente examinados e approvados taes documentos. A inspecção da authority não deve ficar aqui, deve ir mais longe, e observar attentamente se os actos practicados pelos Directores na gerencia dos Collegios estão ou não d'accordo com a veracidade dos documentos, de que se muniram, para provar as suas habilitações. Além d'isto os Professores e Empregados na empresa não são vitalicios, e do artigo nem sequer se collige que para novos Professores e Empregados, se exijam novos documentos. Nem se nos diga que tudo está prevenido no artigo 4.º, quando n'elle se diz « as auctoridades inspectoras das Escolas publicas poderão visitar os Collegios e Escolas particulares, e examinar a educação e aproveitamento dos alumnos. » O disposto n'este artigo é inteiramente facultativo, quando entendemos devia ser obrigatorio. Se em vez de *poderão visitar* se dissesse *deverão visitar* não teriamos a lamentar os milhares d'abusos que nos Collegios se commettem a cada passo, com manifesto desprezo das suas proprias Leis.

(Continúa.)

CORRESPONDENCIA.

Srs. Redactores:

A Direcção da Sociedade Philanthropico-Academica, a que tenho a honra de pertencer encarrega-me de lhes pedir a publicação do resultado da sua ultima sessão, na qual se tomaram algumas deliberações, tendentes a melhorar o estado da Sociedade. A Direcção, attendendo ao muito que os Srs. Redactores da Revista Academica se teem interessado por tão benemerita instituição, espera se não recusarão a este seu pedido.

Secretaria da Sociedade Philanthropico-Academica, em 23 de Março de 1855.

M. A. Guerra, Secretario.

Sessão da Direcção da Sociedade Philanthropico-Academica, em 22 de Março de 1855.

Presidencia do Sr. D.º Nazareth.

Lida a acta da sessão antecedente o Sr. Presidente abriu a sessão lendo um requerimento do Vogal Extraordinario, o Sr. Alexandre Meyrelles, em que chamava a atten-

ção da Direcção sobre pontos de relevantissimo interesse para a Sociedade. — Começava por lembrar á actual Direcção, o cumprimento d'uma medida, tomada pela Direcção antecedente, de se conservar no cofre da Sociedade, como fundo inalienavel, a quantia de trezentos mil reis, para occorrer ás despezas de urgentissima necessidade. Requereu em seguida que d'ali em diante, a Direcção não fizesse emprestimo algum que excedesse a quantia de treze mil e oito centos, por ser esta a maior importancia d'uma matricula na Universidade, e que taes emprestimos só podessem ter logar na epocha d'abrir e fechar as matriculas; accrescentando que a esta regra se faria apenas uma excepção, quando um socio allegasse estado de doença grave, justificado por documento do facultativo.

Pedia finalmente se lançasse mão de meios extraordinarios para que a cobrança das prestações mensaes dos socios, corresse regularmente, pois que sem aquella fonte de receita a sociedade mal poderia occorrer ás suas mais insignificantes despezas.

O Sr. Presidente observou que pelo que tocava á primeira parte do requerimento, a Direcção começaria a ir d'accordo com ella, satisfazendo apenas ás prestações mensaes, e pondo termo aos emprestimos, em quanto se não perfizesse a quantia ou fundo permanente. O Sr. Presidente depois de ter satisfeito d'este modo á primeira parte do requerimento do Sr. Meyrelles, poz a segunda parte á discussão, e decidiu-se que se adoptassem as medidas n'ella exharadas; a requerimento porém do Delegado, o Sr. Manoel Francisco de Medeiros ampliou-se a proposta do Sr. Meyrelles, e decidiu-se que se podesse emprestar uma quantia que não excedesse uma prestação mensal ao socio que se achasse repentinamente privado da sua mesada, na conformidade dos Estatutos.

Pondo-se á discussão a terceira parte da proposta, deliberou-se que no espaço de seis dias se procedesse á cobrança dos mezes de Fevereiro e Março, nomeando-se por isso um ou dois cobradores extraordinarios, ficando desde já desonerados temporariamente d'esse encargo os Srs. Delegados.

Não havendo nada mais a discutir, o Sr. Presidente fechou a sessão era 1 hora da tarde. Secretaria da Sociedade Philanthropico-Academica, em 22 de Março de 1855.

O Secretario,

Manoel Alves Guerra.

Preço da assignatura.

Por 1 anno	1:200 réis
Por 6 mezes.	600 »
Avulso	160 »

Pode-se assignar remettendo directamente a importancia da assignatura ao Redactor principal da REVISTA ACADEMICA, Alexandre Meyrelles, rua do Corpo de Deos n.º 31, em Coimbra. Toda a correspondencia deve ser franca de porte.



Subscreve-se para a REVISTA ACADEMICA—em Lisboa, na loja do Sr. Lavado, *Rua Augusta* n.º 8; no Porto, Braga e Guimarães, na loja do Sr. Moré; em S. Miguel, em casa do Sr. Manoel Cardoso d'Albergaria e Valle; na Terceira, em casa do Sr. José Bensabat; no Fayal, em casa do Sr. Rodrigo Alves Guerra.



REVISTA ACADEMICA

JORNAL MENSAL.

N.º 8—JULHO DE 1854.



INDICE DOS ARTIGOS.

Srs.	Pag.
	Vida de Luiz de Camões 141
	Rellexões sobre o theatro Allemão 149
T. A. Ribeiro	O penedo da meditação 151
	Testamento politico 152
J. A. Santos e Silva	Correspondencia 153
Alexandre Meyrelles	Correspondencia 155
	Manuscripto 158
José Joaquim d'Azevedo	Aos Açoreanos Occidentaes 159

Coimbra

IMPRESSA DA UNIVERSIDADE

1855.

Sala 17
Gab. 7
Est. 7
Tab. 14
N.º 14



REVISTA ACADEMICA

JORNAL MENSAL

N.º 8 - JULHO DE 1854

INDICE DOS ARTIGOS

111	112	113	114	115	116	117	118	119	120	121	122	123	124	125	126	127	128	129	130	131	132	133	134	135	136	137	138	139	140	141	142	143	144	145	146	147	148	149	150	151	152	153	154	155	156	157	158	159	160	161	162	163	164	165	166	167	168	169	170	171	172	173	174	175	176	177	178	179	180	181	182	183	184	185	186	187	188	189	190	191	192	193	194	195	196	197	198	199	200
-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----



Companhia

1854

VIDA DE LUIZ DE CAMÕES.

Os homens mostraram sempre um grande desejo de conhecer as circumstancias particulares de todos aquelles varões, que illustraram o seu nome, e patria. É mui natural a curiosidade de averiguar, quaes foram os estudos, que desinvolveram o seu ingenho, quaes os seus habitos moraes e character, quaes as suas acções, e de saber se estas corresponderam á elevação dos sentimentos, que elles manifestaram nos seus escriptos.

Quando vemos reunidos aos maiores talentos do espirito as qualidades mais estimaveis do coração, assim como os principios das mais solidas virtudes, sentimos a maior satisfação em poder amar e respeitar o homem grande, que fomos obrigados a admirar. Mas se observamos além disso, que a adversidade, não provocada nem merecida, o perseguiu durante a sua vida, e que elle soube lutar com fortaleza e constancia contra os rigores da sorte, ou contra a perversidade humana, então concebemos para com elle uma veneração, quasi proxima a um culto: *Ecce spectaculum Deo dignum, vir fortis cum mala fortuna compositus.*

O espectáculo de uma tal conducta, agradável a Deus, é a eschola da verdadeira philosophia; ou antes é ella mesma dando a lição mais importante para os homens, aos quaes estes grandes e admiraveis exemplos devem servir de modelo.

Luiz de Camões nos presenta, mais do que nenhum outro, um destes grandes exemplares. Depois de manifestar nas suas diversas obras o maior ingenho, e de nos legar no seu immortal poema o amor da patria, e das mais heroicas virtudes, deixou-nos em todas as acções da sua vida um monumento da grandeza e elevação da sua alma, que póde e deve servir, não só de instrucção, mas de emulação. Superior á ingratição da sua patria, que servira, e illustrara, conservou constantemente o mesmo amor por ella, e a inteireza do seu nobre coração, a pesar da mais cruel infelicidade.

Propondo-me hoje escrever a sua vida, bem quizera poder dar aos meus leitores noticias mais circumstanciadas della; mas é forçoso, que elles se contentem com o pouco, que nos transmittiram os seus contemporaneos Diogo do Couto e Manoel Corrêa, e com o mais, que Pedro de Mariz, Manoel Severim de Faria, e Manoel de Faria e Sousa,

trinta ou quarenta annos depois, deram por averiguado.

Deviam certo, ou considerar esta materia de menos importancia, ou pôr nella bem pouca diligencia e applicação, pois estão longe de satisfazer a nossa sequiosa curiosidade, e de se eximir da culpa de deixarem confusos e escuros alguns dos factos, que referem.

Por tanto o meu trabalho foi de extrahir estas noticias dos auctores, acima mencionados, tendo tido o maior cuidado em confrontal-os, e escolher sómente o, que era verosimil, para o que muito me serviram uma lição a mais attenta, e um miudo exame das obras de Camões, aonde elle toca alguns successos da sua vida, desvelando-me assim a fazer melhor conhecer o character e conducta deste varão, que tanto honra a humanidade.

A familia dos Camões é originaria de Galiza. O seu solar era o castello de Camões, juncto do cabo de Finisterre, donde deriva o seu appellido.

Vasco Pires de Camões foi o primeiro della, que passou a Portugal em 1370, quando seguiu as partes do Senhor D. Fernando contra el-Rei D. Henrique de Castella. A julgar pela grandeza da doação, que o Soberano portuguez lhe fez, e os cargos, que lhe confiou, devia ser a aquisição deste fidalgo considerada de grande importancia, e a sua pessoa tida em grande valia. Casou em Portugal com a filha de Gonçalo Tenreiro, Capitão mór das Armadas; de quem teve Gonçalo Vaz de Camões, João Vaz de Camões, e Constança Pires de Camões.

Do primogenito descendem varias familias das mais illustres do Reino. Da alliança, que fez o segundo com Ignez Gomez da Silva procedeu Antonio Vaz de Camões, o qual casou com Guiomar Vaz da Gama, de quem teve Simão Vaz de Camões. Este, e Anna de Macedo (dos Macedos de Santarem), foram os primogenitores do grande Luiz de Camões.

Refiro esta ascendencia genealogica para mostrar, que a fortuna até o tinha favorecido, fazendo-o nascer em uma classe, que lhe proporcionava grandes vantagens, e não para illustrar o nosso Poeta; pois é elle, quem pelo seu ingenho e virtudes illustrou mais a sua familia, e fez o seu appellido conhecido na Europa, quando aliás não teria passado além das fronteiras de Portugal.

Seus paes não deviam ser ricos, porque

provinham d'um ramo segundo; e é notorio, que os cadetes em Portugal são geralmente pouco avantajados: mas tanto maiores elogios e agradecimentos merecem de nós pelo cuidado, que tiveram em cultivar o grande ingenho natural do seu filho.

Nasceu este no anno de 1525 em Lisboa, segundo a melhor opinião, fundada nos registros da Casa da India, que Manoel de Faria descobriu, em que se acham notados a sua idade e assentamento de praça.

Sabemos, que, passada a sua primeira educação, elle foi (dizem), da idade de doze annos, continuar os seus estudos na Universidade, que el-Rei D. João III. tinha transferido, havia pouco tempo, de Lisboa para Coimbra, convidando para professar nella alguns dos nacionaes, e estrangeiros mais famosos então no orbe litterario. Dos progressos, que elle fez naquella eschola, podemos julgar pelos conhecimentos e erudição, que vemos nas suas obras, e pela superioridade, com que brilhou desde logo, e que conservou sempre entre todos os seus contemporaneos. Já nessa juvenil idade Luiz de Camões se dava á poesia, e nos seus primeiros ensaios mostrava o talento poetico, de que era dotado, e a sua applicação aos bons auctores e modelos. Acabados os seus estudos, na idade de 18 ou 20 annos, voltou á Córte, aonde residiam seus paes, e onde os fidalgos moços, segundo os costumes, d'aquelle tempo, vinham mostrar-se para aperfeicoar a sua educação, e passar d'alli ás duas escholas militares de Africa e Asia.

Dotado d'uma presença agradável, d'um raro ingenho, de uma imaginação romantica, de um coração sensível e ardente, com um espirito ornado de quantas vantagens a natureza e a educação podem dar, viu-se procurado, e estimado por todos aquelles, que cultivavam as letras. Mas, como elle diz,

... Quem pôde livrar-se por ventura
Dos laços, que Amor arma brandamente?

Alli viu D. Catharina de Atayde, composta de graças e de belleza, se devemos crer a descripção encantadora do Poeta, e concebeu por ella o mais ardente amor, como o seu coração era capaz de sentir-o, e como os seus versos mostram, conservando o fogo da paixão, que os dictou. Era esta senhora dama do Paço, e a julgar pelo seu appellido, parenta de D. Antonio Atayde, primei-

ro Conde da Castanheira, poderoso valido do Senhor D. João III. Estes amores inspiraram a Camões a maior parte das suas primeiras poesias, e foram a primeira causa dos seus infortunios. Posto que elle fosse igual em nascimento a D. Catharina de Atayde, como lhe faltavam os bens da fortuna, pôde-se mui bem conjecturar, que a familia desta senhora procurou prevenir uma união, que julgava desvantajosa, e aggravando uma falta desculpavel, reclamou sobre esta o rigor das leis, que eram naquelle tempo mui severas contra os, que entretinham amores no Paço. Por este motivo, o unico, de que tenhamos noticia certa, foi desterrado da Córte para o Ribatejo, o que elle confirma, e de que se queixa na elegia terceira, em que se compara a Ovidio, lamentando as penas da ausencia, e tão austero castigo.

Neste retiro procurou Camões um allivio ás suas magoas no estudo e na poesia. Alli compoz grande parte das suas rimas, provavelmente as suas comedias, e concebeu o plano do seu poema, em o qual, julga Manoel de Faria, que elle começou a occupar-se muito cedo.

Ignora-se o tempo, que durou este degredo; quando voltou d'elle a Lisboa, e se embarcou para militar em Africa; e até o motivo desta segunda sahida da Córte. Talvez por não comprometter mais a sua dama, ou por experimentar novos contratempos, tomou uma resolução propria do seu brioso coração; e entrando na carreira e serviço militar, quiz, como verdadeiro cavalleiro, participar da gloria, que os portuguezes então adquiriam em todas as partes do mundo. A minha opinião é, que elle intentou primeiro passar á India, e que para esse fim se alistou em 1550, mas que foi obrigado a mudar de tenção, e a servir em Africa, ou pelo terem condemnado a novo degredo, ou por alguma outra razão, que ignoramos.

Passou a Ceuta, que governava nesse tempo D. Pedro de Menezes, nomeado Governador em 1549. Alli militou Luiz de Camões com o seu valor nativo, achando-se em diversos recontros, e particularmente em um combate naval no estreito de Gibraltar, aonde juncto de seu paço, que commandava uma das naus, recebeu dos Mouros, um tiro, que o privou do olho direito. Voltou a Lisboa com esta honrosa cicatriz, mas nem por ella nem pelos seus serviços teve a menor recompensa. Então pôz em execução a sua primeira determinação de passar á India,

impellido pelos mesmos motivos, ou por se ver orphão de paes, e de bens da fortuna, e sobre tudo desgostoso das injurias da Corte, e das *más tenções dos homens*.

Dizendo adeus á sua patria, e a tudo, que mais amava, para transportar-se

Áquella desejada, e longa terra,

De todo o pobre honrado sepultura?

exclamou, como Scipião: *Ingrata patria, non possidebis ossa mea!* taes tinham sido os desgostos, que nella o perseguiram! Assim mesmo, enfadado della, soube sómente ir servil-a em paizes mais remotos, e lá

... Buscar co' o seu forçoso braço

As honras, que elle chame proprias suas.

Vê-se, que a sua determinação, arrancando-se da sua terra natal, era de não voltar mais a ella, ainda que deixava allí a maior parte da sua alma, e tão doces memorias;

Os campos, as passadas, os signaes,

A vista, a neve, a rosa, a formosura,

A graça, a mansidão, a cortezia,

A singela amizade, que desvia

Toda a baixa tenção, terrena, impura.

Quão malogrados ficam aqui os nossos desejos de saber mais miudamente, como, e porque causa o nosso Poeta rompeu tão doces laços de amor, e se expôz ás cruéis penas de uma longa ou eterna separação! Quaes eram os obstaculos, que se oppunham a unir-se com a sua amada? Quaes as esperanças, que depois na India, elle diz, fundava nella, e em que confiava, quando a perdeu? A nada disto satisfazem os insensíveis e frios biographos, os quaes parecem ter medo ou escrupulo de fazer menção, e de dar alguma noticia dos amores de Camões; e este por um delicado sentimento não se explicou, senão em termos geraes ou mysteriosos sobre o objecto da sua paixão;

Alistou-se pois de novo, e embarcou-se em 1553 na nau de Francisco Alvares Cabral, uma das quatro, que compunham a esquadra, expedida nesse anno para a India, debaixo do commando deste fidalgo, e que foi a unica, que pôde lá chegar depois de ter soffrido uma grande tormenta. Governava aquelle estado o Vice-Rei D. Affonso de Noronha, com o qual, logo em Novembro seguinte, Luiz de Camões, ambicioso de gloria, se embarcou na armada, que ia contra

o Rei de Chembé (ou da Pimenta), que alcançou victoria d'elle, e o obrigou a pedir paz; do que o nosso Poeta faz menção (na elegia I) com a modestia propria do verdadeiro valor:

Uma ilha, que o Rei de Porca tem,

E que o Rei da Pimenta lhe tomára,

Fomos tomar-lha, e succedeu-nos bem.

Neste anno perdeu o seu melhor amigo, D. Antonio de Noronha, o qual mataram os Mouros de Tetuão, assim como a seu tio, o Governador D. Pedro de Menezes, no combate de 18 de Abril, juncto a Ceuta, cuja morte soube no anno seguinte, e lamentou em diversas poesias. No anno de 1555 succedeu o Vice-Rei D. Pedro Mascaranhas a D. Affonso de Noronha, e deu logo commissão a Manoel de Vasconcellos de ir com uma armada cruzar na boca do Mar Roxo, para esperar, e combater as naus dos Mouros. Offereceu-se Luiz de Camões para ir nesta expedição; mas a esquadra, depois de cursar em vão defronte do cabo Guardafu, até se lhe passar a monção, foi invernar em Ormuz no Golfo Persico. Desta expedição falla o Poeta na sua canção X:

Juncto de um secco, duro, e esteril monte.

Voltando a Goa em Outubro do anno seguinte, achou fallecido o Vice-Rei D. Pedro Mascaranhas, ao qual tinha succedido o Governador Francisco Barreto. Luiz de Camões indignado dos principios de corrupção de costumes, da perversidade e baixezza da maior parte da gente (consequencia fatal de conquistas distantes, e que mais apparece, quando a sede do ouro, e o abuso do poder dominam), exhalou a sua virtuosa indignação naquella satyra, que intitulou — *Disparates da India* —, e que bem injustamente quizeram chamar libello, quando não ha naquelles versos um só nome escripto, nem a censura dos vicios é individual, mas geral. Aquelle, que tiver lido, ou quizer ler o — *Soldado pratico* — de Diogo do Couto, e o que este autor contemporaneo diz na sua Decada V., l. 2. e 3., e conhecer assim, a que extremo de corrupção tinham chegado nesse tempo os portuguezes na India, assentará, que o nosso Poeta é um brando censor. E qual coração honrado, nobre, desinteressado como o seu, deixaria de sentir profundamente, e de reprehender com justa severidade,

esta degeneração dos nossos antigos, e briosos costumes? No mesmo tempo appareceu um papel em prosa e verso, que motejava de alguns cidadãos de Goa, que, por adulação ao novo Governador, tinham ordenado umas festas ridiculas, para celebrarem o dia da sua posse, nas quaes os festeiros se expuzeram á vista do publico, em um estado offensivo de ebriedade. Esta satyra foi attribuida a Luiz de Camões, mas póde-se crer, que falsamente, pois nem na prosa nem nos versos apparece uma faísca do seu ingenho, nem vemos, que elle antes ou depois mostrasse esta propensão de character, de que o quizeram accusar.

Irritado Francisco Barreto contra elle, e talvez sentido, de ver expostos e censurados vicios, de que participava, ou que não sabia reprimir, como era homem de grande vaidade e soberba, abusou do poder, que tinha, e desterrou Luiz de Camões para as ilhas Molucas. Sentiu este por extremo uma tal prepotencia, de que se queixou nas suas rimas, dizendo:

A pena deste desterro,
Que eu mais desejo esculpida
Em pedra, ou em duro ferro.

Mas a generosidade e grandeza do seu coração eram taes, que nunca nomeou o tyrannico Governador, que tão injustamente o maltractara. Porém é um dever da historia denunciar este despota aos seculos futuros, e notar o seu nome com a infamia de ter sido um dos perseguidores daquelle grande homem, cujo distincto merecimento não soube nem sentir nem avaliar. Não é menos digna de censura a baixeza, com que Manoel Severim de Faria e outros procuraram attenuar este despotismo abominavel do homem poderoso, culpando a victima, o infeliz Luiz de Camões.

Tres ou mais annos discorreu por Malacca, pelas Molucas, e por Macau, cumprindo a pena deste degredo; do qual faz menção na canção VI., em que descreve Ternate, e na X., em que refere parte da sua trabalhosa vida, vida amargurada de mais a mais pela ausencia, em que se via, daquella, que constantemente amava com a vehemencia, de que os seus doces e tristes cantos fazem fé, e aos quaes ainda hoje os nossos corações respondem. A chegada do Vice-Rei D. Constantino de Bragança, o qual succedeu no governo a F. Barreto, em 1558, offere-

ceu ao nosso Poeta occasião de reclamar a sua justiça, e antiga amizade, para fazer cessar aquelle iniquo degredo. Conjecturo, que o Vice-Rei lhe levantou a pena, e o nomeou Provedor dos defunctos em Macau, com o fim de o empregar, e de melhorar a sua condição. Alli residiu os ultimos annos, que passou naquellas regiões austraes, e alli se occupou muito no seu poema. É tradição constante, que passava muitas horas a trabalhar nesta composição, em uma gruta, que se mostra agora em Macau, e é nomeada a—*Gruta de Camões*. Que vigor d'ingenho e de character devia ter Luiz de Camões para não se deixar abater, nem pela adversidade nem pelos calores de um clima ardente, mas achar energia em si mesmo para entregar-se a uma tão grande e longa composição!

Durante o governo de D. Constantino póde o nosso Poeta obter d'elle o voltar a Goa. Mas a sorte adversa, que parecia assanhada em perseguil-o, fez, que a nau, em que se tinha embarcado, fosse naufragar na costa de Camboja, juncto á foz do rio Mecom:

Este receberá plácido e brandido,
No seu regaço os Cantos, que molhados
Vem do naufragio triste e miserando
Dos procellosos baixos escapados.

Neste naufragio perdeu elle tudo, quanto possuia, podendo apenas salvar-se a nado sobre uma taboa, e só com o manuscripto do poema, o seu mais precioso thesouro; e por certo tão precioso para elle como para nós, pois immortalizou a sua e nossa fama. Com esta unica riqueza chegou a Goa em 1561: e sendo grato, ao mesmo tempo que justo, para com o Vice-Rei, dirigiu-lhe as outavas (em que imita a Horacio na epistola a Augusto) que começam:

Como nos vossos hombros tão constantes, etc.

nas quaes tocando levemente os abusos do governo precedente, sem nomear Francisco Barreto, e sua má influencia sobre aquelle

Povo indomito,
Costumado á largueza, e á soltura
Do pesado Governo, que acabava.

Louva a D. Constantino por ter atalhado estes vicios: e os historiadores confirmam o juizo do Poeta.

No pouco tempo, que durou o governo deste Vice-Rei, passou Luiz de Camões des-

encadô á sombra da sua protecção, e foi então, que elle convidou varios fidalgos seus amigos a um gracioso banquete, em que lhe serviu em logar das primeiras iguarias pequenos versos, dirigidos a cada um, o que foi muito celebrado.

Mas este tempo de tranquillidade não foi de longa duração, porque no mesmo anno partiu D. Constantino para a Côrte, deixando o governo a seu successor o Conde de Redondo.

Este não era menos favorecedor e amigo do Poeta, mas não pôde impedir, que homens malevolos o accusassem de malversação na administração da Provedoria de Macau, e que fosse posto em juizo, e encarcerado. Sahi Luiz de Camões, como era de esperar, innocente e puro desta calumniosa accusação; mas quando ia abrir-se-lhe a porta da prisão, o embargou nella um fidalgo, cidadão de Goa, chamado Miguel Rodrigues Coutinho, de alcunha, Fios-seccos, por duzentos cruzados, de que se dizia crédor. Esta foi a unica occasião, em que elle se valeu do Vice-Rei, dirigindo-se a elle, mas sem baixeza, para o desembargar, e ridiculizando aquelle interesseiro avarento nas rondilhas conhecidas:

Que diabo há tão danado

Que não tema a cutilada

Dos fios seccos da espada

Do fero Miguel armado? etc.

Livre da prisão continuou a estar na India alguns annos, passando os invernos em Goa entregue ao estudo e ás suas composições, e embarcando-se nos verões para servir nas armadas e nas differentes emprezas militares, para que eram destinadas. Em todas estas occasiões mostrou sempre o estremo valor, de que falla ao Rei com a altivez propria e justa, que dá a consciencia do verdadeiro merecimento, dizendo:

Para servir, vos braças, armas, feito

Abonação esta, que merece o maior credito, porque tinha sido na India muito conhecido pelas armas, o que seus camaradas de volta ao Reino publicavam, elogiando o seu espirito e valor heroicos em todas as occasiões de guerra: e os portuguezes, diz Manoel Severim, são tão rigorosos censores da verdade, que não consentem a seus vizinhos gabar-se d'o, que não tem, mas ainda

às vezes lhe confessam difficultosamente o, que possuem.

Morto o Conde de Redondo, succedeu-lhe D. Antão de Noronha no governo da India, e por este tempo, segundo pôde conjecturar-se, experimentou o nosso Poeta a maior perda, e recebeu o seu coração o mais sensível golpe, pela morte de D. Catharina de Atayde, em cuja affeição, parece, que elle punha as suas ultimas esperanças.

Tendo então acabado já o seu poema, unico recurso, em que podesse pôr confiança, resolveu passar ao Reino, devendo esperar, que assim como trazia nesta composição uma tão distincta honra á sua patria, ella e o Soberano lhe deviam a recompensa devida aos talentos, de que dava tantas provas, e merecida pelos seus relevantes serviços.

Ao tempo, que meditava o modo de achar os meios, de que o summo desinteresse e exempção o tinham deixado falto, para voltar a Portugal, Pedro Barreto, nomeado Governador de Sofala, propôz-lhe com grandes promessas de o acompanhar. Aqui principia a sua maior desgraça. Cedeu por desventura sua a estas instancias, porque o seu coração era incapaz de suspeitar a falsidade, e baixeza deste homem, que entendeu ter nelle um servente, e abusou cruelmente da dependencia, em que o puzera, a tal ponto, que Diogo do Couto, e varios fidalgos, matalotes, e antigos amigos de Luiz de Camões, abordando a Moçambique na nau Santa-Fé, o acharam vivendo de amigos, e reduzido á maior miseria.

Por esta occasião, quiz Luiz de Camões livrar-se de tal captiveiro, embarcando-se na nau; mas o sordido e cruel Governador o embargou por duzentos cruzados, importancia das despezas, que pretendia ter feito com elle de Goa até Moçambique. Diversos fidalgos, de quem a historia conservou para honra delles os nomes, se cotisaram a fim de satisfazer a este desalmado Governador; e de tirar aquelle infeliz das suas garras. *Por este vil preço, diz energicamente Manoel de Faria, foi vendida a pessoa de Camões, e a honra de Pedro Barreto.*

Durante este tempo, que bem pôde chamar-se de duro captiveiro, é, que Luiz de Camões compôz algumas das suas poesias, nas quaes se vê, quão profundamente a sua alma estava ferida da perversidade dos homens, e quanto lhe pezava a sua triste e infeliz existencia.

Na dura e inhospita terra de Moçambi-

que exhalou a sua dor naquelles versos, que parecem dictados pela maior melancholia, e que ferem os nossos corações, como se ouvissemos os seus gemidos.

Embarcou-se em fim na sobredicta nau com os seus amigos, e chegou a Lisboa, depois de dezaseis annos de ausencia, de serviço, e de trabalhos, em o anno de 1569, quando esta cidade ardia na maior força da peste, a que deram o nome de grande.

El-Rei D. Sebastião reinava, ou para melhor dizer, reinavam os seus validos, que o tinham maliciosamente persuadido a tomar as redeas do Governo das mãos de seu tio Regente, o Senhor cardeal D. Henrique, como já as arrancara pouco tempo antes das da Rainha, sua avó, para lhas entregar; procurando por estes e outros meios affastal-o de todos aquelles, que podiam moderar as suas juvenis paixões.

Estes validos, desejando conservar el-Rei apartado de seus augustos parentes, e assim a sua privança, serviram-se do pretexto da peste para o fazer discorrer pelas provincias. Em um tal estado de cousas, devia ser difficil a Luiz de Camões apresentar-se ao Rei, e talvez ainda mais a taes Ministros, a quem a sua nobre e altiva liberdade, os puros e honrados conselhos, que dava no seu poema ao Soberano, deviam pouco agradar. Não se pôde duvidar d'esta verdade, considerand-o a recompensa, que deram a este grande homem, quando em fim pôde offerecer o poema ao Senhor D. Sebastião.

Dispendeu Luiz de Camões os primeiros dois annos em pôr as suas cousas em ordem, e procurar modo de imprimir os Lusíadas, que sahiram á luz pela primeira vez em 1572.

O mundo litterario recebeu esta obra com o maior applauso, pelo seu merecimento intrinseco, e por ser na realidade o primeiro poema epico, que depois da restauração das lettras os modernos produziam. Quando elle cobria de gloria a sua nação por este motivo de primazia, e por ser este poema destinado a celebrar os heroicos feitos dos portuguezes; estes, e os mesmos descendentes daquelle Vasco da Gama, cuja navegação e descobrimento da India o Poeta cantava, ficaram insensíveis a esta fama, que lhes accrescia, e ao pundoñor, não ajudando, nem favorecendo o auctor. Mas, o que é mais vergonhoso, o Governo, em recompensa dos muitos serviços, que, durante dezaseis annos, Camões tinha feito como soldado, e em attenção ao lustre, que dava á

nação, e ao reinado do Senhor D. Sebastião, com esta immortal obra, só lhe deu a mais que mesquinha pensão de quinze mil reis, e com a obrigação de residir na Côrte, e de tirar novo Alvará todos os seis mezes para a cobrança della.

Não é o Senhor D. Sebastião, o qual contava apenas dezaseis annos d'edade, que podemos culpar desta vergonhosa acção, mas os Ministros e validos, que governavam, e de que os principaes eram os dous irmãos, o Padre Luiz Gonçalves da Camara, seu confessor, e Martim Gonçalves da Camara, escrivão da Puridade.

São estes os, que merecem a maior censura, e que devem ser nomeados, para que a posteridade lhes ponha o ferrete desta culpa, como já os assignalou por serem aquelles, que, apoderando-se do animo tenro e ardente deste joven Principe, começaram por indispô-lo contra sua excellente avó, que acabaram com desgostos, e contra o seu digno e respeitavel ayo D. Aleixo de Menezes, para o privarem dos seus bons conselhos, sendo assim a primeira causa da infasta expedição de Africa, aonde elle foi consummar a sua e nossa ruina.

As intrigas e meneios, em que andava involvida a Côrte por estes maus conselheiros do Rei, os preparos para esta expedição, que custavam grandes sommas e sacrificios aos povos (estes Ministros não sabendo propôr, senão meios os mais ruinosos), emfim todo este reboliço, que trazia o povo na maior agitação e descontentamento por tão louco projecto, são as razões, que podem explicar este inexcusavel abandono do pobre Camões.

Lendo o, que elle escreveu, e as memorias, que nos restam dos ultimos sete annos da sua vida, nenhum bom portuguez poderá deixar de sentir o seu coração estalar de dor, e as suas faces cobrirem-se de vergonha.

A miseria, a que o deixaram chegar os seus compatriotas, foi tal, que um João, por nome Antonio, que elle tinha trazido da India, mais humano e mais grato, do que elles, e melhor avaliador das qualidades deste grande homem, corria de noite as ruas de Lisboa pedindo esmolas para sustentar o seu nobre e honrado amo.

É neste tempo, que um fidalgo, chamado Rui Dias da Camara, com um egoismo e insensivel importunidade, que revolta o animo, veiu ao pobre quarto de Camões, para

fazer-lhe queixas, de que, tendo-lhe prometido uma traducção dos Psalmos penitenciaes, não acabava de a fazer, sendo tão grande Poeta: ao que este respondeu com uma brandura e paciencia extraordinaria: *Quando eu fiz aquelles cantos, era mancebo, farto, namorado, e querido de muitos amigos, e damas, o que me dava calor poetico: agora não tenho espirito, nem contentamento para nada: ahí está o meu João, que me pede duas moedas (de cobre) para carvão, e eu não as tenho para lhas dar.* Póde fazer-se a comparação entre o João Antonio e o fidalgo Rui Dias da Camara.

Nestes ultimos annos, que viveu, a sua habitação foi um pequeno quarto de umas casas proximas á Igreja de S.^{ta} Anna, na pequena rua, que conduzia ao convento dos Jesuitas. D'alli ia passar, por unica diversão, as tardes no convento de S. Domingos, em conversação com alguns doutos religiosos da sua familiaridade.

Conservaram os seus biographos dous fragmentos de certas escriptas junto do termo da sua vida. Do primeiro vê-se o extremo de miseria, a que elle estava reduzido; e do segundo colhe-se, que elle assim mesmo amava a sua patria com aquella paixão, que o animava sempre, e que levava á sepultura.

Quem jámais ouviu (escrevia na primeira carta) dizer, que em tão pequeno theatro, como o de um pobre leito, quizesse a fortuna representar tão grandes desaventuras? E eu, como se ellas não bastassem, me ponho ainda da sua parte; porque procurar resistir a tantos males pareceria desavergonhamento.

Na segunda carta, ultima, escripta perto da morte, dizia: *Emfim acabarei a vida, e verão todos, que fui tão afeiçoado á minha patria, que não sómente me contentei de morrer nella, mas de morrer com ella.*

Este mesmo sentimento, o primeiro e ultimo do seu coração, tinha elle já exprimido antes, de uma maneira tal, que não creio haja, na antiguidade dicto algum mais heroico, ou que, consideradas as circumstancias, em que se achava Camões, mostre o amor da patria mais puro, e exempto de toda a vaidade e amor pessoal. Jazendo naquelle pobre leito de misérias e desaventuras, ferido da ingratição da sua patria, e do desleixo dos homens, veiu um sujeito, seu conhecido, dar-lhe a triste noticia da jornada de Alcaerquivir, da morte do Senhor D. Sebastião,

e do fim funesto, que ameaçava a patria: *Ao menos, Camões levantando-se exclama, ao menos morro com ella!* Arrasam-se os olhos de lagrimas a um dicto tão bello, tão grande, tão generoso.

Aquelle incomparavel homem, que tinha achado em si fortaleza e constancia para supportar tantos males, não pôde resistir a esta noticia, e cahiu aterrado com a dor desta catastrophe infelicissima, succedida em 4 de Agosto de 1578.

Sobreveiu-lhe pois uma grave enfermidade, na qual houve de experimentar o extremo da miseria e do abandono, aggravado pela pena de ver perdida a independencia da sua patria, e até pela falta do seu fiel e exemplar João. Emfim levaram-no ao hospital, em que se curam os pobres; e alli falleceu, no anno de 1579, em tal esquecimento, que até se ignora o dia e mez, em que acabou a vida (provavelmente no principio do anno). Não pôde mais duvidar-se, que foi este o seu tragico fim, como refere Diogo Barbosa, porque no original de Lord Holland, que tenho presente, e que pertenceu a um Fray Josepe Indio, que o deixou no convento dos Carmelitas descalços de Guadalaxara, acho confirmada esta opinião n'ò, que este Religioso escreveu de sua letra na primeira folha, aonde diz como testemunha ocular:

« Que cosa mas lastimosa, que ver un tan grande ingenio mal logrado! yo lo vi morir en un hospital en Lisboa, sin tener una sahana, con que cubrirse, despues de auer triunfado en la India oriental y de auer nauegado 5500 leguas por mar: que auiso tan grande para los que de noche y de dia se cançan estudiando sin provecho como la arana en urdir tallas para cazar moscas. »

Transcrevo aqui a nota inteira, porque me parece importante conservá-la, e porque quero persuadir-me, que este Religioso talvez o assistisse na ultima hora, e recebesse delle este exemplar precioso, que toco com respeito, pensando, que Luiz de Camões o teve nas suas mãos.

Dizem alguns, e entre outros Manoel Severim de Faria, que da casa de D. Francisco de Portugal foi mandado o lençol, em que o amortalharam, e com que o sepultaram na Igreja de S.^{ta} Anna, logo á entrada da porta á mão esquerda, sem lhe pôrem campa ou letreiro.

Pouco tempo depois, D. Gonçalo Coutinho lhe mandou cobrir o logar de sua se-

pultura, que com muito trabalho pôde achar-se, com uma pedra rasa, na qual tinha mandado esculpir o seguinte Epitaphio: tardio e pequeno tributo pago á memoria de tão grande homem!

AQUI JAZ LUIZ DE CAMÕES: PRINCIPE DOS POETAS DO
SEU TEMPO:
VIVEU POBRE E MISERAVELMENTE,
E ASSIM MORREU NO ANNO DE MDLXXIX.
ESTA CAMPA LHE MANDOU Pôr DOM GONÇALO COUTINHO,
NA QUAL SE NÃO ENTERRARÁ PESSOA ALGUMA.

Honra e louvor sejam dados a Dom Gonçalo Coutinho!

Mas ó vergonha! ó dor! A Igreja de S.^{ta} Anna, tendo sido derribada pelo terremoto de 1755, quando ao depois foi reedificada, a ninguem lembrou a sepultura de Camões, nem o conservar sagrado o logar desta, e a campa posta por D. Gonçalo Coutinho. Finalmente não existe um só monumento em Portugal, dedicado á memoria daquelle raro ingenho, a quem este paiz mais deve!

Os seus contemporaneos ao menos conservaram-nos o seu retracto; Manoel Corrêa o tinha em seu poder; e Gaspar Severim de Faria o mandou gravar em cobre, e tirar as estampas, que seu tio ajunctou á vida, que deu, de Camões.

Foi Luiz de Camões, diz Manoel Severim de Faria, de meã estatura; cheio de rosto, algum tanto carregado da fronte; nariz comprido, levantado no meio, e grosso na ponta; cabello louro quasi acafroado; gentil e engraçado na apparencia, quando era moço, e antes de perder o olho direito.

Era no tracto muito facil, alegre, e jocoso, até o tempo, em que a adversidade, pezando sobre elle, o fez na ultima idade melancholico. A ternura e sensibilidade do seu coração vêem-se nos seus versos, e na paixão delicada e tão viva, que conservou por D. Catharina de Atayde. O amor da sua patria predominava sobre todos os outros sentimentos; e para achar-lhe comparação, é necessario procural-a na antiga Grecia ou Roma. O seu valor, desinteresse, nobreza, e heroicidade, eram eguaes a tudo, que os tempos da Cavallaria podem offerecer-nos. Mas a sua constancia e fortaleza na extrema adversidade, sem que se possa mostrar d'elle uma expressão de adulação ou de baixaza, nem que se repita uma voz fraca arrancada do padecimento, o farão sempre distinguir entre os homens maiores de todos os tempos, por esta virtude tão rara, e que só per-

tence a um character eminentemente superior. Não menos o era no ingenho, de que o seu poema epico é um immortal testemunho. Mas ainda quando elle não tivesse composto mais do que as suas rimas, mereceria por ellas grande nome juncto ao de Petrarca, e de outros, que por este genero de poesia se collocaram na primeira ordem.

Tal foi Luiz de Camões. Os portuguezes, para o distinguirem de todos, lhe deram depois da sua morte o nome de—*Grande*; e por certo elle mereceu mais do que muitos daquelles homens, a quem uma baixa adulação prodigalisou, durante a sua vida, um titulo tão honroso, e a tão poucos devido.

Todo aquelle portuguez, que quizer sentir em si, e excitar nos outros um ardente amor pela Patria: todo aquelle homem, que desejar animar-se com heroicos espiritos para heroicas acções,

A fazer feitos grandes de alta prova;

que quizer aprender os mais puros principios de moral, e cobrar forças e constancia para resistir á maldade e ingratição dos outros homens, e procurar uma consolação na adversidade, leia, compulse, e medite os *Lusiadas*.

Quantas vezes fui eu obrigado a interromper a leitura desta obra sublime, por se me arrasarem os olhos de agoa, commovido pelo amor da patria, elevado na grandezza dos pensamentos, encantado das bellezas de todo o genero, que alli se encontram! Quantas vezes, opprimido eu mesmo de trabalhos e desgostos, procurei allivio nesta lição, e nas memorias da sua vida! Ah! quem pôde dizer-se mal pago dos homens, ou chamar-se infeliz, recordando-se de Luiz de Camões?

Naquelle memoravel cerco de Columbo em Ceilão, aonde brilhou como ultima luz o antigo valor dos portuguezes na Asia, é fama, que os soldados opprimidos de fome e de trabalhos se alliviavam, e animavam repetindo em côro as estancias do poema. E que portuguez não se despertaria, como ao som bellico da trombeta, e se não disporia para a victoria, se lhe repetissem a animosa e patriotica fallá do condestavel D. Nuno Alvares Pereira?

Tendo escripto esta vida de Luiz de Camões, se pude transmittir aos que a lerem os sentimentos da profunda veneração, de que estou penetrado pelo character moral

deste grande homem, se pude mostrar, que na maior adversidade elle conservou aquellas virtudes, que ornã e elevam mais a especie humana, e que foi um dos modelos mais proximos á perfeição, os meus votos estão preenchidos; e, se nisto ha falta, rogolhes a disculpem, attribuindo-a á minha insufficiencia.

Seja-me porém concedido reunir a estes votos os de convidar a minha nação a erigir um mausoleu, ou qualquer outro monumento, digno delle e della, á memoria do Grande Poeta, que a immortalizou.

Estou convencido, de que os portuguezes o farão por geral aclamação, nesta epocha sobretudo, em que acabam de mostrar, que conservam no peito o nativo espirito de heroicidade, e os sentimentos

Da Lusitana antiga liberdade,

que elle cantou e celebrou:

*Hic saltem accumulæ donis, et fungar inani
Munere!*

(Continúa).

REFLEXÕES SOBRE O THEATRO ALLEMÃO.

Continuado de pag. 130.

Mas se os Allemães expulsaram os córos das suas tragedias, a introdução d'uma quantidade de personagens subalternos, que apparecem em scena d'um modo natural, ainda que accidental, substitue, a muitos respeito, como já tivemos occasião d'observar, o uso dos córos. Para nos convencer-mos d'isto bastará examinar o que fez Schiller no seu *Guilherme Tell*, e indagar o, que faria um poeta grego, tractando a mesma situação. *Tell*, evadindo-se ás perseguições de *Gessler*, ganhou o cume d'um rochedo, que deita sobre um caminho, por onde *Gessler* tem de passar. O aldeão suisso espera o seu inimigo, tendo na mão o arco e as frechas, que depois de servirem ao amor paternal, devem agora servir á vingança. Pinta n'um monologo a tranquillidade e innocencia da sua vida passada. Enche-se d'espanto ao ver-se lançado de repente, pela tyrannia, fóra da existencia obscura e pacifica, que a sorte parecia haver-lhe destinado.—Recúa diante da acção, que se vê obrigado a practicar. As

suas mãos ainda puras, trêmem de ser salpicadas pelo sangue d'um culpado. Todavia insta-o a necessidade, é necessario salvar a sua vida, a de seu filho, a de todos os objectos de sua affeição. Certamente que n'uma tragedia grega, o côro não tomaria então a palavra, para reduzir a maximas os sentimentos, que se accumulam no espirito do espectador. Schiller, não tendo este recurso, substitue-o pela chegada d'uma dança campestre, que passa, ao som dos instrumentos, perto dos logares, onde *Tell* se acha escondido. O contraste da alegria d'esta multidão folgazã, e da situação de *Guilherme Tell* aviva no espectador todas as reflexões, que o côro teria exprimido. *Guilherme Tell* é da mesma classe, que esses homens, que assim caminham descuidados. É pobre, desconhecido, laborioso, innocente como elles. Como elles parecia nada temer d'um poder tão superior a elle, e a sua obscuridade todavia, não lhe serviu d'azylo. O côro dos Gregos teria desinvolyido esta verdade n'uma linguagem sentenciosa e poetica. A tragedia allemã fal-a sobresahir não com menos força, pela appareição d'uma multidão de personagens, estranhos á acção, e que não têm com ella relação alguma ulterior.

Outras vezes estes personagens secundarios servem para desinvolver os caracteres principaes d'um modo mais saliente e profundo. Werner, conhecido, mesmo em França, pelo merecido successo da sua tragedia de *Luthero*, e que reune no grau mais elevado duas qualidades, inconciliaveis na apparencia, a observação ingenhosa e muitas vezes jovial do coração humano, e uma melancholia entusiasta e pensativa, Werner, no seu *Attila*, appresenta á nossa vista a côrte numerosa de *Valentiniano*, entregando-se ás danças, aos concertos, a todos os prazeres, em quanto que o castigo de Deus está ás portas de Roma. Vê-se o joven imperador e seus validos sem outro cuidado mais, que o de repellir as noticias desoladoras, que poderiam interromper seus divertimentos, considerando a verdade um indicio de malevolencia, a providencia um acto de sedição, tendo só como subditos fieis os, que negam os factos, cujo conhecimento os importunaria, e cuidam fazer desaparecer taes factos, não dando ouvidos a quem os vem contar. Este descuido, submettido aos olhos do espectador, impressiona-o muito mais, que o poderia fazer uma simples narração.

A introdução d'estes meios nas nossas tragedias, estou eu bem longe de a recomendar. A imitação dos tragicos allemães parecer-me-ia demasiado perigosa para as tragedias francezas. Quanto mais os escriptores d'uma nação têm por só alvo o fazer effeito, tanto mais severas devem ser as regras, que os hão de prender: soltas d'ellas, para proseguirem no seu fim, multiplicariam as tentativas, fugindo sempre á verdade, á natureza, e ao mesmo gosto.

A França descobriu a maxima de que — mais produzem as emoções fortes que as emoções naturaes. Com tal principio, é força, que haja leis inviolaveis, que obstem aos escriptores de ferirem com tal força, que vão além de todo o natural. Sempre que os tragicos francezes têm tentado transportar ao nosso theatro os meios emprestados dos theatros estrangeiros, têm sido mais prodigos, mais excentricos, mais exaggerados no seu uzo, do que os proprios estrangeiros, d'onde os imitavam. E por isso tenho por acertado e judicioso o negar aos nossos auctores dramaticos a liberdade, que os allemães, e inglezes concedem aos seus de produzir effeitos variados com a musica, com os encontros imprevistos, com a multidão de actores, mudança de logares, e até com espectros, e prodigios, e cada falsos.

Como com taes recursos é indubitavelmente mais facil fazer effeito, do que por meio de situações, de sentimentos, e de caracteres, seria para temer, admittidos taes recursos, que bem cedo no nosso theatro se não vissem, senão cada falsos, combates, festas, espectros, e mutações de decoração.

No caracter allemão ha uma fidelidade, uma candura, um escrupulo, que contém sempre a imaginação dentro de certos limites. Os seus escriptores têm uma como consciencia litteraria tal, que lhes torna quasi tão precisa a verdade historica, e a verosimilhança moral, como os applausos do publico. Têm no coração uma natural e profunda sensibilidade, que se compraz na pintura dos verdadeiros sentimentos. Achem como um gozo para si, em se entregarem mais ao, que sentem, do que em fazerem produzir o effeito. Assim todos os seus meios exteriores, por mais multiplicados, que pareçam, são sómente accessorios. Em França porém, onde nunca se perde de vista o publico, aonde se não falla nem escreve, nem se faz nada, senão para os ou-

tros, poderiam facilmente os accessorios tornar-se o principal. É tirando aos nossos poetas esses meios demasiado faceis de successo, que se lhes faça a tirar um melhor partido dos recursos, que lhes restam, e que são assás superiores, como o desinvolvimento dos caracteres, a lucta das paixões, em fim o conhecimento do coração humano. Mesmo n'um trabalho destinado a dar idéa do theatro allemão, julguei dever observar as regras do nosso theatro, supprimindo muitos d'esses pequenos incidentes, de cuja natureza já acima se fallou.

Cortou-se, por exemplo, uma scena, demasiado longa, entre os generaes depois d'um banquete, onde *Tersky* lhes faz assignar um protesto de permanecerem fieis a *Wallstein*, mesmo contra a vontade da côrte. Esta scena onde *T.*, para os levar ao seu fim, lhes recorda todos os beneficios, que receberam do seu chefe, beneficios, cuja enumeração basta apenas a formar um expressivo quadro do estado do exercito, da sua indisciplina, da sua exigencia, e d'esse espirito d'egualdade, que então se combinava com o espirito militar; esta scena é admiravel d'originalidade e de uma verdade eminentemente local; mas não pôde ser traduzida senão com essas expressões, que o nosso estilo tragico rejeita. E depois introduz uma multidão de personagens, que nada têm com o desinvolvimento da acção, e que não tornam mais a apparecer no decurso da peça.

Renunciei tambem, ainda mais a meu pezar, a traduzir ou imitar uma outra scena, aonde *W.* se começa a despir sobre o theatro, para se ir a repousar, e de repente vê partir-se a cadêa, que suspendia a ordem do Tosão de ouro. Era a primeira dadiwa que *W.* tinha recebido do imperador, então archiduque, na guerra do Frioul, tempo, em que ambos, ao começar da vida, estavam unidos por uma affeição, que nada parecia poder quebrar. *W.* conserva na mão os fragmentos da cadêa partida: e compõe inteira a historia da sua mocidade; saudades envenenadas de remorsos o vêm assaltar; toma-o um vago temor; a sua felicidade, ha muito, lhe apparecia presa áquelle primeiro presente da amizade, abjurada agora. Contempla com tristeza aquelles restos: e por fim com força os arremeça de si. « Lanço-me — exclamou — n'uma opposta vereda... E este talisman é já sem poder. »

O espectador, que vê suspenso o punhal

sobre a cabeça do heroe, recebe profundamente a impressão n'esse presagio, que W. não percebeu, e n'essas palavras, que elle solta sem as comprehender. Este genero de effeito falla ao coração, por que em todos os movimentos ou de terror, ou de piedade, ou ternura, o homem é sempre levado ao, que nós chamâmos superstição, por uma força mysteriosa d'irresistivel poder. Muita gente só ahí vê pueril fraqueza: eu sinto, confesso-o aqui, tomar-me de respeito por tudo o, que na natureza tem a sua origem.

(Continua).

O PENEDO DA MEDITAÇÃO.

—•••••—

Rochedo, como! sozinho
Tão distante da cidade
Só do sussurro dos montes,
Do rumorejar das fontes,
Da branda relva do prado,
Das franjas dos horizontes
Tu queres ser festejado?!

Meditação! — como é grande
Este teu nome, rochedo!
Oh como entende este nome,
Quem ama, e soffre em segredo!

Sombrio, impassivel, mudo,
Que esperas? — do mundo algum?
Gigante inerte — comtudo
Tu choras, porque? — por quem?

Do monte cortado a pique
Porque, sentado n'altura,
Espreitas tão debruçado,
Firme, attento, fascinado,
Lá abaixo o fundo do prado,
Que te ha de dar sepultura?
Nem vês, victima da sorte,
Que por fatal magnetismo
Tu pendurado no abysmo
Lá tens d'encontrar a morte?!

Do meu soffrer resignado
Es eloquente memoria,
Es o padrão mutilado
Da minha troncada historia;
Es! — não vão muito distantes
Momentos, em que, a seu lado,
A mim e a Deus o jurei,
Nos poucos, breves instantes,
Que, n'esta pedra sentado,
Juncto d'ella meditei.

Tu queres por companheiros
Só estes montes tão tristes; —
Da quéda, que ha de matar-te,

Vês a distancia, e presistes; —

— Só d'estes aridos montes,
Onde tanto amor senti,
Eu amo a triste saudade,
Que as lindezas da cidade
Recordam-me o, que eu perdi:
— Deixae-me, — perdido o lino,
Prendeu-me um cego destino,
Sei, que me vou despenhar;
Bem perto chameja o incendio,
Debalde bradais « — detende-o — »
E sei, que me hei de abraçar;
Juncto a mim negreja o abysmo,
E por fatal magnetismo
Heide-lhe a altura salvar. —

Ai! n'esses breves instantes,
Que juncto d'ella scismeí,
Que de Epopeias gigantes
Concebi, se as não cantei!!
E ella sorrindo sempre
No monte, no val, nas flores,
Do céu na amplidão immensa —
E amei-a, quando sorria,
Como á luz d'ultima crença,
Que mata, se tem um fim;
E ella linda, linda . . . e fria
Como a estatua da indiferença
Sentada alli juncto a mim!!

Perdi-me! — é tarde, — se eu esp'rasse ao menos,
Dias serenos d'um viver feliz . . .
Mas nunca! . . . Ai rozas, em que eu leio amores,
Pendidas flores, que não tem matiz.

Rochedo, ao menos ao viçoso prado,
Onde encantado teu olhar ficou,
Mandas o pranto, que te inunda o peito,
Ultimo preito de quem muito amou.

Mas eu . . . forçado a segredar sozinho
N'este caminho de miseria e dor,
N'um rir forçado, que ninguem presume,
Escondo o lume d'infinito amor.

Alma não deixes de saudar constante
Clarão distante da longinqua luz;
Que se ficares sem a imagem d'ella,
Erma capella!! que te resta? — a cruz. —

Fujamos, meu pensamento,
Deixa este val d'amargura,
Que após o negro tormento
Virá talvez a loucura; —
Vejo-lhe o vulto, — é medonho, —
Ouço-lhe o rir — faz tremer —
Tem o andar pezado e lento . . .
Fujamos, meu pensamento,
Não quero louco morrer.

Coimbra — 1855.

T. A. Ribeiro.

TESTAMENTO POLITICO.

De D. Luiz da Cunha, nosso Embaixador em França, onde morreu, e tio do Secretario d'Estado do mesmo nome, que falleceu no anno de 1775.

Continuado de pag. 128.

Mas a Providencia dotou a V. A. d'uma tal clareza de intendmento, que se servirá das suas virtuosas suspeitas, para não cair em alguma das duas sobredictas extremidades; porém, não sendo facil practicar este meio termo com todo o successo, que fóra necessario, creio que se póde haver algum, é o da boa escolha dos homens, que V. A. quererá empregar, bem informado das suas acções passadas e presentes, para poder julgar das futuras, e achal-o digno da sua confiança, que todavia não deve passar de um certo ponto, para que o Ministro favorecido não presuma, que está senhor de todo o seu segredo, e por consequencia de todas as suas intenções, pondo-o deste modo em uma especie de sujeição.

Philippe II. de Hespanha nosso augusto conquistador, a quem os Castelhanos indevidamente deram o nome de *Prudente*, quando só lhe convinha o de *cruel, parrecida, sanguinario, ambicioso*, e sobre tudo *hypocrita*, consideradas as suas indignas acções, temeu, que Antonio Peres, celebre na historia d'aquelle tempo, as descubrisse; e assim as quiz cubrir com outra mais infame, querendo deixal-o condemnar a morte, pela que elle lhe mandou fazer; e em fim o faria assassinar, se elle se não salvasse em França.

Já que me sirvo d'esta anecdotia para provar o meu assumpto referirei outra, que o não confirma menos, e vem a ser, que o marquez de Fronteira, e Tavora, ambos aspiravam ao valimento do Senhor Rei D. Pedro, inclito avô de V. A., e, estando conversando a uma janella d'as, que olham para o terreiro do Paço, veiu por de traz o dicto Senhor, e, pondo-lhe as mãos sobre os hombros, lhe perguntou, em que discorriam os marquezes: o de Tavora, que era muito prompto e vivo, lhe respondeu—*Senhor, estamos vendo como nos havemos de enganar um ao outro, e ambos a V. Majestade.*

O Conde Villa Maior, depois marquez d'Alegrete, por morte de um e outro, veiu a gozar aquella fortuna, ainda que S. Majestade em certas coisas a repartia com Ro-

que Monteiro Paim por ser Juiz da Incônfidencia. E é coisa notavel, que, sendo o dicto Marquez 40 annos Vedor da Fazenda e da Repartição do Reino, não deixou algum monumento, que accreditasse nem o seu valimento, nem o seu Ministerio, para que chorémos a sua memoria; chore-a embora a sua Casa, que tão bem a apparentou, e enriqueceu, que é o, que não fez o Cardeal da Motta, *por não fazer nada de proveito nem para si, nem para o Reino.*

D'este, que é o grande patrimonio de V. A., deve dar a Deus infinitas graças; porque, podendo-o fazer nascer d'uma baixa e pobre extracção, lhe deu por pae um tão poderoso e magnifico Rei, cujas virtudes excedem a sua mesma grandeza, como todo o mundo confessa, e louva com admiração; considerando porém, que um Rei não differre, Senhor, d'outro qualquer pae de familias mais, que em o ser de muitas e não d'uma só, sendo todavia as obrigações as mesmas, seja em geral ou em particular, a administração dellas foi o ponto de vista, em que comecei este papel.

A primeira pois, que tem um pae de familias, é a de dar successão á sua casa, para que não passe a outra estrangeira.

É verdade, que a Providencia favoreceu a V. A. não menos, que com quatro Princezas; mas negou-lhe até agora um Principe, sem exultar os nossos ardentes votos, que incessantes lhe fazemos; pelo que S. Majestade no justo temor, de que nos possa continuar esta grande desgraça (por que Deus tambem tem as suas teimas, quando lhe não merecemos as suas misericordias) projectou dar estado á Senhora Princeza da Beira com tanto acerto, como V. A. sabe. Não entro nas rasões, que o dicto Senhor teve, para o não pôr até agora em execução; por que as ignoramos, e seria culpavel atrevimento querer penetrar os seus sagrados mysterios. Digo porém, que, se Deus dispozer da vida de S. Majestade, deve ser a primeira, e louvavel acção do seu felicissimo Governo, cumprir aquella, que quero chamar ultima vontade, para nos enxugar as lagrimas, que nos deve causar a falta de um tão magnifico, e benevolo Soberano.

Não estranhe V. A., que um espirito melancholico e envelhecido lhe traga á memoria, que cada instante é o termo da vida, quando Deus assim o tem determinado, para que não perca os, que elle lhe der, para nos segurar a successão, de que tanto necessita-

mos, por nos não expôr, a que a Senhora Princeza da Beira, cuja tutoria de direito compete a sua Mãe, e por consequencia della dependera dar-lhe estado, se possa lembrar de que é mais irmã do que cunhada, e mais hespanhola que portugueza, para se esquecer das maximas, que V. A. lhe terá inspirado.

Tenho por constante, que este pouco, que digo, e o muito que tenho, e podera dizer, sobre um tão relevante assumpto, não escapará á muito alta comprehensão de V. A. mas o zelo de bom, e velho portuguez, juncto a alguma experiencia, que tenho do mundo me faz romper o silencio, que em tão dilatada materia devia guardar; porque, como para tudo ha homens, quem me segura, de que não ha algum tão malevolo, que, por interessadas vistas, queira persuadir a V. A., que vá passando o tempo, lisongeando-o, de que Deus lhe dará a successão varonil, que lhe desejamos! Assim o permita Sua Divina Majestade: mas, n'este felicissimo acontecimento, que prejuizo se nos seguirá de termos em Portugal uma segunda real Linha? Eu o não considero, nem creio, que haverá pessoa alguma, que tenha o juizo em seu lugar, que o possa imaginar, principalmente se revolver na memoria a posteridade, que teve o Senhor Rei D. Manoel, de saudosa lembrança; pois lhe veiu a faltar na segunda geração, quero dizer no infelicissimo Rei D. Sebastião, que se perdeu a si, e a nós. Triste lembrança, Senhor, para os portuguezes, que reflectem sobre as suas funestas consequencias, de que ainda hoje, depois de dous seculos, Portugal se ressent.

(Continúa).

Meu caro Redactor e amigo.

N'uma carta, que sobre maneira me lisongea, tivestes vós a bondade de convidar-me para continuar na redacção da Revista Academica.

Quando não fossem os titulos d'estima, amizade e consideração, em que vos tenho, bastava para estimulo a grata recordação, que fui um dos Academicos, que me associei a vós na fundação d'esse jornal, que tudo deve ao vosso zelo tenaz, e á coragem, que tendes desinvolvido, arrostando mesquinhas opposições, e desfazendo obstaculos,

que empresas de tal ordem sempre encontram.

Hoje, meu caro redactor, estou fóra d'essa atmospherá vivificante, que nutre de cavalleiros idealidades o espirito, e desabroxa no coração affectos suaves, — panorama imaginoso —, onde um mancebo lê e relê o seu futuro, e cria um horisonte, tão vasto, como a sua phantasia, tão suave e perfumado, como os aromas recedentes, com que a ridente primavera nos enebria os sentidos.

E é tão magica a quadra das illusões, meu amigo.....

Quando ás vezes folheio por minutos no livro do meu passado, quando ponho face a face no espirito todo o meu sentir d'outro tempo com as idéas, que começam agora de servir-me de norma n'esta curiosa viagem, que peregrinamos na terra, sinto que se me repassa o peito de saudade. Não é uma saudade suave, melancholica, poetica, aromatizada de rissonhas esperanças, que tem um termo, necessaria mesmo a certas organizações platonicas e effeminadas, que a propria monotonia torna insipidas, e por vezes ridiculas, e que mudando temporariamente d'ambiente, rejuvenescem depois mais affaveis, interessantes e carinhosas.

Esta é a saudade d'os, que se finam por mulheres, por homens, pela patria, que mais dia menos dia hão de gozar. É a saudade do amor, é a *nostalgia*, são affectos mais ou menos sublimes, sagrados aos olhos d'uns, ridiculos e burlescos aos olhos d'outros.

A minha saudade é a saudade do naufrago, que, arrostando o furor das vagas, chega, já desfallecido e exausto de forças, a tocar com os dedos na taboa de salvação. Vem depois uma onda alterosa, enrosca-o, agonizante nas suas pregas espumosas, e um murmurio de maldicção são as preces religiosas, com que o infeliz rende o espirito no meio do mais affrontoso passamento.

A minha saudade é a saudade do guerreiro, que, tendo galhardamente combatido por um homem ou por uma idéa, que o fanatisou, vê proxima a hora das honras e postos militares. Tudo então é gloria, esperança, futuro para o mancebo. Um pequeno recontro, que o seu orgulho desprezara, por o ver ermo de perigos e de gloria, crava-lhe no peito o ferro homicida; e o guerreiro cai por terra; espumante de raiva, debatendo-se impotentemente contra a morte; e um grito de desesperação eccôa pelos campos de batalha, como legado derradeiro, que o in-

feliz deixou a terra, onde vivera uma vida d'illusões, e se embalára em emoções devoradoras.

A minha saudade é a saudade do passado, que já não volta.....

É muito amarga a desillusão, meu caro amigo. A vida figura-se-nos então uma pungente ironia.

E de feito, que outra cousa são, senão uma pungente ironia, esses enthusiasmos juvenis pela patria, pela liberdade, pelo homem, pela mulher?! São vapores, que um punhado d'ouro desfaz.

Essas declamações pomposas, essas proclamações tribunicias, essas idéas rasgadas e fomentadoras, esses programmas democraticos, essas lagrimas vertidas sobre a estatua do pauperismo, esse carpir sentimental pelos males e desigualdades sociaes, que outra cousa são, na maior parte dos homens, senão uma pungente ironia, um insulto impudente á moralidade publica, aos nobres affectos, á credulidade das almas singelas, á honra, ao brio, á virtude???

Digo-vos, meu caro redactor, que as verdadeiras causas do cancro, que corroe a nossa sociedade, não estão só na escravidão da terra, motivada pelas instituições feudaes, de que nos restam ainda hoje os morgados; nem na falta d'uma boa lei de recrutamento, armadilha para angariar com mais ou menos facilidade, e com mais ou menos apparencias de justiça, victimas expiatorias d'ambições turbulentas; nem no acanhamento e rotina commercial, industrial e agricola; nem na falta de vias de comunicação; nem na indiferença pela união, absorpção, ou federação iberica; nem finalmente nas curtissimas concepções dos chamados homens d'estado.

Uma das principaes causas do nosso estacionamento, direi mesmo, retrocesso a alguns respeito, está na desmoralisação dos homens e rapazes das idéas avançadas.

Hoje tribunos, amanhã cortezãos; hoje calçando as sandalias de Gracchos, amanhã pavoneando uns arminhos de *par*; hoje pregando o direito d'insurreição, amanhã dispersando com baionetas os facciosos populares; hoje proclamando o suffragio universal, a iniciativa popular, a descentralisação do poder, a extincção do proletariado, a reorganisação social, por meio d'uma nova combinação d'elementos economicos, amanhã transigindo, e fazendo transacções, pedindo a ordem varsoviana, adulando servilmente os

personagens, que, ha pouco, acremente stigmatizavam, rasgando as paginas escriptas, impressas, e publicadas do seu passado, e ostentando-se finalmente com a impudencia do cynismo; — esses homens e rapazes, digo, são serpentes envenenadas, que vão infiltrando nas mãos do povo, com a saudação, ironicamente fraternal, o veneno da desmoralisação.

Sem moralidade não concebo uma permanente reorganisação social. Ora, como a logica do povo são os factos, é preciso, que os, que apregoam hoje as sublimidades sociaes, amanhã, em vez de escandalosas transformações, actuem constantemente sobre a sociedade, com a sua influencia lenta, benéfica, moral, e civilisadora.

Os, que não tem disposição para o apostolado social, sigam logo de principio as bandeiras das politicas especulações, mas em nome da moralidade publica, eu os conjuro, a que não venham alardear metamorphoses indecentes, porque ainda ha alguém, que na sua singella e incorrupta intelligencia, saiba infligir-lhes no rosto o ferrete d'ignobeis mercenarios.

Sem querer, meu caro redactor, fiz uma divagação politica. Desculpae-me: são usanças velhas, que, mau grado meu, difficilmente perderei.

É possível, que haja por ahi allusões a alguém, de quem seja bastantemente amigo; nesse caso responderei, como ha poucos dias respondia a um amigo dos honrados redactores do *Progresso*: — amigos amigos, opiniões á parte.

Ainda duas palavras sobre o meu passado.

Amo desesperadamente o meu tempo de estudante. Quando me ponho a scismar nos meus nove annos de Coimbra; quando, colligindo as minhas reminiscencias, me recorro d'essa vida, ora estudiosa e melancholica, ora folgazã e turbulenta; quando filio, e classifico essas scenas d'ebrio enthusiasmo, d'arrosos cavalleirosos, de destemidas tentativas, d'amizades exaggeradas, de dedicações sinceras, d'affectos delicados, d'amores phantasiados, de turbulencias juvenis, d'emoções freneticas, d'independencia selvagem, d'inspirações immaculadas, de projectos gigantescos; quando contemplo, e avivo a recordação de certas organisações d'uma exquisita susceptibilidade, e d'uma candura virginal; e acordo depois d'este delicioso sonhar, e me vejo face a face com as miserias, com os

erros, com os crimes, com os lamentos e vaggidos da nossa sociedade, — sinto-me esmorecer.

Quizera transportar-me a esse passado, — immolar-lhe as minhas mais nobres affeições, a minha vida, todo o meu futuro.

Loucas illusões!

Se eu hoje voltasse para Coimbra, meu redactor, e tivesse tentação d'envergar de novo a capa e a batina, havia de rir de mim mesmo.

Um pé de castello é uma individualidade mais exotica, que um lanzudo caloiro da Serra d'Estrella.

Não faço sentimentalismo, nem pretendo ser espirituoso. Não exaggero por amor proprio, ou amor de classe, a quadra maravilhosa da minha vida. É para vós, meu redactor, que eu appello. O vosso testemunho é insuspeito. Estaes no fim da vossa carreira academica; passastes uma vida, a muitos respeitoes, essencialmente differente da minha; vivestes em França; visitastes Paris. Dizei-me agora, se já vistes um viver, tão original, como o dos nossos estudantes de Coimbra.

Alli a poesia e o amor, o enthusiasmo e o patriotismo brotam espontaneamente do meio das mais repellentes occupaões. O estudante é como a flor mimosa, verdejando em plaga agreste, sobranceira sempre ao furacão, aos raios d'um sol devorador, lutando pertinazmente contra o solo estereilisante, que a sustenta.

A mão, que abre com o escalpelo os tessidos decompostos d'um cadaver apodrecido; a que folheia os volumes terrificantes das Pandectas e Digesto; a que sopesa os carunchosos — *in folio* — de Theologia moral e dogmatica; a que escreve na pedra os problemas transcendentales de geometria analytica a tres dimensões; a que maneja com mestria um instrumento de physica, ou accende um fogareiro nos laboratorios chimico e pharmaceutico; — é a mesma, que nas horas destinadas a repousar d'insano trabalho, capaz de atrophiar o corpo com o espirito, vae Javrar primorosamente uma erotica poesia, elaborar um artigo de vasta erudição, e traçar os lineamentos d'um romance, d'um drama, ou d'um poema.

Esse homem, que vêdes entrar submisso e reverente para as aulas, que conta por seculos os segundos, que dura essa crise aterradorá, denominada com um epitheto muito peculiar, é o mesmo, que, horas depois, ve-

reis, radiante d'intelligencia e de orgulho, assistir a uma discussão litteraria e scientifica, severo e independente como um espartano.

Esse outro, que vêdes arrastar-se penosamente para a porta ferrea, pallido, frio, estiolado, como um cadaver, vel-o-heis, horas depois, flamejantes os olhos, rubras as faces, inspirar-se nas chamas azuladas d'um punch, recitar uma inspiração de momento, zombar dos tormentos, das privaões e da morte, como o lirio, que zomba nos vales dos insultos da tempestade.

Não quero, meu caro Meyrelles, fallar mais no meu passado. Goza-se immenso com estes sonhos; mas depois, quando se acorda, soffre-se muito.

Quizera dizer-vos alguma cousa do 5.º n.º da Revista, que tivestes a bondade de me enviar; mas esta carta já vai longa, e o tempo não me sobra.

Um artigo, com a epigraphe — *Socialismo* — assignado por um maneebo de bastantes esperanças, despertou-me o appetite d'escrever algumas linhas sobre o mesmo objecto. Será a continuação, ou antes o desinvolvimento do artigo — *Associação* — que se publicou no 1.º n.º da Revista. Mandal-o-hei para o n.º seguinte. Contai, meu caro redactor, com a sincera dedicação do vosso contemporaneo e amigo.

J. A. Santos e Silva.

Castello de Vide, 22 de Março de 1855.

Meu caro collega e amigo.

Não vos posso pintar as sensações agradaveis, que senti ao ler a vossa carta de 22 de Março proximo passado; e o prazer, que experimentei com a vossa tão valiosa cooperação para a publicação d'este jornal, de que fostes um dos principaes fundadores; confesso-vos, que, vendo-vos de novo entrar na estacada prompto a romper lanças pela patria, pela sciencia e pela liberdade, cobrei novos brios, e folguei do intimo d'alma, por vos ver outra vez alistado debaixo d'este pendão, que symbolisa o viver pelo espirito e pelo coração das geraões academicas. Parecestes-me um d'esses velhos paladinos, que, fieis ao seu juramento, e embora gastos pelos annos, e cortados pelo ferro das batalhas, acodem

sempre a um chamamento ás armas, e exultam d'alegria, quando se lhes offerece ensejo de pelejar em defeza da patria. D'ahi, d'esse modesto e obscuro asylo, para onde o destino vos arrojou, e aonde exercéis nobremente a vossa generosa profissão, acordastes ao clarim, que resôa n'esta terra das letras, na Athenas Lusitana, convidando para as luctas da intelligencia os nobres filhos de Minerva. Viestes, como sempre, armado de ferro e d'aço temperado na mais ardente fornalha, e atirando aqui e alli golpes tão rijos e tão profundos, que soubestes reduzir ao silencio do desespero esses vermes desprezíveis, que a vossa penna acremamente fustigou.

A vossa carta, accredita-me, ha de ser um perpetuo açoite, que lhes ha de dilacerar as carnes, e perturbar-lhes o somno nas suas infames orgias.

Pois que outra cousa são senão orgias essas perfidias tortuosas, esses enredos tenebrosos, esses manejos hypocritas, involtos em promessas pomposas, em palavras harmoniosas pela gloria, pela honra, pela liberdade? É como vós dizeis muito bem, *vapores, que um punhado d'ouro desfaz?*

Que são, meu caro amigo, os homens d'esta epocha, comparados com os de Sparta, d'Athenas, de Roma, com os Wasingtons e Franklins da America, senão sombras, que vagueiam impellidas ao acaso, e á vontade de todos os ventos, homens sem coração e de uma tempera tão effeminada, que beijam os ferros do despotismo, cantando hymnos á liberdade?

A essa velha geração, (porque eu chamo-lhe velha, a pezar d'ella contar em seu seio muitos, que principiam a ver a luz do dia, quando eu a vi) é-lhe necessario um novo baptismo, baptismo retemperado ao sol d'uma liberdade não sophismada, mas lealmente proclamada e garantida. Dizem, que vivemos no reinado d'Astrêa, em que as artes, a paz e a liberdade florescem; todos os dias esses eternos defensores das novas situações se afadigam em o proclamar. Póde ser, que assim seja; mas eu não o creio, e, como diziam, ainda não ha muitos dias, os dignos redactores da *Nação, para crer, menos em materia religiosa, é preciso ver.*

Permitti-me, que vos diga, meu caro collega, que para responder á vossa carta ser-me-tam precisos muitos dias, tanto ella abunda em serias e profundas reflexões sobre a vida, sobre o amor, sobre a mulher,

sobre a liberdade. Quizestes na forma do vosso costume, encerrar n'uma pequena area todos os vastos e immensos problemas, que agitam a humanidade, e por isso já vedes, que um tão fraco architecto como eu sou, não saberia manejar o cinzel em materia de tão subido lavor. Limitar-me-hei por tanto a alguns pontos, em que abundo completamente nas vossas idéas. É, quando dizeis, *que sem moralidade não concebeis uma permanente reorganização social.*

Antes d'isso evocae a sombra do vosso passado, e face a face com elle, n'um dialogo eloquente, mas triste como o vosso coração, vós lhe perguntaes pelos dias tão formosos e tão puros, *que já não voltam.* Então vendo, que elle não vos responde senão com o silencio do sepulchro, vosso peito sente-se cortado por uma indizível dor, e *pela saudade d'os, que se finam por mulheres, por homens, pela patria.* Depois dizeis, que soou já para vós a hora fatal das illusões perdidas, e *que a vida se vos affigura uma pungente ironia.*

Lendo esta parte da vossa carta, em que tocaes com o dedo nas chagas, que corroem o coração da nossa sociedade, recordei-me de uma conversa, que tive, ainda não ha muito tempo, com um dos homens mais honrados do partido progressista, e que vós conheceis muito bem, o D.^o Barjona. *O mal, dizia-me elle, não está nas instituições, mas n'essa desmoralização profunda, que se vai lentamente infiltrando nas veias da nova geração, mal terrível e ameaçador, de que não é possível prever os funestos resultados.* Desd'então confesso-vos, que sempre me preoccupou este juizo de um dos mais strenuos defensores da liberdade no nosso paiz, e sempre pensei, que o antidoto contra este pernicioso veneno só podia ser fornecido por homens, que, pondo-se á frente d'uma cruzada vingadora contra os abusos escandalosos e tyrannias disfarçadas, levantassem o paiz da prostração em que jaz, e elevassem os homens e as instituições á altura, que lhes compete.

Para isso, meu caro collega, julgo, que são precisas tres grandes virtudes — *fé, firmeza e lealdade*; *fé*, porque os povos não se regeneram, quando a palayra não sai dos lábios do apostolo baptisada no fogo, como a lava, que sai do seio inflamado do vulcão; *firmeza*, porque á vaga impetuosa dos interesses mesquinhos, das paixões odiosas, dos orgulhos enfatuados, é mister oppôr uma

outra vaga, que a faça recuar ou morrer no seu embate furioso; *lealdade*, porque o apostolado d'esses homens deve de ser exempto de toda a macula, puro como o pensamento, que lhes accende o peito, sublime como a imagem da liberdade, que elles invocam. Essa cruzada, façam-na os homens, que crêem no futuro da patria, jurem no fundo do seu coração de lhes consagrar todas as forças da sua alma, e Portugal será salvo.

A vós, meu caro amigo, e a outros, em quem não predominaram nunca as vozes do egoismo, que por ahí corre desenfreado, cabe o tomar a iniciativa n'esta grande obra de regeneração.

Sabeis, que a grande revolução franceza de 1789 não nasceu nem n'um dia nem n'uma hora, que antes foi um parto lento e doloroso, que sahiu das entranhas dos grandes homens, que a geraram.

Rousseau, escrevendo o *Contracto Social*, e Voltaire minando com o sarcasmo os alicerces da velha sociedade franceza, bem sabiam, que um dia aquellas idéas, lançadas por elles no solo, haviam de pular e florescer. O cataclysmo de 1789 foi a trombeta fatidica, que resouo n'este valle de Josaphat chamando os povos a um combate terrível da egualdade contra o privilegio, da liberdade contra a tyrannia.

Nós outros, que desde 1820 nos revoltamos dolorosamente n'um leito de Procusto, sem nunca atinarmos com o remedio, que nos póde salvar, só poderemos regenerar-nos, quando a probidade, a independencia e a honra tomarem o lugar da intriga e do cynismo.

Ha na vossa carta um pensamento, que não saberia ser assaz recommendado aos que ainda se sentem animados de fé e esperanza no futuro de Portugal; é, quando dizéis, *que é preciso, que os que apregoam hoje as sublimidades sociaes, amanhã, em vez de escandalosas transformações, actuem constantemente sobre a sociedade, com a sua influencia lenta, benefica, moral e civilisadora.*

O resto da vossa carta é um longo suspiro de saudade e d'amor a essa Coimbra, que deixastes o anno passado, e a esse viver tão sonhado e tão poetico da vossa juventude. Não! meu caro amigo, não foi de balde, que appellastes para o meu testemunho. Como vós, amo essa terra, em que também me correram seis annos d'existencia, ora agitada pelo vento das paixões, ora

quieta e serena como as aguas do seu rio Mondego; e como um grande cantor da nossa terra posso também dizer

Tudo allí me falla, tudo,—
D'esse tempo que lá yae,
Quando nas lides do estudo
Tive em cada mestre um paé;
Falla-me o sino da torre
Com um som, que nunca morre
Nos echos, que a vida tem;
Fallam-me os dias d'outr'ora
C'um folguedo em cada hora,
Com horas, que mais não vêm.

Não tarda, meu caro amigo, que o ultimo adeus da despedida seja trocado entre os que durante cinco annos se assentaram nos mesmos bancos, irmãos pelo coração e pela intelligencia. Mas esse abraço fraterno será por ventura o ultimo? Deus o sabe.

O que é verdade, é, que a quadra romanesca passou para os que se vão de Coimbra, e começa para muitos dos que lá ficam, e que nos vêem partir, os insensatos, com pena e com dor, por lhes parecer, que vamos encontrar fóra d'alli a felicidade.

Mas para ter saudades de Coimbra, meu caro amigo, é preciso estar longe d'ella; assim eu agora, vós estou escrevendo d'ao pé da Serra da Estrella, n'esta patria de Viriato, e aonde não ha uma pedra, que não excite gloriosas recordações. Como o ar aqui é puro e vivificante! É o mesmo, que soprou nas faces a esses bravos defensores dos montes Herminios. Foi aqui, que as aguias romanas fugiram aos golpes de cajado dos pastores lusitanos. Lá fui assentar-me sobre as velhas ruinas de Bobadella. Passei por debaixo d'um arco de triumpho, derradeiro vestigio da sua antiga opulencia. A cidade romana é hoje uma obscura aldéa. Um ancião veneravel, em quem as tradições antigas estão misturadas com o fogo vivaz da liberdade, me acompanhava n'esta digressão.

Alli, sobre aquellas ruinas do tempo fallámos sobre o futuro de Portugal, e vi-lhe os olhos flamejarem-lhe d'alegria, quando lhe fiz esperar, que a bandeira republicana havia de um dia abrigar debaixo das suas dobras todos os filhos d'esta terra. Chama-se elle Custodio Antonio d'Abreu. Eis aqui uma das poucas excepções á regra geral no nosso paiz. Mas não foi o unico, que encontrei d'estas idéas nesta terra, aonde o elemento predominante é pela realza antiga. Um d'estes dias fui visitado por um

outro, que entre outras coisas lisongeiras, que me disse, me assegurou, que me era muito afeiçoado. Perguntei-lhe, em que lhe era devedor de tão grande interesse. Respondeu-me — Porque sois livre.

Aqui tem o meu amigo, como n'este pequeno canto de Portugal a liberdade ainda tem dois ardentes apóstolos.

Quizera ser mais extenso, mas receio tomar-vos o tempo, que vos é tão precioso.

Acceitai, meu caro amigo, a certeza de que sou com sincera estima

Vosso collega e amigo

Alexandre Meyrelles.
Oliveirinha, 4 d'Abril de 1855.

O que é verdade, é que a guerra tomou

MANUSCRIPTO
Vindo de Sancta Helena.

Eu não escrevo commentarios, porqué os acontecimentos do meu reinado são bem conhecidos, e não tenho obrigação de alimentar a curiosidade publica.

Vou publicar o summario d'estes acontecimentos, porque o meu caracter e as minhas intenções podem vir a ser desfigurados no mundo; e eu quero, que meu filho e a minha posteridade me conheçam tal, qual eu fui.

A isto se limita o objecto d'este escripto, que, por um modo irregular, sou forçado a dar á luz. Se elle houvesse de passar pelas mãos dos ministros inglezes, estou bem certo, que ficaria sepultado nas suas secretarias.

A minha vida tem sido tão prodigiosa, que os admiradores do meu poder assentaram, que até a minha infancia tinha sido extraordinaria. Com tudo, nos meus primeiros annos nada ha, que seja singular; fui simplesmente uma creança obstinada e curiosa. A minha primeira educação foi miseravel, assim como tambem o, que se fazia na Corsega. Apprendi facilmente o Francez com os militares da guarnição, com os quaes passava o meu tempo. Sempre sahia bem de quanto emprehendia, porque eu o queria: todas as minhas vontades eram fortes, e o meu character decidido. Nunca hesitei; o que me deu superioridade sobre toda a gente.

Mas a vontade depende da tempera do in-

dividuo; e nem todos podem ser senhores da sua vontade.

O meu espirito induzia-me a detestar as illuzões. Sempre discerni a verdade ao primeiro golpe de vista.

E esta é a razão, porque sempre vi melhor do que ninguem o fundo das cousas. Olhei sempre para o mundo como elle é de facto e não de direito. Por isso quasi que me não tenho parecido com ninguem. Por natureza vivi sempre á parte do resto dos homens.

Nunca pude perceber, que proveito poderia tirar dos estudos; e de facto elles não me têm servido senão para aprender methodos. Só algum fructo tirei das mathematicas. O resto nunca me serviu de utilidade; mas estudava por amor proprio.

Minhas faculdades intellectuaes iam-se com tudo desinvolvendo sem eu cuidar n'isso. Mas ellas não consistiam senão em uma grande mobilidade de fibras do meu cerebro. Eu pensava muito mais rapidamente do que os outros homens; e assim sempre tive mais tempo do que elles para reflectir. N'isto é que tem consistido toda a minha profunda capacidade.

A minha cabeça era activa de mais para me entreter com os divertimentos ordinarios da mocidade. Todavia não lhe fui absolutamente indifferente, mas ao mesmo tempo procurava cousas, que me interessassem; e esta disposição me punha em uma especie de solidão, na qual não encontrava senão os meus pensamentos. Esta particularidade passou a ser habitual em todas as situações da minha vida.

Folgava de resolver problemas, e os ia buscar ás mathematicas; achei porém logo uma grande quantidade, porque a ordem material é muito limitada.

Procurei-os na ordem moral, e é o trabalho, em que fiz mais progressos. Estas minhas indagações tornaram-se habituaes; e a ellas devo os grandes adiantamentos, que fiz fazer á politica e á guerra.

O meu nascimento destinava-me para o serviço militar, e por isso me puzeram nas escholas militares. Alcancei a patente de tenente no principio da revolução, e nunca recebi titulo, que me causasse tanto prazer como este.

Toda a minha ambição se limitava então a poder trazer ainda um dia duas dragonas de cachos: um coronel de artilharia me parecia o *non plus ultra* das grandezas humanas.

N'essa epocha era eu ainda demasiadamente moço para tomar interesse na politica. Ainda não julgava dos homens em massa. Assim nem me admirava, nem me assustava com as desordens d'esse tempo, porque não podia comparal-o com outro. Accomodei-me com o, que achava. Nem eu era ainda difficil de accommodar-me.

(Continúa).

AOS AÇOREANOS OCCIDENTAES.

Ao ler o *Açoreano Oriental*, não nos podemos furtar ao desejo de significar aos nossos conterraneos as impressões agradaveis, que recebeu nosso coração, á vista do interesse e zelo da Junta Geral do Districto da Horta, pelo bem star e prosperidade da nossa patria; nem era d'esperar menos da Junta, attento a preclaros e benemeritos cavalheiros, que a compoem.

Abundamos nas idéas da Junta, e todo o nosso empenho é vel-as quanto antes realizadas; porque a criação de escolas d'instrucção primaria no nosso Districto é uma necessidade absoluta. Quantos paes, a bem pezar seu, não dão a seus filhos o primeiro grau d'instrucção, já por falta de mestres, já por não lhe ser possível dispendir uma quota mensal de quatro ou seis tostões?

Necessitam-se, a nosso ver, duas escolas, pelo menos, em cada freguezia; uma de meninos, outra de meninas. E ainda que ha em todas as povoações de Portugal uma necessidade identica, ha todavia nos Açoreanos uma docilidade e tendencia para o aperfeicoamento e desenvolvimento moral, que a todos convida a pugnam exclusivamente pela sua instrucção.

Nem é para admirar haver nos Açoreanos uma tal tendencia, porque isto não é mais, que o resultado de todas as circumstancias climatologicas, que influem sobre os Açores. O seu solo, de natureza vulcanica, é, por isso mesmo, secco e saudavel. A extensão limitadissima de cada ilha, em contacto com a enorme massa d'agoas, cuja temperatura é mais elevada no inverno, e menor no estio, do que a do solo, torna as temperaturas extremas da atmosphera n'estas duas estações mais regulares. No estio a intensidade calorifica dos raios solares, devida á perpendicularidade d'estes, é diminuida pelas dozes brizas do mar, e no inverno estas mesmas brizas dulcificam o rigor do frio, devido á obliquidade dos mesmos raios. A latitude de 38° a 39° graus, em que estão os Açores, contribue igualmente para que seu clima seja doce e animador, e proprio para um perfeito desinvolvimento physico e moral.

Ora das duas escolas d'instrucção primaria, de que ha mistér cada freguezia, a do sexo masculino deve ser tambem nocturna, porque abrindo-se só de dia, é uma pequena parte, que utiliza, em quanto que todos os mancebos de cada freguezia sem roubarem horas ao seu trabalho, indispensavel para sua manença, podem de

noute cultivar seu espirito em quanto seus braços estão ociosos, e adquirir certos conhecimentos, que de prompto contribuam para a sua felicidade; pois que não tendo sido ainda vedada a emigração para o Rio de Janeiro, os *escravos brancos*, que souberem ler, poderão feitorisar os negros; e assim em vez do seu trabalho ser quadruplicadamente mais penoso, do que o, que tinham em sua patria, podem por ventura ser mais felizes. E aquelles de nossos compatrioticos, que demandarem os Estados-Unidos, poderão alli duplicar seus interesses.

Quando dizemos, que a emigração não foi ainda vedada, não é para censurar o governo de não ter tolhido a liberdade, que tem cada individuo de buscar sua manença, onde melhor lhe aprouvé, mas sim de não facilitar as vias de communicacão entre os Estados-Unidos e Açores; porque os nossos compatrioticos, que a elles se acolhem, além de partilharem da affabilidade e confraternidade de seus habitantes, tem um salario avultado, e, quando regressam, a sua educacão é mui differente d'a dos *desertores* do Brazil.

Mas infelizmente só emigram para New-York e Boston os, que contam de prompto cincoenta patacas pelo seu transporte. Em quanto que para o Rio de Janeiro embarca cada qual com seu corpo e uma mala aprestada pelo sobre-carga.

Abundamos igualmente na idéa do Lazareto, por haver, quem propozesse construil-o, e ficar credor dos rendimentos até ao embolço total: aliás discordariamos preterindo-a por outra idéa, que, a nosso ver, deve ter a preferencia, porque, se não é igualmente vantajosa para o commercio, é todavia mais benefica e caridosa: — a criação de dous hospitaes, um na Ilha do Picó, outro nas das Florés; ou quando menos, provel-as de medicos e pharmaceuticos de partido.

É cousa altamente incrível, e profundamente escandalosa, que, duas ilhas dos Açores, uma de 30 mil habitantes, outra de 10 ou 11 mil com os do Corvo, sua adjacente, não possuam um medico, nem uma botica! É altamente incrível, diremos, quando se enumeram tres escolas medicas no nosso reino, e quando se topa com tantos medicos habilitados, sem terem que fazer!

Quantos medicos e pharmaceuticos d'os, que emigram para o Brazil, ou vivem nas aldeias do nosso reino, não haveriam maior fortuna, estabelecendo-se com sua clinica, ou botica em qualquer das ilhas dos Açores, ainda não providas de medicos? Por ventura sua manença não seria em parte provida pela generosidade d'aquelles povos, que ainda conservam certos ritos de seus ascendentes? Os fructos temporãos, os primores de Pomonia, não seriam premissas suas?

Muita gente ha, que forma uma idéa muito escassa do viver nos Açores. É de certo uma illusão, em que vivem! Não temos, é verdade, esse grande e continuo ruido da metropole, que nos estronda os ouvidos, porém gozamos do sonoro bulicio dos ramos, que meneiam em torno de nossas janellas. Não nos illumina esse gaz das paixões fortes da capital, porém surri-nos a virtude e a honestidade. Não se colhem nos Açores milhares de impressões diversas, mas vive-se uma vida toda pacifica, toda familiar. Além de que a clima dos Açores é mui cordeal para as phthysi-

cas pecuniarias. Quantos *phthysicos* d'esta ordem tem demandado aquellas paragens, que não tenham de prompto experimentado *melhoras*?

É indecoroso, que, desde o Município até os representantes do Districto nas Côrtes, ninguém suggerisse a idéa de libertar essa porção de compatriotas nossos, mal aventurados, e deploraveis até do desamparo, em que vivem; de se lhes prestar o balsamo salutar nos periodos da vida, os mais criticos: balsamo, que, quando mesmo muitas vezes não vivifica, illude o moribundo e diminue o pranto a sua familia.

Nem se diga, que o Pico pela sua proximidade do Fayal e S. Jorge, se pôde dizer soccorrido pelos medicos d'estas, porque só seus proprietarios abastados podem privar com elles, caso que validos de Neptuno; pois que muitas vezes decorre mais d'um mez, que o Atlantico com suas encarneiradas ondas torna o Pico incommunicavel com suas adjacentes; e mesmo no caso de mar bonança, como os *recipes* tem necessariamente de ser aviados n'alguma botica do Fayal ou S. Jorge, ha uma grande morosidade na applicação dos medicamentos, que, segundo a habitação do enfermo, pôde ser de um ou dous dias, e assim mui perniciosa e até fatal.

Mas nas Flôres nem para os abastados ha recursos; porque a ilha, que lhe fica mais proxima, é o Fayal, e entre estas só navegam barcos de tolda; de sorte que só alli vai medico grassando alguma epidemia, como por ex., o *andaço de bezigas*; mas n'este caso, attenta a difficuldade das communicações, quando o medico lá chega, está o andaço quasi extinto, e o lucto é quasi geral.

Ora o Fayal, a pesar de ter quatro a cinco medicos, não pôde dispensar nenhum; e não é sem grande difficuldade, que d'alli algum se ausenta mesmo por horas.

É impossivel, que o governo não subsidie uma instituição tão benefica e justa, lembrando-se dos juros de dez por cento, que recebe annualmente dos Açorês; juro de um capital, que é não menos, que o trabalho do agricola, juro, que é por ventura o proprio interesse do lavrador, quicá o saldo do seu desembolso; juro, que é só prerogativa nossa, e, a nosso ver, pelo facto de nascermos Açoreanos, porém Açoreanos *pacificos*. E devia igualmente lembrar-se da aquisição da receita das confrarias, receita só da igreja e para a igreja, e assim votada pelos testadores dos legados. E, se se ha de fazer uma applicação d'esta receita mui diversa d'aquella, que lhe deram essas almas virtuosas e justas, applique-se para instituições caridosas, e tão sanctas como a mesma igreja: o que se tem practicado no reino.

Como a Juncta enviou ao governo varios requerimentos, entregamos esta nossa idéa ao mui distincto e nobre Deputado do nosso Districto, que não ha mister instrucções da Juncta para represental-a em Côrtes; porque como nos coube a honra de o ter por Magistrado alguns annos, S. Exc.^a está amestrado por experiencia na falta da medicina no Pico; por isso, e pelos numerosos amigos, que tem n'esta ilha, estamos certos, que hade acceital-a com especial agrado; e mesmo, porque revestindo-se S. Exc.^a do seu reco-

nhecido valimento nenhuma difficuldade encontrará na realização de uma obra tão meritoria.

Tempos ha, que lemos, seguramente ha mais de um anno, haver chegado ao Fayal um prelo, para dar-se á luz um jornal; foi sobremaneira extraordinario o nosso jubilo, quando tal vimos: porque é vergonhoso, deploravel até, não haver um jornal na Horta: porém esta esperança alimentada por algum tempo com os desejos efficazes de uma tal realidade, porque *quod volumus facile credimus*, já se apagou.

Quaes sejam as razões convincentes, em que se estribam para a não publicação d'um jornal na Horta, não sabemos: porque havendo já o prelo, e sendo sustentado pelo governo, vencida estava a primeira e unica difficuldade—a material; pois que em quanto á moral, essa não a reputamos difficuldade, porque havendo no Fayal alguns bachareis formados, e alguns homens de conhecimentos vastos, facil seria comporem-se duas folhas por semana. Demais se razões ha, a nosso ver, vans opiniões, e delirios aereos, que dêem azo a não se publicar uma folha politica, publique-se uma litteraria, que não sei, que seja nociva, senão por instruir a quem a ler. E para sustentar-se pelo lado moral uma folha litteraria, seria sobeja a penna do nosso Reverendo Victorino José Ribeiro, de quem temos a honra de ser amigo.

Este varão, que hoje é só entre nós conhecido, mas que ha de sel-o para o futuro á quem e além dos Açores, depois da publicação de seus manuscritos; este ornamento da nossa Horta, e que terá nome distincto na litteratura portugueza do seculo XIX; este só escriptor dar-nos-ia uma folha litteraria, que rivalisaria em sublimidade de pensamentos, em elocução, e estylo com as melhores, hoje publicadas.

Se bem nos recordamos foi S. Exc.^a o Sr. Sampaio, Governador civil na Horta, quem se empenhou na realização d'uma idéa, que já ha muito vogava.

Custa-nos a crer, que tendo-se S. Exc.^a tornado digno de tantos louros pela sua brilhante administração, (como se infere da pedida conservação de S. Exc.^a na Horta) não tenha remediado esta falta.

Se S. Exc.^a se propôz dar á luz um jornal no Fayal, nada o repreza; reconhecemos-lhe independencia bastante, amor excessivo pelo progresso, e amor sem igual pelos foros e liberdades do raciocínio; e por consequencia se foi S. Exc.^a, quem nos quiz libertar d'esse estado retrogrado, em que jazemos submersos, essa esperanza, que dissemos apagada, ainda o não está, reluz-nos hoje, como em outr'ora. E se foi empreza d'algum particular, que retrogradou por fossil, a S. Exc.^a compete-lhe mais este louro.

Paremos por aqui. Mas mais de espaço voltaremos ao assumpto, a que nos propozemos, se o tempo nol-o permitir. E aguardamos tambem essa occasião, para fallarmos cerca d'um assumpto, que nos lembrou da Horta o nosso amigo cordial *Alexandre Pereira de Lacerda Junior*, que com a muita intelligencia, com que nol-a representa, nos confirmou o *conceito*, que de *sensato* já ha muito d'elle haviamos formado.

José Joaquim d'Azevedo.



1880

1:000
000
180

Por 1 ano
Por 6 meses
Annuo

Todos os artigos tomados de publicações e impressões de periódicos
do Rio de Janeiro, de Pernambuco, de Recife, de Bahia, de
Rio de Janeiro, de Pernambuco, de Recife, de Bahia, de
Rio de Janeiro, de Pernambuco, de Recife, de Bahia, de

Indicações para a Revista Acadêmica—em Lisboa, no tom de St. João, Rio
de Janeiro, no 3; no Porto, Braga e Guimarães, no tom de St. João, em
caso de Sr. Manoel Carlos d'Albuquerque e Valle; no Recife, no tom de St. João
de Janeiro, no tom de St. João, Rio de Janeiro.

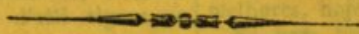




Preço da assignatura.

Por 1 anno	1:200 réis
Por 6 mezes.	600 »
Avulso	160 »

Pode-se assignar remettendo directamente a importancia da assignatura ao Redactor principal da REVISTA ACADEMICA, Alexandre Meyrelles, rua do Corpo de Deos n.º 34, em Coimbra. Toda a correspondencia deve ser franca de porte.



Subscreve-se para a REVISTA ACADEMICA—em Lisboa, na loja do Sr. Lavado, *Rua Augusta n.º 8*; no Porto, Braga e Guimarães, na loja do Sr. Moré; em S. Miguel, em casa do Sr. Manoel Cardoso d'Albergaria e Valle; na Terceira, em casa do Sr. José Bensabat; no Fayal, em casa do Sr. Rodrigo Alves Guerra.



REVISTA ACADEMICA

JORNAL MENSAL.

N.º 9—AGOSTO DE 1854.

INDICE DOS ARTIGOS.

Srs.		Pag.
	Vida de Luiz de Camões.....	161
M.	Instrucção Primaria.....	168
N. Xavier de Brito	Dezoito annos, (<i>poesia</i>).....	170
T. A. Ribeiro	Triste, (<i>poesia</i>).....	172
J. Joaquim d'Azevedo	Necrologio.....	173
M. F. de S. da M. e Silva.	Correspondencia.....	174
Manoel Maria Barbas	Dissertação physiologica.....	<i>ib.</i>
	Bibliographia.....	180

Coimbra

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

1855.

Sala 10
Gab. 7
Est. 7
Tab. 14
N.º 64

VIDA DE LUIZ DE CAMÕES.

Continuado de pag. 149.

Seria incompleta esta noticia sobre a vida de Luiz de Camões, se eu não dissesse aqui alguma cousa á cerca de todas as diferentes obras, que elle compôz, porque estas constituem a parte mais essencial da vida de um auctor, sendo as que manifestam a excellencia do seu ingenho e doutrina, e affiançam a sua reputação.

Diversos escriptores nacionaes e estrangeiros publicaram juizos criticos sobre o poema de Camões (sendo os melhores o de Manoel Severim de Faria, e o de M. Mickle); mas confesso, que nenhum me contentou cabalmente.

Uns, mesmo dos seus parciaes, arrastados pelas opiniões do seculo em que viveram, julgaram-no conformemente os seus prejuizos, e as regras da arte que tinham adoptado; outros, sem o ter lido no original, enganados por traducções infieis, e levados de diferentes preoccupações, o criticaram com uma severidade imperdoavel: assim, é para desejar, que algum d'os nossos homens de letras, reunindo ao amor d'ellas o da patria, e o do nosso Poeta, emprenda sobre os Lusíadas um trabalho similhante ao que Addison fez com tanta sagacidade sobre o *Paraiso perdido* de Milton.

Sem pretender supprir esta falta na nossa litteratura, nem satisfazer os desejos do publico esclarecido, seja-me permittido, para cumprir com a obrigação de biographo, fazer algumas reflexões, que indiquem o modo, por que eu julgo dever considerar-se este optimo poema, e façam ver que elle merece com razão ser estimado pelos estrangeiros, igual na execução aos melhores poemas epicos conhecidos, e pelos portuguezes, preferido a todos elles.

Em uma materia tractada antes de mim por tantos criticos, não é natural, que eu possa dizer cousas novas; mas o meu fim é tão sómente fixar a attenção sobre os pontos mais essenciaes, e sobre aquelles, que tem sido controvertidos, e incitar outras pessoas, mais capazes do que eu, a completar este trabalho, que só dou como um ensaio.

Luiz de Camões concebeu mui cedo o plano do seu poema, e segundo referi acima, tinha já composto uma parte d'elle, antes de partir para a India em 1553, d'onde o trouxe acabado em 1570. Não devemos esque-

cer estas epoeas, porque estabelecem um titulo de gloria para o nosso Poeta, de ser o primeiro entre os modernos, que compôz uma epopea regular, e justamente estimada.

É verdade que já antes d'elle tinha composto o Dante a sua *Divina Comedia*, e o Pulci e o Bojardo com as suas composições tinham aberto o caminho a um novo genero de poema, que Ariosto illustrou com o seu famoso romance de cavallaria, o *Orlando Furioso*: mas nenhuma d'estas composições, bellas no seu novo genero, pôde ser comparada ás antigas epoeas. O Trissino, que teve a pretensão de imital-as, mostrou-se tão inferior a uma tal empreza, que apenas se deve fazer menção da *Italia Liberata*, a qual ninguem hoje lê, ou pôde ler mais de uma vez. Tasso e Milton são posteriores a Camões.

A epopea, na accepção de Aristoteles e dos mais celebres criticos, é uma narração em verso das acções heroicas de grandes varões ou personagens.

A sua acção deve ser *uma, grande, e completa*.

O *estyllo* deve ser majestoso, serio, animado, e cheio de enthusiasmo.

Na composição deve a razão dirigir o Poeta, a imaginação deve ornal-a.

Estas são as regras principaes admittidas pelos criticos de todas as nações, porque são dictadas pela sã razão. Outras regras dependentes dos diversos costumes e gostos, tanto relativamente á maquina do maravilhoso, ou á intervenção das potencias sobrenaturaes, como pelo que diz respeito á natureza dos episodios, ou á escolha dos sujeitos, tem sido diversamente disputadas, e não podem considerar-se como regras geraes (*Voltaire, sur la Poésie épique*).

O nosso Poeta se conformou sem duvida aos preceitos os mais essenciaes; e só aquelles, que o não leram com attenção, e no original, podem culpá-lo de ter faltado ás leis da arte. Por certo não se negará, que elle satisfizera á primeira de todas, o reunir o *utile dulci*.

A epopea, na opinião universal, é a mais nobre producção das Bellas-Artes; é aquella, que exige no seu auctor a reunião de todas as qualidades e faculdades, das quaes uma só bastaria para executar bem outras composições. Ella tem por fim dar as lições mais importantes, e ensinar a verdade pelos mais agradaveis preceitos. O cidadão, o homem de Estado, os soberanos em fim devem alli

achar, e aprender a sciencia necessaria para cada um e para todos.

Luiz de Camões, animado pelo mais ardente amor da patria, e cheio de enthusiasmo pelo valor e constancia, com que a nação portugueza, não obstante a pequenez dos seus principios, tinha conquistado sobre os mouros o seu paiz; com que havia fundado a monarchia, e sustentado a sua independencia contra o poder superior de Castella; com que depois de a haver consolidado, tinha passado á Africa para pôr barreiras ao poder mauritano; com que tinha emfim atravessado novos mares, e estabelecido um vasto imperio no Oriente; empredeu erigir um monumento, o qual transmittindo á posteridade tão heroicos feitos, perpetuasse a gloria do nome portuguez, e attestasse, que nação alguma a tinha adquirido equal.

Elle imaginou pois um poema epico nacional, e quiz celebrar a primeira virtude dos Portuguezes, a sua heroicidade, sobre a terra e sobre o mar: portanto na sua exposição diz:

Eu canto o peito illustre lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram.

Para este fim escolheu o facto mais memoravel da historia portugueza como sujeito e acção do seu poema (o descobrimento da India por Vasco da Gama e seus heroicos companheiros); reuniu na narração como episodios adequados ao sujeito, e a esta acção, todos aquelles successos da historia de Portugal, que prepararam a nação para tão grande empreza, e para a fundação d'aquelle vasto imperio, que os seus heroes deviam estabelecer no Oriente; completou o seu plano, não só com o que diz respeito á acção principal, mas com tudo o que podia realçar a sua nação, e excitar a curiosidade dos vindouros.

Assim principia, e com razão:

As armas e os barões assignalados,
Que da occidental praia lusitana,
Por mares nunca d'antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana:

Entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram.

O descobrimento da India, conseguido pela navegação de Vasco da Gama, é a acção unica e completa do poema.

Este successo, quando se considera o estado dos conhecimentos nauticos na Eu-

ropa, o receio, que havia, antes das nosas expedições, de accommetter os mares a grandes distancias, a pequenez da nação, e da expedição, que empredeu esta descoberta, é uma das acções mais heroicas dos homens. A sua importancia, quando se reflecte nas suas consequencias, é, a meu parecer, maior que a das cruzadas. Todos os, que sabem a historia, não duvidarão, que as conquistas dos Portuguezes no Oriente enfraqueceram o poder dos Musulmanos, que ameaçava com ferros a Europa, e que da abertura directa da navegação, e commercio da Asia, resultou a extensão e augmento das riquezas, a liberdade, e civilização da Europa.

Mas quem será tão pouco curioso de conhecer as causas de acontecimentos extraordinarios, ou tão ingrato a uma nação, que assim beneficiou as outras, para não desejar saber as instituições e principios d'esta monarchia, que puderam fazer de cada Portuguez um heroe? É pois natural, que a maior parte dos homens tivesse a curiosidade de informar-se dos successos, que precederam este na historia de Portugal, como tambem d'os, que foram o resultado desta famosa expedição, e de conhecer os seus principaes heroes.

Assim devia pensar Camões, e conformar a estas vistas o plano do seu poema, em que se propunha celebrar o valor heroico dos Portuguezes, e portanto o intitidou, — *Os Lusíadas* —, e accrescentou no principio, que cantará:

Tambem as memorias gloriosas
D'aquelles reis, que foram dilatando
A fé, o imperio; e as terras viciosas
De Africa, e de Asia, andaram devastando;
E aquelles, que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando.

O que não destroe, nem offende a unidade epica do poema, antes completa o todo. Assim, as duas primeiras condições da acção foram observadas; e logo veremos, que igualmente o foi a terceira.

Na epoca litteraria, em que escreveu Camões, era julgado essencial na poesia, e sobre tudo na poesia epica, o emprego da mythologia; e era mesmo uma opinião geral, que os deuses da fabula eram personagens allegoricas: portanto Luiz de Camões para se conformar com a opinião do seu seculo, empregou este genero de maravilhoso nos *Lusíadas*: porém elle mesmo preveu

a objecção, e explicou com fina graça no canto X, est. 82 até 85, que são causas segundas personificadas para fazer versos delectosos.

Mas porque não empregou elle antes a intervenção dos bons anjos, e dos demonios no seu poema, como fez Torquato Tasso, poucos annos depois, em lugar do escandalo æsthetic, que nos offende de ver a intervenção dos deuses do paganismo num poema, em que os heroes professam os dogmas da religião christã? Posso responder; porque não julgou tão poetico este maravilhoso, como me persuado, seguindo nesta parte a opinião de Boileau, a qual adoptarão talvez os que examinarem imparcialmente este ponto. Ousarei dar outra razão fundada naquella tempo da nossa historia, e que não será recusada por todos os que a recordarem. Tinha elle por ventura a liberdade de escolher este ou aquelle genero de maravilhoso a que dêsse a preferencia? Direi mesmo o da *Gerusalemme*?

Os homens de letras, presentemente na Europa, crêem tão pouco nos deuses da gentildade, como na magica negra, e nas feitiçarias operadas pelos espiritos infernaes; e devem confessar, que, quando lêem os poemas da antiguidade, e o de Tasso, elles são obrigados a transportar-se com o pensamento aos tempos, em que qualquer d'estas opiniões era universal, para poder gostar as bellezas, que produzem, e receber a illusão causada por um e outro genero de maravilhoso. Sem esta illusão, não sentiriam emoção alguma, lendo os combates e opposição dos deuses em Homero, ou no Tasso a contrariedade dos espiritos infernaes, pretendendo disputar e luctar contra o poder celeste. E se isto tem lugar relativamente a Homero, e ao Tasso, porque não ha de succeder o o mesmo a respeito de Camões?

Sem duvida a intervenção dos deuses da gentildade nos *Lusiadas* produz bellezas eguaes ás que se encontram nos poemas dos antigos; e quando se lêem os *Lusiadas*, admittindo com o Poeta a opinião corrente do seu tempo, cessa todo esse escandalo, de que uma critica severa tem culpado sómente a Camões, quando o Tasso, e Milton cahiram tambem nesse pretendido defeito de introduzir nos seus poemas termos e figuras da mythologia. Mas quando uma critica nimiamente austera se obstine a julgar defeito este maravilhoso, qual é o poeta exempto d'elles? Horacio achou, que Homero dormia

algumas vezes: outros criticos o accusaram, e reprovaram a sua ficção ou transmutação dos deuses em mochos. Em Virgilio as deidades do paganismo não são representadas com tanta dignidade, nem a sua intervenção é tão poderosa como em Homero: a invenção das harpias é reprovada, e a metamorphose das naus em nymphas; e nos seus ultimos livros esfria o interesse. Se estes dous mestres da arte, um pela sua sublimidade, o outro pela pureza de seu estylo, não são exemptos de defeitos, é porque a natureza humana não comporta a summa perfeição.

Em lugar de arguir pois o nosso Poeta, poderiam antes notar o ingenho, com que elle soube introduzir no seu poema, como agentes e como causas segundas, os deuses gentilicos, vencendo uma grande difficuldade; e louvar igualmente a arte, com que ligou ao genero antigo da epopea, o da cavallaria, e o dos nossos costumes modernos, conservando sempre em ambos a elevação propria do poema epico.

Vejamos agora como toda a sua concepção é sublime na sua grande simplicidade, e como elle é de todos os modernos, atrevo me a dizel-o, o que mais se chegou aos grandes modelos da antiguidade, sem ser um servil imitador d'elles.

O plano do poema é conduzido com aquella regularidade classica, que os antigos estabeleceram. A fabula é implexa.

O Poeta nas primeiras estancias faz a exposição, invoca as nymphas do Tejo, dirige-se ao Senhor D. Sebastião para conciliar a sua benevolencia, e entra depois na narração, e no meio da acção.

Vasco da Gama, e os seus companheiros navegam ao longo da costa oriental de Africa, com o projecto de descobrir a India. Jupiter chama os deuses a conselho para decidirem sobre a sorte d'esta grande empreza. Baccho, que se julgava o primeiro conquistador da India, oppõe-se ao successo d'ella, por temer, que a sua gloria fosse escurecida. Venus e Marte favorecem os Portuguezes, porque esta nação se distinguia pelas qualidades, que elles mais apreciam. Jupiter cede a estas divindades. A esquadra chega entretanto a Moçambique. O regente mouro, instigado por Baccho, pretende destruil-a por fôrça, mas não o podendo conseguir, procura maliciosamente fazel-a entrar no porto de Mombaça, aonde Baccho lhe preparava novas traições. Venus apercebida

do perigo dos seus Portuguezes recorre a Jupiter, o qual manda Mercurio avisar Gama de largar este porto; ao que elle obedece, e vai lançar ferro em Melinde. O rei Melindano o hospêda amigavelmente, e lhe pede a narração tanto da sua viagem, como a da historia da nação portugueza, pela qual a fama lhe tinha feito conceber a maior admiração. Vasco da Gama satisfaz aos desejos do rei, e (como Eneas a Dido) lhe refere os factos mais notaveis e curiosos da historia de Portugal; e terminando com a narração da sua viagem até Melinde, pede a este soberano lhe dê um piloto, que o conduza á India. Apenas obteve este, e deu á vela, quando Baccho magoado desce ao fundo do mar, a supplicar Neptuno, e as deidades d'aquelle elemento, que destruam a esquadra portugueza. Neptuno excita uma tormenta, que os teria submergido, se Venus não tivesse vindo em seu soccorro, e acalmasse os ventos. Chegam felizmente em fim a Calecut na costa dô Malabar, aonde o Gama é bem recebido pelo Samorim, soberano d'aquelle paiz. Aqui, pela boca de Monçaide, dá o Poeta uma idéa da historia, religião, e costumes de Asia. Não perdendo de vista o engrandecer a sua nação, Camões imagina um meio na occasião da visita do primeiro ministro, o Catual, á nau de Paulo da Gama, que dê motivo a este capitão de satisfazer a curiosidade do Indio, narrando-lhe alguns dos feitos mais heroicqs dos Lusitanos. Baccho porém procura novos meios de animar e excitar os mouros de Calecut contra os Portuguezes, que representa como piratas, e de mover-lhe outras contrariedades. O Catual retém como prisioneiro o Gama, que nesta crise mostra a sua prudencia e fortaleza, e por fim obtem do Samorim a liberdade de embarcar-se, e voltar para a patria. Nesta volta, Venus, para recompensar os seus heroes validos, os faz abordar a uma ilha, aonde lhe havia preparado festas proprias para os alliviar das fadigas e trabalhos experimentados em tão ardua e grande empreza. Alli Tethys, que os recebe, faz ver a Vasco da Gama a extensão do imperio, que os Portuguezes fundarão na Asia, assim como os governadores, e grandes homens, que immortalizarão o seu nome naquella parte do mundo.

Estou persuadido, que, lendo o poema attentamente todos sentirão comigo, que esta composição excita o maior interesse; que o seu todo, considerado o sujeito da acção, é

extremadamente bem organizado; que as suas partes são muito correspondentes e apropriadas; e que é ao mesmo tempo de uma grande simplicidade, e de uma variedade agradável.

Todas as regras da arte relativamente á acção do poema se acham nelle preenchidas. Esta é unica, grande, e completa: os episodios lhe são naturalmente adaptados: as vicissitudes, que a suspendem excitam devidamente a curiosidade e o interesse.

Se neste poema não ha, como na *Iliada*, juncto ao principal heroe, um grupo de caracteres diversos, bem desenhados e sustentados, tambem na *Eneida* estes se não acham. E com tudo os caracteres de um Affonso I, de um João I, de Egas Moniz, de Duarte Pacheco, de Affonso d'Albuquerque, etc., valem bem os do forte Gyas, e Cloantho, e de Evandro, que tambem não formam grupo, e são introduzidos naquella poema admiravel.

Quanto aos episodios, que são um ornato essencial da epopea, devemos julgar a narração da historia de Portugal, a aventura dos doze Cavalleiros, que foram ás justas de Inglaterra, e os amores de D. Ignez, como verdadeiros episodios. A sua belleza é realçada pela maneira, com que são entresachados no poema.

Os sentimentos e a linguagem poetica dos *Lusiadas*, são os mais proprios, e convenientes a este genero de composição. Nem as personagens, que alli figuram, nem o Poeta apresentam ou exprimem um só sentimento, um unico pensamento, que não seja moral, generoso, heroico, e até sublime. Nesta parte distingue-se o nosso Poeta sobre todos depois de Homero, verificando a maxima de um celebre moralista, que *os grandes pensamentos nascem do coração*. E quem teve um coração mais elevado do que Luiz de Camões? No seu poema não ha nada vulgar, nem baixo; nenhuma vil lisonja, nenhum louvor dado, senão ao merecimento verdadeiro. O amor da virtude, do heroismo, e da patria resplandece constantemente, e deita um grande clarão.

Quanto á lingoagem e estylo poetico dos *Lusiadas*, o seu character é um tom sempre natural sem affectação, nobre, e levado muitas vezes ao sublime. Luiz de Camões pediu ás nimphas do Tejo que lhe dessem

... Um som alto e sublimado,
Um estylo grandiloquo, e corrente,
... Uma furia grande, e sonora: